**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

NICOLE NÖTHEN DE OLIVEIRA

***‘Através do estigma e o que se encontrou por lá’: Um estudo psicossocial
sobre identidade, metamorfose e violência.***

**São Paulo
2014**

NICOLE NÖTHEN DE OLIVEIRA

***‘Através do estigma e o que se encontrou por lá’*: Um estudo psicossocial
sobre identidade, metamorfose e violência.**

(Versão original)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientadora: Professora Titular Eda Terezinha de Oliveira Tassara

**São Paulo
2014**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Oliveira, Nicole Nöthen de.

‘Através do estigma e o que se encontrou por lá’: um estudo psicossocial sobre identidade, metamorfose e violência / Nicole Nöthen de Oliveira; orientadora Eda Terezinha de Oliveira Tassara. -- São Paulo, 2014.

159 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicologia Social 2. Identidade 3. Estigma 4. Metamorfose 5. Violência I. Título.

HM251

Nome: Nicole Nöthen de Oliveira

Título: *‘Através do estigma e o que se encontrou por lá’*: Um estudo psicossocial sobre identidade, metamorfose e violência.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura _____

À minha mãe, Leda (*in memoriam*), que
me ensinou que o amor é o que há de mais
importante na vida.

Ao meu pai, Mário, que me ensina
diariamente a encarar a vida com alegria,
apesar das dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa não é feita somente de interesse científico, é também feita de afeto, lembranças, sonhos, esforço, perseverança, encontros, acasos ou não, além de suor, sangue e lágrimas. O caminho é árduo, mas também é belo. E o que faz a beleza do caminho, no fim das contas, são sempre as pessoas. Agradeço, assim, àquelas que tornaram possível, suportável e belo, o meu tempo de mestrado em São Paulo...

À minha mãe, Leda (*in memoriam*), e ao meu pai, Mário, que sempre e muito se esforçaram para me dar um bom futuro, apesar de todas as dificuldades. A conquista de ter completado esta etapa é mais uma homenagem a eles, pelo amor que me ensinaram a ter pela vida e pelos estudos.

Ao meu namorado, Diogo, pelo seu amor, carinho, paciência e apoio ao meu sonho de fazer mestrado na USP, mesmo significando ter de suportar a distância. Sem ele, a realização deste sonho não teria sido possível. Agradeço por agüentar a ausência e, por muitas vezes, a presença conturbada de uma mestranda.

Ao amigo e professor Omar Ardans, cujos trabalho e espírito me inspiram desde que nos conhecemos em 2006, na Universidade Federal de Santa Maria, onde em seguida demos início às atividades do LAPSI-UFSM. O seu trabalho com a Psicologia Social e o seu modo de vida democrático inspiram minha própria busca científica e minha postura para com a vida e com a profissão de psicóloga e pesquisadora. Agradeço todo o apoio e suporte que me deu nesta empreitada e em tantas outras, em especial no papel de co-orientador extra-oficial desta dissertação.

À Professora Eda Tassara, por me ensinar que Ciência, Política e Ética devem andar juntas, se quisermos construir de forma compartilhada um futuro melhor para o mundo. Agradeço por abrir as portas do LAPSI-USP para mim, me receber como orientanda e me dar um voto de confiança. Acompanhá-la, estar no LAPSI e participar de seus projetos, “no chão da fábrica”, foi e é um aprendizado constante e imensurável, além de um privilégio.

Ao grupo de pesquisadores do LAPSI-USP, Ana Paula Soares, José Oswaldo Oliveira, Sandra Greger, Mariana Malvezzi, Neuza Abbud, Cilene Gomes, e outros ainda, companheiros de trabalho e reflexão, com quem compartilhei as jornadas de ida a campo e os momentos de estudo, pelas contribuições, cada uma a sua maneira, para a minha pesquisa e para a minha vida.

À família que gentilmente me recebeu em sua vida, contando-me a respeito de suas histórias, seus anseios e seus desejos de um mundo melhor e que, dessa forma, deram corpo (e vida) aos dados da minha pesquisa.

À Ticiane Lúcia dos Santos, colega da graduação em Psicologia e grande amiga, que não só foi apoio psicológico à distância, mas contribuiu de forma definitiva para o rumo deste trabalho – o livro “Alice no país do espelho” foi seu presente, em atenção ao meu interesse pelas aventuras de Alice e sua representatividade para assuntos de Psicologia Social.

À Nalva Gil e Rosângela Sigaki, secretárias do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia, pelo carinho, atenção, dedicação e grande amizade de todos os dias. Por causa delas, o trabalho é sempre o melhor que pode ser.

À Denise Jorge, amiga e colega de mestrado, pelo carinho e companheirismo de sempre, e pelas estadias para o trabalho de campo dos projetos do LAPSI. Agradeço pela companhia e suporte em tempos difíceis de mestrado.

À Munick Pierre, Alana Menk e Cristina Cravini, amigas, vizinhas e primeiras companheiras de verdade para enfrentar a “Selva de Pedras” que é São Paulo. Em suas amizades, encontrei o calor humano que, por muitas vezes, é tão difícil encontrar nesta cidade.

À Mariana Carminati e Tiago Marin, colegas de mestrado, pela amizade e apoio, nos sempre corridos encontros devido à rotina de pós-graduação. Estes poucos encontros no corredor do IP ou nos almoços do bandeirão me ajudaram mais do que possam imaginar.

À Diane Portuguez, pela amizade tipicamente paulistana: à distância, porém, com muito afeto. Aproveitamos bem os poucos encontros presenciais em congressos e almoços quase sempre mediados pelo “Ardans”.

À Vivian Bauche Machado e Karina Schmidt Brancher, que gentilmente abriram as portas de suas casas, respectivamente no início e no fim do meu período de estadia em São Paulo, para receber uma mestranda “em transição”.

Aos demais amigos que estiveram e estão distantes, cada um em sua empreitada de vida e profissão, mas que permanecem na torcida e dando apoio aos meus sonhos, cada um a sua maneira.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), pelas bolsas de treinamento técnico e de mestrado, respectivamente, que viabilizaram os trabalhos por mim realizados.

Oliveira, N. N. (2014). *‘Através do estigma e o que se encontrou por lá’: Um estudo psicossocial sobre identidade, metamorfose e violência*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RESUMO

A presente investigação teve por objetivo estudar a história de vida de uma família em um bairro (localizado em uma cidade do Vale do Paraíba-SP) estigmatizado pela violência. Buscou-se, com este estudo de caso, a melhor compreensão da maneira como a violência opera neste lugar e quais as consequências disso para as identidades de seus moradores – no caso, os membros da família entrevistada. O método utilizado para a coleta de dados foi o percurso comentado / itinerário, o qual consiste em caminhadas com os sujeitos da pesquisa pelos lugares onde vivem, enquanto relatam sua história de vida nestes lugares. A postura adotada para a realização dos procedimentos de coleta inspirou-se na abordagem etnográfica, atentando-se para as peculiaridades de uma etnografia contemporânea. Para a apresentação dos dados foi escolhida a forma de narrativas de personagens, fazendo-se um paralelo com a história de Lewis Carroll – “Alice no país do espelho” (ou “Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá”), e cotejando-se com observações da pesquisadora. A análise dos dados teve inspiração na análise literária e na escrita etnográfica, ou seja, articulando os momentos de “estar lá” (no campo da pesquisa) e de “estar aqui” (de volta à universidade), e buscando a interpretação das narrativas à luz de teorias que versem sobre os temas emergidos das falas. A partir dos relatos e da articulação teórica oferecida neste trabalho, buscou-se visualizar de forma mais clara o possível caminho através do qual emerge o que se chamou de “violência” no território estudado. Para isso, o trabalho apoiou-se em teorias psicossociais e dramáticas da identidade, tais como a do interacionismo simbólico, focalizando o processo de estigmatização, tal como entendido por Goffman. E para o melhor entendimento da dinâmica social atuante no território em questão, buscaram-se subsídios em teorias providas da psicologia socioambiental, em particular, a contribuição dos estudos urbanos, e, ainda, em teorias que versam sobre a marginalidade social, tais como a obra de Quijano. A título de conclusão, poder-se-ia entender que a questão da violência não pode ser atribuída somente a características individuais, nem apenas à sociedade em que o indivíduo se encontra inserido. Espera-se ter evidenciado, através das discussões, que a problemática existente no território estudado – a questão da violência – pode ser identificada como resultado ou até como um elemento intrínseco a determinadas interações humanas e estruturas sociais (estereotipadas, hierarquizadas e subjugadoras, gerando, assim elementos marginais); e que a sua maior contraposição é representada pela possibilidade de metamorfose (nos âmbitos individual e coletivo, constituindo aquilo que é propriamente humano) e pela participação verdadeiramente ética e política, de atores sociais capazes de serem protagonistas não somente de suas próprias histórias mas também do contexto que os rodeia.

Palavras-chave: Psicologia Social, Identidade, Estigma, Metamorfose, Violência.

Oliveira N. N. (2014) *'Through the stigma and what was found there': A psychosocial study of identity, metamorphosis and violence*. Master's Thesis, Pshychology Institute, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ABSTRACT

This research aimed to study the life history of a family in a neighborhood (a city located in Vale do Paraíba-SP) stigmatized by violence. We sought, with this case study, a better understanding of how violence operates in this place and which are the consequences for the identities of its residents - in this case, the family members interviewed. The method used for data collection was the route commented / itinerary, which consists of walking with the subjects in the places where they live, while reporting his story of life in these places. The posture adopted for carrying out the procedures of collection was inspired by the ethnographic approach, considering the peculiarities of a contemporary ethnography. For the presentation of the data, we chose the form of narratives of characters, making a parallel with the story of Lewis Carroll - "Through the Looking-Glass and What Alice Found There"), and interpolating with observations of the researcher. Data analysis took inspiration in literary analysis and ethnographic writing, ie, articulating the moments of "being there" (in the research field) and "being here" (back to the university), and sought the interpretation of the narratives under the light of theories that deal with the themes emerged from the speeches. Based on the narratives and on the theoretical articulation offered in this work, we attempted to visualize more clearly the possible path through which emerges what is called "violence" in the studied territory. For this, the work was based on psychosocial and dramaturgical theories of identity, such as the symbolic interactionism, focusing on the process of stigmatization, as understood by Goffman. And for the better understanding of the social dynamics acting in the territory in question, we sought grants in theories of environmental psychology, in particular, the contribution of urban studies, and also in theories that deal with the social marginality, such as the work of Quijano. In conclusion, it would be possible to understand that the issue of violence can not be attributed only to individual characteristics, nor only to the society in which the individual is inserted. We expect to have demonstrated, through the discussions, that the existing problematics in the study area - the issue of violence - can be identified as a result or even as an intrinsic element to certain human interactions and social structures (stereotyped, hierarchical and dominator, generating, this way, marginal elements); and that his greatest contraposition is represented by the possibility of metamorphosis (at the individual and collective levels, constituting what is properly human) and by the truly ethical and political participation of social actors, capable of being not only the protagonists of their own stories but also of the context that surrounds them.

Key-words: Social Psychology, Identity, Stigma, Metamorphosis, Violence.

SUMÁRIO

	PARTE I	10
1	APRESENTAÇÃO	12
2	NO MUNDO DO ESTIGMA	15
2.1	O início da jornada	15
2.2	Dona Maria (A Rainha)	18
2.3	Tweedledum e Tweedledee / As Margaridas	29
2.3.1	Laura (Tweedledum)	29
2.3.2	Gabriela (Tweedledee)	44
2.4	A Lebre e o Chapeleiro Louco / Os Mensageiros	48
2.4.1	Daniel (A Lebre / Haigha)	48
2.4.2	Alexandre (O Chapeleiro Louco / Hatta)	53
	PARTE II	68
1	PSICOLOGIA SOCIAL: IDENTIDADE E ESTIGMA	70
1.1	Considerações sobre a Psicologia Social e seu objeto	71
1.2	A perspectiva do Interacionismo Simbólico	73
1.3	A “definição da situação” (ou a porta de entrada da interação humana)	76
1.4	A atribuição do estigma (ou sobre portas fechadas)	78
1.5	Identidade (ou “Ser ou ‘estar-sendo’? Eis a questão.”)	79
1.5.1	A identidade e os reflexos no espelho	80
2	PSICOLOGIA SOCIOAMBIENTAL: SOBRE O TERRITÓRIO COMO “GUETO”, AS POPULAÇÕES MARGINALIZADAS E A VIOLÊNCIA	83
2.1	Breve histórico da Psicologia Ambiental	83
2.2	A contribuição dos estudos urbanos	86
2.3	O “gueto” de Wirth e alguns desdobramentos deste conceito	89
2.4	Do “homem marginal” de Park às populações marginalizadas	95
2.5	Da “violência” como criminalidade à cultura da violência	100
3	DA METAMORFOSE IDENTITÁRIA À METAMORFOSE SOCIAL	104
4	O MUNDO DO ESTIGMA À LUZ DA PSICOLOGIA SOCIAL	110
4.1	O bairro	110
4.2	Dona Maria, Laura e Gabriela	115
4.3	Daniel	117
4.4	Alexandre	120
4.5	A violência	121
	PARTE III	123
1	CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS METODOLÓGICOS	124
1.1	Sobre o método	129
1.1.1	Método de coleta de dados	129
1.1.2	Método de análise dos dados	131
1.2	Sobre o encontro entre os objetivos iniciais do estudo e as narrativas	132
1.3	Sobre a ética da pesquisa	136
2	CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	142
	APÊNDICES	153
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Participante)...	154
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Responsável)...	155
	APÊNDICE C – Notas sobre o percurso da pesquisadora e da pesquisa	156

PARTE I

*Somos feitos de átomos, dizem os cientistas. Mas
um passarinho me contou que também somos
feitos de histórias...*

Eduardo Galeano

1 APRESENTAÇÃO

O trabalho a ser exposto aqui consiste em uma dissertação de mestrado. Logo será possível perceber que não é uma dissertação padrão, pois fugirá aos habituais protocolos de apresentação, ordem e estilo. Mas peço um voto de confiança para tal empreitada. O que guiou este trabalho é aquilo no que consiste, para mim, a beleza de pesquisar na área de Psicologia Social: a riqueza de possibilidades de abordagens, perspectivas, métodos, procedimentos, análises... E, acima de tudo, a riqueza do *encontro* entre pessoas.

Uma pesquisa em Psicologia Social busca estudar aspectos intrínsecos à vida humana, considerando que a vida humana é uma vida social – constituída a partir de interações. Assim, é com olhar de humano, inserido em uma trama social, que o pesquisador olha para outros humanos também inseridos em uma trama social, buscando compreendê-los.

E desse encontro, surgem os “dados”. E como Ciampa (1987) diz, “o dado é o resultado do dar-se” (p. 153). No caso do pesquisador, é entregar-se a um encontro para ver o mundo através dos olhos de outra pessoa. No caso do sujeito da pesquisa, é confiar e apresentar-se a um *outro*, contando coisas sobre si mesmo e sobre seu mundo. E nesse próprio contar, reinventar-se.

A *identidade psicossocial* – um dos temas centrais desta dissertação — pode ser vista, também, como esse contínuo “dar-se”. Neste sentido, Ciampa, em seu trabalho intitulado “*A estória do Severino e a história da Severina. Um ensaio de Psicologia Social*” (Ciampa, 1987), faz uma discussão sobre *identidade* através da análise de personagens: *Severino*, personagem ficcional do poema de João Cabral de Melo Neto¹, e *Severina*, mulher de verdade transformada em personagem pelo autor. De acordo com Ciampa, identidade é *metamorfose* e se constitui na “articulação de várias personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo e constituída por uma história pessoal” (p. 156-157).

Na mesma esteira, a tese de doutorado em Psicologia Social de Okamura (2004), “*Arouche 2004: Uma incursão no território urbano da cidade de São Paulo através de seus personagens. Estudo psicossocial sobre encontros e desencontros entre olhares, imagens e paisagens – Diagnóstico para uma intervenção ambiental*”, apresenta os sujeitos entrevistados como personagens, e o território, como um cenário / palco onde eles desempenham seus respectivos papéis. Tal abordagem foi fundamentada em autores como

¹ O poema intitula-se “*Morte e vida severina*”, de autoria de João Cabral de Melo Neto, publicado em 1955. Relata a trajetória de um retirante nordestino, em busca de uma vida melhor.

Todorov (1973)², por exemplo, para definir a autora da tese como narradora e, ao mesmo tempo, personagem, já que interage com os personagens-sujeitos da pesquisa³.

Outros autores trazidos por Okamura contribuem para o entendimento da própria vida humana como o desempenho de papéis / personagens, tais como Magaldi (1999) e Rosenfeld (1973). Acrescentaríamos a estes autores Erving Goffman, em sua obra “*A representação do eu na vida cotidiana*” (Goffman, 1959), onde ele apresenta uma perspectiva da interação social de caráter dramático – como uma representação teatral. Dessa forma, a interação social que, para Goffman, é uma interação simbólica (pela comunicação), se daria através da representação de papéis.

É a partir do contato com estas obras centrais que surgiu a inspiração de relatar o que ocorreu em minha pesquisa em forma de história narrada. A mim, coube o papel de personagem-narradora, “contadora” daquilo que vi, ouvi, senti e experienciei...

Outra obra relevante, ainda, é a continuação de “*Alice no país das maravilhas*” – história de Lewis Carroll (1871) – traduzida no Brasil como “*Alice no país do espelho*” ou “*Alice através do espelho e o que ela encontrou por lá*”⁴.

Desta vez, Alice sonha estar “na casa do espelho” (constituída pelas imagens refletidas – geralmente invertidas – no espelho de sua própria sala de estar). Lá, ela vai desvendando um mundo organizado de forma semelhante a um *tabuleiro de xadrez* – jogo através do qual deverá se mover a fim de se tornar a “Rainha”. À medida que vai avançando neste mundo, vai conhecendo e interagindo com os personagens que encontra pelo caminho. O funcionamento do mundo do espelho nos mostra uma lógica de diferenças, oposições e contradições, e cada personagem que Alice encontra vai revelando um pouco mais deste cenário.

² “... aquele que assume o discurso, o ‘sujeito da enunciação’, o narrador. É o agente de todo o trabalho de construção, encarna os princípios a partir dos quais se fazem juízos de valor, é ele que dissimula ou revela os pensamentos dos personagens, fazendo-nos partilhar de sua concepção da ‘psicologia’, ele escolhe entre o discurso direto e o transposto, entre a ordem cronológica e as transformações temporais. Não há narrativa sem narrador. Há um limite intransponível entre a narrativa em que o narrador vê tudo aquilo que o seu personagem vê mas não aparece em cena e a narrativa em que um personagem-narrador diz ‘eu’. Confundi-los seria reduzir a linguagem a zero. Ver uma casa e dizer ‘estou a ver uma casa’ são dois atos não só distintos mas opostos. Os acontecimentos nunca podem ‘contar-se a si próprios’; o ato de verbalização é irreduzível., senão confundir-se-ia o ‘eu’ com o verdadeiro sujeito da enunciação, que conta o livro. A partir do momento em que o sujeito da enunciação se torna sujeito do enunciado, já não é o mesmo sujeito que enuncia. Falar de si mesmo significa já não ser o mesmo ‘ele mesmo’. O autor é inominável: se quisermos dar-lhe um nome, ele deixa-nos o nome mas não se encontra por detrás dele, refugia-se eternamente no anonimato; ‘eu’ não reduz dois a um, mas de dois faz três. O narratário, parceiro do narrador, àquele ao qual se dirige o discurso enunciado (que não é o leitor real): mediador entre narrador e leitor, ajuda a precisar o quadro da narração, serve para caracterizar o narrador, põe em relevo certos temas, faz progredir a intriga, torna-se porta-voz da moral da obra.” (Todorov, 1973, p. 15 e ss.)

³ Ressalta-se o cuidado na narrativa de seu trabalho, para delimitar a sua posição dentro da obra que criou.

⁴ Título original da obra em inglês: “*Through the Looking-Glass and What Alice Found There*”. Em Portugal, a história ganhou o título de “*Alice do Outro Lado do Espelho*”.

Tal como Alice, estarei conversando com alguns personagens – os quais vivem, de certa maneira, “do outro lado do espelho”. Eles andaram comigo em seu mundo, me oferecendo sua visão sobre o lugar onde vivem (um bairro em um território urbano), aquilo que são e desejam ser (suas identidades) e, por último, mas não menos importante, sobre como são vistos (eles e seu mundo). É através desse “espelho” – cujo reflexo descobri ser imposto, transformando-se em *estigma* – que fui guiada pelos personagens que encontrei. Retorno agora para contar essa história.

2 NO MUNDO DO ESTIGMA

2.1 O Início da Jornada

Durante todo esse episódio, o Cobrador olhava para ela, primeiro através de um telescópio, depois por meio de um microscópio e, então, com um binóculo de teatro. Finalmente, ele disse:
- Você está viajando na direção errada.
Depois disso, simplesmente fechou a janela e foi embora.

[Alice no país do espelho,
 Lewis Carroll, 1971, p. 56]

Não aconteceu somente com Alice. Minha primeira incursão sozinha no bairro foi quase como a situação vivida por ela. Estava no ônibus, e precisava de informações para chegar ao bairro. Decidi, então, pedir orientações ao cobrador. O cobrador, vendo que eu estava em um lugar desconhecido, já se adiantou: - *Você não pretende vir morar aqui, né?* Digo que não, e questiono por quê. Responde ele: - *Aqui é um bairro muito violento! Não venha morar aqui, não...*

Encontrando os personagens⁵. Chegando ao bairro, após o episódio do ônibus, encontrei Dona Maria, uma senhora de 54 anos que mora neste lugar há 50 anos. Quem nos apresenta é uma funcionária do mesmo local onde Dona Maria trabalha, que já me conhecia e sabia sobre o tema de minha pesquisa.

Logo começamos a conversar sobre o motivo do meu interesse em sua história. Conto que meu interesse está em saber como foi e é sua vida e a vida de sua família naquele bairro, considerando a informação que eu tinha, de que eles moravam ali há muito tempo.

Ela me conta que mora no bairro desde muito pequena, e que seus filhos (um casal) e seus netos (um casal, filhos de sua filha) moram no bairro desde que nasceram. Sobre o bairro, ela me fala que este é muito *visado*, ou seja, bastante falado pelo resto da cidade, inclusive pelos veículos de comunicação, sendo sempre mencionado de forma negativa.

⁵ Os nomes atribuídos aos personagens são fictícios.

Pergunto a Dona Maria, então, como poderíamos fazer para que eu conhecesse o resto de sua família e os encontrasse para conversarmos e caminharmos pelo bairro, no intuito de que me contassem suas histórias de vida nesse lugar. Assim, marcamos um próximo encontro, onde conhecerei sua filha, Laura.

No dia do encontro seguinte, conversando com as duas, elas me contam um pouco sobre a dinâmica de sua família. Comentam que, no âmbito familiar, nada mudou – que continuavam com tradições antigas, tais como pedir “bença” (sic) para os mais velhos – mas que, em termos de bairro, muito havia mudado.

Elas começam a me contar mais situações relacionadas àquele lugar, especialmente sobre como ele é visto. Laura fala que o bairro “*tá na mídia*”, mas que não concorda com o que é dito.

O meu filho contradiz tudo isso que dizem, que o bairro só tem violência.

Laura começa a falar, então, de seu filho, Daniel. Ela conta que ele é muito estudioso, e que fica decepcionado quando tira notas baixas, apesar de a mãe tentar aliviar a preocupação do filho. Conta com muito orgulho que ele já escreveu um livro e que esse é um dos motivos pelos quais ela não concorda que as pessoas falem mal do bairro, pois existem coisas boas ali, mas que, essas, ninguém quer divulgar.

Conversamos mais um pouco, pois elas também estão curiosas sobre mim – uma estrangeira em seu mundo. Querem saber de onde vim, como fui parar ali, e por que tenho interesse naquele tema... Conto um pouco de mim, afinal, estava ali querendo saber de suas histórias de vida, e nada mais justo do que também falar sobre a minha.

Explico que faço uma pesquisa para a universidade, e que estou interessada nas relações entre pessoas e o lugar onde elas vivem. Conto também que, no caso de sua família, busco saber mais sobre a influência desta relação para suas identidades, considerando que vivem ali há muito tempo. Explico também que eles poderão fotografar os lugares que julgarem importante em seus percursos⁶.

⁶ As fotos foram tiradas pelos entrevistados por ocasião dos percursos comentados, mas não foram utilizadas nesta dissertação, devido ao fato de os dados terem revelado um contexto social no bairro que poderia vir a oferecer risco aos entrevistados no caso da exposição de suas identidades. Assim, suas identidades, fotos e depoimentos na íntegra foram mantidos em sigilo (Cf. item 1.3 da Parte III desta dissertação, “Sobre a ética da pesquisa”, p. 136)

Mais adiante, combinamos então os dias em que eu conversaria com cada membro da família, incluindo também os filhos de Laura – Daniel e Gabriela. Posteriormente, entrevistaria também o filho de Dona Maria, Alexandre.

Indo embora naquele dia, fui observando mais o cenário... Procurei, naquele ambiente, vestígios do que fazia a tal fama do bairro. O que vi foram igrejas, praças, escolas, o posto de saúde, prédios e casas – em geral, bem cuidados. Alguns senhores jogavam cartas ou xadrez nas mesinhas de pedra da praça, homens bebiam em frente ao bar, alguns jovens andavam de bicicleta, crianças brincavam na pracinha, senhoras conversavam ou iam às compras no mercado.

Não parecia tão assustador quanto a *fama* relatada. Ao menos à primeira vista.

2.2 Dona Maria (A Rainha)

- *Esse é o efeito de se viver de trás para frente* – Disse a Rainha, bondosamente. – *No princípio, a gente sempre fica um pouco tonta...*
- *Viver de trás para frente!* – repetiu Alice, cheia de assombro. – *Mas eu nunca ouvi falar em uma coisa dessas!*
- *... porém, existe uma grande vantagem nisso. É que a memória da gente funciona nos dois sentidos.*
- *Tenho certeza de que a **minha** só funciona em um sentido* – redarguiu Alice. – *Eu simplesmente não consigo me lembrar das coisas antes que aconteçam!*
- *A sua é uma memória bem fraca, se só funciona para trás* – disse a Rainha.
- *E de que tipo de coisas **Vossa Majestade** consegue se lembrar melhor?* – aventurou-se Alice a indagar.
- *Oh, das coisas que acontecerão daqui a duas semanas* – replicou a Rainha, despreocupadamente.

[Alice no país do espelho,
Lewis Carroll, 1971, p. 92]

Dia do primeiro percurso. Encontro Dona Maria novamente e, então, começamos nossa caminhada pelo bairro a partir do seu local de trabalho. Digo que a caminhada será guiada por ela, através dos lugares que ela considera importante em sua história de vida naquele lugar. Ela começa então a contar que não nasceu naquele bairro, mas foi para lá muito nova – com cinco anos de idade – e que, quando chegou, o bairro ainda estava começando, não tendo quase nada do que se vê hoje.

(...) Eu vim pra cá já tinha 5 anos, quando vim morar aqui no bairro. Aqui no bairro, nós chegamos, o bairro era muito pequeno. Tava começando na época, tinha assim, tipo umas 15 casas. E era tudo mato mesmo. Não tinha ruas, não tinha nada. Até as ruas assim, carro passava, caminhão, e essas coisas, né... e eles faziam aquele... não tinha as ruas pronta, né? Aí a gente veio morar numa casa mais ali embaixo. Nós vivemos ali um tempo. Escola, não tinha. Tinha uma escolinha de primeira à terceira série, só. Que era tudo improvisado. Que tinha uma fazenda, né, naquele lado de lá. Nós estudávamos, estudamos até a terceira série. Depois da terceira série a gente não tinha aqui mais. Fomos estudar lá no outro bairro, a quarta série. Ia e voltava né. Todo dia lá, pra fazer a quarta série. E aqui o bairro foi aumentando, né. Uma casinha ali, outra aqui...

Continuando nossa caminhada, Dona Maria diz que vamos até o local onde ficava a sua primeira casa, quando veio morar no bairro. Ainda que a casa não fosse mais a mesma, ela conta a respeito dos vizinhos, que ainda são os mesmos, e também que ela mesma morou em

várias casas do bairro, até ter sua casa própria. Pergunto a ela quanto tempo faz que tem essa casa. Tal pergunta impele Dona Maria a relatar uma situação de sua história que me parece revelar certo arrependimento relativo à questão dos estudos. Ela conta que teve de interromper os seus, devido a um posicionamento de sua mãe, e que isso tornou sua vida mais difícil.

[quanto tempo faz] Que eu tenho casa própria? 10 anos. É que, foi bem difícil, né. Porque casei muito nova. Como diz... Na época, né, minha mãe achava que filha mulher não precisava estudar. Ela não estudou e achava que a gente não precisava estudar. Um que era difícil. Como eu falei, a quarta série foi fazer lá no outro bairro. A quinta nós tivemos que fazer lá no centro da cidade, porque não tinha escola por aqui. Então, aqui não tinha luz, não tinha nada, ônibus, não tinha nada pra gente ficar indo. A gente parou de estudar por causa disso.

E minha mãe achava que filha mulher, casou... se vai casar não precisa estudar. Então, acabei não estudando. Casei cedo, né. 17 anos eu estava casada. A mãe achava que “tem que casar”. Então, quando eu vim morar aqui, nós viemos morar... Hoje tá tudo diferente.

Noto que Dona Maria guarda uma tristeza por essa situação, mas deixo-a seguir sua história. Prosseguindo nosso percurso, ela vai me mostrando alguns serviços que hoje o bairro tem – e que antes não tinha, como o posto de saúde, por exemplo.

Aqui [onde fica o posto de saúde]. Mas só muito tempo depois, porque antes a gente não tinha nada disso, né? O negócio tava... o bairro era bem carente, não tinha nada. Também né, era aquele negócio... As crianças podiam brincar na rua, né? Tinha muito mais... as crianças brincando na rua tranquilo, que não tinha problema. Hoje a criançada não se diverte mais. Aquelas brincadeiras que a gente fazia antes de esconde-esconde, pega-pega, hoje não pode mais, porque as crianças não saem na rua.

Pergunto a Dona Maria qual seria o motivo dessa situação do bairro hoje em dia, ao que ela responde

A violência. É, infelizmente, nossos adolescentes tá difícil. Tá difícil porque as crianças hoje, os jovens acham que pra se divertir tem que usar droga. Você pode ver que a maioria dos nossos jovens estão assim. Pra se divertir, é beber álcool ou às vezes droga. (...) Porque as nossas crianças, os pais não deixam na rua.

Aqui, a *violência* se mostra em sua primeira forma – através da perspectiva de Dona Maria – a situação das drogas na adolescência.

Ao continuar, ela ressalta a diferença entre o momento atual do bairro e como ele era antigamente. Neste momento, a *violência* aparece novamente, mas relacionada agora à convivência social no bairro, da qual Dona Maria diz sentir falta. Em especial, da proximidade que se tinha quando o bairro era menor, com menos moradores.

Então, o nosso campo... o nosso campo se transformou, né... Porque antigamente era bom, né? A gente conhecia todo mundo. Morava pouca, pouca gente. Conhecia-se todo mundo. Não tinha estrutura, mas... Todo mundo chegava, conhecia todo mundo. Não tinha aquele negócio de violência. Como eu tô falando... Nós mesmos ficava na rua até 10 horas da noite brincando. Aquelas brincadeiras sadias. Não tinha problema nenhum. E hoje já não né. Hoje já não pode fazer mais isso.

Porque você sai na rua né, às vezes tá no supermercado e é assalto. O nosso bairro já é bem visado, né? Você sabe. O bairro tá na mídia. Eu falo que as coisas boas que acontece aqui não é divulgado. Mas as coisas ruins, toque de recolher... igual aquele dia que você veio aqui, que nós estávamos conversando, a minha chefe me chamou, que alguém tinha ligado, alguém falou que era pra parar tudo, fechar tudo, que ia ter um arrastão. Por isso que eu te deixei.

Neste momento, percebo que participei – mesmo sem saber – de uma situação concreta da *violência* que, até então, estava apenas nas palavras de Dona Maria e Laura. Ao mesmo tempo, percebo que o que é dito do bairro tem alguma ancoragem na realidade.

Dona Maria continua, dizendo que “esse tipo de coisa” acontece no bairro, e depois vai para a televisão e para o jornal. Percebo que a questão de como o bairro é visto e mostrado pela mídia local mexe bastante com os moradores desse lugar.

Questiono se é só esse tipo de evento que passa para os meios de comunicação da região, e o que acontece de bom no bairro, que Dona Maria acha que deveria aparecer, mas não aparece.

Então, tem coisas boas. Tem os meninos que fazem capoeira aí. Que ensina muitos adolescentes. Tem o pessoal ali do futebol, que ensina eles a fazer uma coisa boa. Tem na igreja católica tem um grupo de jovens, muito bom também. E isso ninguém sabe. Sabe quando tem algum evento que envolve essa turma? Vê se aparece algum, uma TV pra fazer uma reportagem? Não. Não é divulgado.

Mas assaltou a lotérica, tá lá. Assaltou... tá lá. Acho que isso aí, violência, tem. Mas aqui parece dá mais atenção. “Ah, aquele bairro...”. É isso que eu acho que teria que mudar um pouquinho.

Percebo que existem ambivalências no sentimento em relação a esse território. O bairro é bom, tem tudo, mas também tem *violência*. O resto da cidade vê o bairro apenas como lugar violento, mas também existem coisas boas que não são notadas nem divulgadas. A violência não é só dita – existe, é material – mas o que é dito ofusca os aspectos bons.

Peço para Dona Maria me falar, então, sobre os aspectos bons do bairro. Pergunto a ela se ela gosta de morar ali, e quais são os motivos disso. Afinal, ela estava me dizendo que no bairro havia mais do que o mal que se falava dele.

Aqui a gente tem de tudo. A gente tem farmácia, tem o posto médico 24h, tem banco, tem correio, tem o CRAS, tem escola até o terceiro ano, que hoje... antigamente não teria, hoje tem. Então, tem as coisas, né... O bairro também, é um bairro plano, gostoso...

Chegamos, então, em frente a uma escolinha, que Dona Maria pára para fotografar. Pergunto se ela estudou ali, e ela diz que nessa escola não chegou a estudar. Diz novamente que estudou pouco e que não voltou a estudar depois. Percebo que o assunto dos estudos retorna, e resolvo perguntar a ela se ela tem vontade de voltar a estudar.

Então, eu não estudei. Hoje eu acho que já passou a fase né. Hoje eu tô torcendo pelos meus netos estudar. Ou minha filha voltar a estudar. Que ela também casou cedo e não estudou. Estudou até o terceiro ano e parou.

O assunto dos estudos vai tomando mais forma agora, quando Dona Maria parece resolver seu ressentimento por não estudar no passado colocando a esperança em seus filhos e netos, no sentido de que eles sigam um caminho diferente no futuro. Entretanto, ela relata que a filha também casou cedo e que, por esse motivo, também parou de estudar. Ela fala também, pela primeira vez, de seu filho, Alexandre.

Mas eu trabalhei muito, graças a Deus consegui criar os meus dois filhos. Tive também problemas, porque a minha filha casou cedo. Meu filho se envolveu com droga. Foi um período muito difícil da minha vida. Foi dois anos que ele ficou envolvido com droga, que acabou com a vida dele. Que se envolve com droga, aí em consequência vem roubo. E aquelas coisas toda, né? Não foi diferente com ele. Mas foi

uma fase bem difícil da minha vida. Com ele também. Mas graças a Deus a gente passou, superou. Deixou sequelas, né. (...) Ele ficou paraplégico. Hoje ele usa uma cadeira de rodas. Aos 20 anos aconteceu isso com ele.

(...)

Então, hoje, ainda falo pra ele... agradeço por você tá vivo. Porque tem muitos dos teus amigos, que se não estão presos, estão mortos. Ele não anda, mas ele não é um deficiente assim que reclama da vida. Ele é alegre, conversa, brinca, tem amizade com todo mundo. Aqui todo mundo conhece ele. E tá vivo, né? Mas eu também passei por essa fase. Então foram dois anos muito difícil. Pra conseguir sair fora de tudo isso.

Aqui, Dona Maria relata uma experiência pessoal com a *violência* do bairro, dizendo que seu próprio filho se envolveu nesse “mundo”. A *violência* toma a forma das drogas novamente, agora absorvendo seu filho.

Então, é o que eu te falei, o bairro começou a crescer, começou o que? A violência. Como todo mundo, eu também entrei nessa... Não posso falar que nunca aconteceu nada, que o meu filho mesmo entrou nessa...

Pergunto a Dona Maria sobre sua filha, em relação ao fato de ela ter casado cedo e parado de estudar também, pois este tema parecia lembrá-la de sua própria história. Ela parece suspeitar que algo dentro da família é transmitido, de alguma forma.

[a Laura] Era uma pessoa tranquila, só queria estudar. O negócio dela era estudar. Tanto que ela tava fazendo magistério na época. E fazia aqueles cursinho básico, né.. de auxiliar de escritório, cursinho básico... e fazia magistério na época. Quando ela começou ir pra uma irmã minha... (...) É... quando começou a ir pra casa da minha irmã, onde ela conheceu meu genro. Três meses depois, eu nem sabia que tava namorando, ela tava grávida. “Sabe que vai ser difícil, né? Porque não foi fácil eu criar você, como não vai ser fácil você criar seu filho. Mas, vamos lá, né?” Mas não. “Vou largar tudo, porque vou casar”. Porque achava que casamento resolvia também. Acho que é a mesma... Acho que sem querer a gente acaba passando, né? De mãe pra filho, a gente acaba passando. Embora eu era contra o casamento, mas ela acabou casando.

Dona Maria expressa aqui certa tristeza por sua filha ter abandonado os estudos, depois de ter iniciado um caminho que parecia apontar para outra direção.

Chegamos à frente de outro local que Dona Maria pára para fotografar. É a escolinha onde ela estudou até a terceira série. Ela conta que o prédio não existe mais, e que na época em que estudou ali, a escola funcionava em um galpão, sendo que o terreno também abrigava uma fazenda. Ela mostra também um caminho que ligava esse bairro a outro, onde ela continuou os estudos. Foi nessa região do bairro que Dona Maria morou logo que chegou. Pergunto a ela se algo havia mudado naquela região. Ela afirma que sim. E logo a *violência* surge outra vez.

Mudou, mudou... que era aqui... tinha uma... aqui era uma porteira, né. Aqui era tudo... Eles plantavam arroz, plantavam batata. Era época, né. Isso aqui não tinha nada, era tudo... na época era tudo mato. Depois foi aumentando, aumentando. Aos poucos foi aumentando.

Aqui é uma das ruas que à noite a gente não passa aqui. Porque quando chega a noite aqui, os meninos tomam conta. É, essa parte de mato aí. Uma das ruas que a gente evita passar à noite. Violência aí fica... assombrando.

Aqui, a *violência* se transforma quase que em um fantasma, que fica à espreita na rua, pronto a mostrar seu rosto. O lugar onde Dona Maria começou a viver no bairro hoje se torna um lugar perigoso, um lugar a ser evitado – por causa da *violência*.

Dona Maria continua falando sobre as dificuldades de criar seus filhos, e que depois que sua filha casou, ela também casou novamente (ela havia se separado poucos anos depois de se casar pela primeira vez). Seguindo a caminhada, ela me mostra o lugar onde morou com sua irmã e sua mãe. Ela comenta então que o bairro está totalmente ocupado hoje pelas casas e construções – contrastando com a época em que morava ali, quando era “tudo mato” ainda. Entretanto, ressalta novamente que o bairro “tem tudo”, em termos de serviços para a população.

Agora, hoje você vê, o bairro como tá. Não tem mais espaço pra nada, né. Tudo construído. Aqui a gente tem de tudo como eu falei. Dá pra gente sobreviver sem ir no centro, né. Porque aqui a gente tem tudo. Tem banco, tem lotérica... tem tudo, então, se a gente quiser sobreviver só aqui, sem ir pra lá, a gente consegue.

Pergunto a Dona Maria o que ela pensa dessa evolução do bairro, se ela julga ser algo bom ou não.

Foi, foi, muito, né. Foi muito bom. (...) Porque, é um bairro bom. A gente não tem... como eu falei, eu não me vejo morando em outro bairro. (...)

Se você perguntar hoje pra muita gente daqui, se quer ir embora daqui, eu acho que a maioria prefere ficar.

Percebo novamente a ambivalência do sentimento de Dona Maria quanto ao bairro. Ao mesmo tempo em que exalta suas qualidades, especialmente em relação à sua independência da cidade – pela variedade dos serviços, denuncia problemas como o da *violência*. Paradoxalmente, o crescimento do bairro é causa das duas coisas: do desenvolvimento – que leva o bairro a *ter tudo* – e, também, da *violência*.

Paramos em frente à outra escola, que Dona Maria diz ter sido a primeira escola municipal do bairro, que tinha também ensino médio. Ela conta que seus filhos estudaram nesta escola e que ela era muito boa. Entretanto, seus filhos pararam de estudar, cada um por um motivo. Alexandre porque desistiu, e Laura, porque decidiu ir para outra instituição de ensino, onde poderia fazer o magistério.

Dona Maria fala da *violência* novamente, agora se referindo ao comportamento dos alunos nas escolas, incluindo o desrespeito aos professores. Ela conta que é por esse motivo que seus netos não estudam lá hoje.

Porque hoje, infelizmente, tá difícil. Hoje, os alunos, né... é terrível. Solta bomba, grito, os alunos gritam com professor... esse tipo de coisa que acontece.(...)

[a escola] Era muito boa. Muito aluno estudava aí. Tinha uma diretora muito boa. Mas, infelizmente, hoje a maioria das crianças sai e vai estudar no centro. Meus netos hoje não estudam aqui por causa disso. A violência aí tá grande.

A *violência* aqui toma outra forma. Começo a pensar que ela é como um fantasma polimorfo, se metamorfoseando e se infiltrando na vida social deste bairro, em cada brecha que encontra.

Chegamos então a uma praça, que Dona Maria relata ser o ponto de encontro dos jovens do bairro.

Aqui é o nosso... um parquinho. Antigamente era uma chácara, né? As pessoas acabaram não pagando o imposto, a prefeitura pegou. E hoje é onde os jovens se reúnem. Aí, tá vendo, quando chega sábado, assim, bomba, né? Como diz eles. Eles põem os carros aí, doidos gritando aí, e vai...

Passamos em frente a uma igreja católica, que Dona Maria também fotografa. Ela mostra que a igreja está em reforma e que logo estará pronta.

A nossa igreja católica, que foi a primeira. Depois ela vai ficar bonita, né? (...) A nossa igreja era pequenininha, hoje ela tá bem grande, né? Vamos tirar uma foto da nossa igreja. Tirar uma foto da nossa igreja pra ficar registrado. Quem sabe da próxima vez que você vim, vai tá mais bonita.

Percebi, nesse momento, que Dona Maria se refere a tudo como “nossa”, “nosso”... Senti a intimidade dela com aquele território.

Passamos então em frente à outra praça. Dona Maria volta a comentar sobre as atividades dos jovens no bairro, pois essa praça também é freqüentada por eles.

A nossa pracinha... vamos tirar uma foto da nossa praça.(...) É o lugar dos jovens se encontrar no final de semana. Ficam divididos, uns ficam aqui, outros ficam lá [na outra praça]... Essa pracinha também no final de semana é bem movimentada.

Pergunto a Dona Maria sobre suas atividades de lazer no bairro, se ela frequenta algum lugar no bairro aos fins de semana. Ela me diz que as atividades são sempre direcionadas para os mais jovens, e que o estilo musical ouvido em geral é o *funk*. Dona Maria conta então que, nas poucas vezes que sai, vai para o centro da cidade.

Mais no centro, né... porque... É as música, né? Não dá mais pra... na cidade é só o funk, né... eles tocam mais isso hoje, né... (...)
As pessoas de mais idade não saem. Porque, todo lugar é mais pros jovens mesmo. Então a gente quase não sai de casa. Quando sai, é... depois dos cinquenta, a gente sai pra ir pro centro.
Que aqui, infelizmente, até hoje não... Sabe quando eles tentam, já abriam várias... “vamos fazer um clubinho, vamos fazer não sei o quê...”, mas não vai. Acaba dando briga e já fecha. Um mês funcionando e pronto, já começou a violência. Fecham porque não tem como. Como diz, a bagunça...

Outro tipo de *violência* aparece na visão de Dona Maria: a “bagunça”. E dentro dessa “bagunça”, está também o *funk*.

Passamos em frente à casa de Dona Maria e ela comenta que mora ali há 7 anos. Seguindo a caminhada, ela conta que praticamente toda a família mora por perto. Nesse

momento, ela também faz um comentário que ressalta minha condição de estrangeira, vinda de longe.

Que aqui, os meus irmãos, meu povo mora quase todo mundo aqui. Foi todo mundo casando, ficando por aqui, os filhos ficando por aqui. A gente não saiu muito. A única coisa ruim é assim... todo mundo ficou aqui, né? Ai não tem assim, “vou viajar, vamos pra lá, vamos pra cá...” Igual a você... saiu de lá do sul e tá aqui no bairro, hoje. A gente acaba não tendo essa... (...) Porque tá todo mundo aqui. Se um quiser ver o outro, 5 minutos tá na casa do outro. Mas eu gosto de morar aqui.

Dona Maria pára, nesse momento, para me mostrar outra escolinha municipal, onde trabalhou durante 13 anos. Diz então que, depois daquela escolinha, o bairro ainda continua, e volta a exaltar os aspectos bons do bairro.

E aqui o bairro continua, tá... ele vai bem mais pra frente. Que o bairro aqui também é grandinho. Não é mais aquele bairrinho pequeno, não. Mas eu acho que é um dos melhores lugares da cidade. Tirando o centro, ali né. Que eu acho que é... Tirando o centro, acho que é um dos melhores lugares. Pra mim né... Eu moro aqui, né...

Há uma creche ao lado da escolinha, e eu pergunto se os netos de Dona Maria chegaram a frequentá-la. Dona Maria diz que não, pois Laura não estudava nem trabalhava na época, podendo cuidar dos filhos em casa. Ela volta a falar, então, de seu desejo que seus filhos e netos estudem. Noto que Dona Maria vê nos estudos um caminho para uma vida melhor. Ela coloca no futuro dos netos a esperança de uma reinvenção da história da família.

Na época que montou a creche, meus netos não vieram pra creche porque a minha filha não trabalhava... (...)
Hoje você vê que meus netos... Eu queria muito que meus filhos estudassem, né? Que eu acho assim... Eu não estudei. É... acho que todos os pais é assim, né? O que eu não tive, quero que você tenha. Tentei fazer a Laura estudar, o Alexandre não foi. Os dois não estudaram. Se se formassem em alguma coisa... não... Hoje nós briga pelos neto, né... precisa fazer alguma coisa... “alguém tem que se formar nessa casa”. (...)
Então, menina, você vê. O Daniel já deu alegria, né. Com esse negócio, que ele é muito inteligente. E já escreveu o livro. Pensa num futuro bem melhor, né. O Daniel é super inteligente. A Gabriela também. Né. Quer um futuro diferente. Eu quero um futuro diferente pra ela. Mas também, não sei... Já começou esse negócio de namorinho... namora aqui... Não sei se ela vai mudar alguma coisa,

não, viu... Tá com 15 anos, já tá namorando... Não sei se aos 17 não vai tá querendo casar também. Eu falo pra ela: “não segue a sua vó, não segue sua mãe...” (...)

Ela dá risada. “Não vó, vou estudar”. Como eu falo... pode ser que não estude também... Embora hoje, a gente tem outra cabeça, né. Que eu e a minha filha fala, não... se caso resolver casar, tem que continuar estudando. Não pode ficar sem estudar.

E nos jovens, Dona Maria coloca a esperança de uma reinvenção da história do bairro.

Então, o que que eu gostaria assim... acho que teria que melhorar alguma coisa, tá? Sobre assim, sobre a violência. Sei lá, eu acho que os governadores, prefeito, teria que arrumar um jeito de dar uma segurada nesses jovens, sei lá, acho que umas coisas pra eles, uns cursos pra fazer, um local pra eles se divertirem, né? Pra poder dar uma melhorada. Se melhorasse um pouco a violência aqui no bairro, eu acho que ficaria bem melhor, né.

Tem muitos jovens aí, que estão acabando com a vida deles, o que não estraga a vida deles, acaba envolvendo os pais também, né. Porque é um sofrimento, porque como eu falei, eu já passei por isso. É muito difícil, a gente ter um filho assim. Não tem como... “ah é culpa do pai, é culpa da mãe, é culpa não sei de quem...”. Acho que aí não tem culpado. Eu acho que ninguém, nem um pai nem uma mãe quer uma coisa dessa pro seu filho.

(...)

Por exemplo aqui, agora, tá sendo construindo a PEC. O Educamais, o CEU. (...) É um projeto do Governo Federal... aí vai vir bastante coisa boa pro bairro, eu acho que vai ser uma coisa boa a PEC. Tá sendo construída, aí vai ter teatro, que a gente não tem, né. Quem sabe... vai ter mais esporte. Então eu acho que vai melhorar, 2014 tá pra sair essa PEC. Eu acho que vai ser uma melhoria pro bairro, nessa parte da ocupação dos jovens. Porque ocupando os jovens eu acho que o bairro melhora. Eu espero que ainda o bairro seja um lugar bom, melhor pra se morar, tirando, melhorando a parte da violência. É o que atrapalha aqui.

Dona Maria prossegue, voltando a falar sobre como o bairro é visto. Ela afirma que o bairro pode melhorar, se resolver a questão da *violência*. Entretanto, aponta que o modo como o bairro é visto às vezes impede que a potencialidade do lugar seja percebida e aproveitada.

A gente tem tudo aqui, tudo pra dar certo... Só que o bairro tá muito visado. Se há qualquer uma morte lá no bairro do centro, na televisão apenas o repórter fala “assassinato, não sei o que... assalto, seguido de morte”. Aqui no bairro já aparece lá “tal bairro, porque não sei o que...”

Sabe, o bairro ficou visado. Então, muita gente tem medo... quando fala, “lá em tal bairro”. “Nossa aquele bairro lá, não sei o que”. Até nas lojas no centro, às vezes, vai comprar alguma coisa, quando pergunta onde mora... “tal bairro”. “Nossa mas lá é perigoso...”. Não é... você vindo pra cá, conhecendo, você vai ver que é um bairro normal. Violência tem em todo lugar, mas aqui, visou. Como eu disse, as coisas boas não aparece.

A gente tem criança que é bom, como eu falei, da capoeira, do futebol... Eu tô dando até sorte... porque ó, o meu neto, escreveu um livro. A prefeitura da cidade ninguém fez uma reportagem assim exclusiva com ele, não... Quando ele escreveu esse livro, ele estava estudando numa escola municipal. Teria que a prefeitura... “ah um aluno nosso”, né. A prefeitura não tinha que falar “um aluno nosso escrevendo um livro...”? Quer dizer, “nosso ensino tá melhorando”. Não, pra ele poder ir em frente, dar continuidade no livro, ele teve que sair daqui, foi lá pra outra cidade, que lá que ele conseguiu um patrocínio pro livro poder sair.

Ela conclui, então, colocando mais uma vez sua esperança no futuro.

Então tem as coisas boas do bairro. E as pessoas vão.. um projeto legal pras crianças aprender a tocar uns instrumentos, né.. Pra ter uma banda, uma coisa boa no bairro. Aí nossa expectativa pra PEC, que vai ter esse tipo de coisa. Então a gente tá já planejando isso. E coisas assim não, né... Esses jovens não chamam atenção. O que chama atenção, é quando um de 14, 15 anos, roubam, fazem alguma coisa. No outro dia tá no jornal, “tal bairro” e eles assim, já escrevem o nome do bairro bem grande.

Ah mas, quem sabe, né... A gente tem que acreditar no futuro, né.. No futuro que vai melhorar.

2.3 Tweedledum e Tweedledee / As Margaridas⁷

– Eu sei muito bem o que você está pensando – disse Tweedledum. – Mas não foi isso o que aconteceu. De jeito nenhum!

– Ao contrário – continuou Tweedledee. – Se fosse assim, bem que poderia ser; e, caso fosse, teria sido; mas uma vez que não foi, não é mesmo. Isso é lógico.

[Alice no país do espelho,
Lewis Carroll, 1971, p. 71]

2.3.1 Laura (Tweedledum)

Dia do segundo percurso. Chega o dia do encontro com a filha de Dona Maria, Laura. Ela já sabe sobre minha pesquisa, e sabe que a proposta é caminharmos pelo bairro passando por lugares significativos para ela. Ela começa a me contar, então, sobre a sua vida no bairro desde sua infância. E já aí a *violência* se mostra, agora ganhando também outro nome: *criminalidade*.

Então vamos começar pelo que eu me lembro quando eu era pequena, né, que foi a parte da nossa infância que eu lembro que a gente brincava na rua, né.. que eu falo pros meus filhos que naquela época... eles não têm infância, né? Porque hoje as crianças.. não dá pra brincar na rua... até pela.. eu não digo pela criminalidade ou por outra coisa, digo até assim pela violência do mundo no geral, né?

Laura fala sobre a liberdade de aproveitar o espaço das ruas no bairro, o que pôde fazer em sua infância. Agora, esta liberdade é impossibilitada de ser vivida pelos seus filhos por conta da *criminalidade*. Entretanto, ela aponta para uma constatação nova: a *violência* não é só do bairro, mas do mundo.

Passamos pela rua onde Laura disse ter brincado muito quando era criança. Ela mostra a casa onde morou junto com a tia – que ainda mora ali, e de onde saiu apenas quando casou.

Ela conta que não viu as coisas no bairro mudarem muito, pois, desde que se lembra, o bairro já “tinha tudo”.

Chegamos a uma das praças que Dona Maria já havia me mostrado em nossa caminhada. Laura conta a respeito de um episódio envolvendo essa praça, quando a prefeitura

⁷ Na história de Alice, Tweedledum e Tweedledee são também margaridas no Jardim das Flores Falantes e, no jogo de xadrez, correspondem às peças das Torres do Rei e da Rainha, respectivamente.

retirou um palco que havia sido construído ali, e que havia se tornado um símbolo do bairro (pois tinha um formato que representava o nome do bairro). Houve até um protesto da população contra a derrubada do palco, mas eles não obtiveram sucesso.

Os moradores do bairro não queriam que derrubasse. Porque... como tinha assim, um palco, tinha uma casinha onde as pessoas podiam se trocar, guardar as coisas, era um meio de chamar atenção mesmo, porque tudo que tinha no bairro era aquilo que tinha na praça... então quando foram derrubar, né, o local mesmo, ficou só assim, o palco mais descoberto.. e aí um dos moradores fez um protesto, que achou que a gente tava perdendo, né? No sentido assim, é... como era um local aberto, todo mundo usa, né? Igreja, a população, sociedade dos amigos de bairro, todo mundo usa. Então a gente achou que ficava sem sentido eles derrubarem toda aquela coisa que foi feita, né? E já era assim, meio que... olhou na praça, tinha um símbolo do bairro, né? E aí derrubaram...

[o protesto] Não adiantou. Eles alegaram pra gente que... por que que ia mesmo... tinha rapaz que usava droga aí... então, tipo o caso, desse tipo de nível de violência, esse tipo de coisa, e iam derrubar e... o protesto não adiantou muito não. Ficou o palco, mas assim, aquela cobertura que tinha, aquela estrutura, foi tirada. Que eu acho que o bairro perdeu... não é que perde né. Acho que é uma identidade, que tinha...

Percebo que a *violência* aqui se infiltra no motivo para a derrubada do palco, embora não tenha sido essa a razão principal explicitada pela Prefeitura – a justificativa central foi uma melhoria na estrutura da praça, que nunca aconteceu.

Peço a Laura que me conte mais sobre como a população utilizava a praça quando o palco ainda existia. Penso que aquela praça trazia uma dinâmica especial ao bairro, o que é confirmado pelo que Laura conta a seguir.

É... assim, às vezes no domingo de tarde, o pessoal vinha e colocava... tinha show, tinha música ao vivo... aqui assim, pra gente ver... pessoas do bairro mesmo às vezes vinham cantar, sabe? Às vezes assim, tinha, na época, tinha festival, vamos supôr, de música sertaneja.. As mães arrumavam os filhos e vinham cantar na praça. Né? Tinha então, o palco, e a gente vinha cantar aqui. E a gente vinha ver o show dos molequinho, né? “Ah, hoje não sei quem lá vai lá pra frente.

Aí tinha Xitãozinho e Xororó, tinha Zezé de Camargo e Luciano, vinham cantar na praça. Então, com a derrubada disso, a gente perdeu isso também, né? Então eu acho hoje que a praça ficou assim... é... um lugar meio que deserto. Hoje eu não trago os meus filhos pra brincar na praça, por exemplo. Por que que eu não trago?

Antes, tinha... era uma... tinha um jeito que era cercada a praça. Tinha uns bancos.. tinha uns bancos que eles fechavam, sabe, a praça. Então, não tinha como a gente entrar com carro ou moto aqui dentro. E hoje a gente vê assim aos domingos, por exemplo, um carro parado aqui no meio, com som altíssimo. Né, o pessoal bebendo muito. Aí vira.. acaba que virando meio que bagunça, né. E tinha mais árvores assim na época... Então, eu acho que a praça mudou em alguma coisa. Mas no meu conceito eu acho que ela mudou pra pior, não pra melhor.

Vejo que Laura se refere à utilização atual da praça como “bagunça”. Lembro do que Dona Maria havia comentado quando falava das atividades de lazer no bairro, também se referindo ao divertimento dos jovens nas praças com o mesmo termo.

Laura me mostra agora a associação de moradores do bairro, que fica do outro lado da praça. Ela comenta que a associação funciona em certos aspectos, mas em outros, não. Por exemplo, a associação serve de capela para velórios para famílias que não têm condições de pagar por este serviço. Entretanto, fala que, em termos de reivindicações para melhorias no bairro, a associação deixa a desejar em sua atuação. Ela diz também que não frequenta a associação, pelo fato de seu pai ter sido velado ali.

Apesar disso, Laura atribui um valor positivo à associação, falando de algo que Dona Maria também havia mencionado – as aulas de capoeira.

Mas eu acho que só pelo fato de ter a capoeira pras crianças carentes, pras crianças do bairro aí, né? Que o professor... que ali ele dá a capoeira e não cobra nada.. Ele doa o trabalho dele, e leva o pessoal pra se apresentar.. então acho que é um lugar bacana, nesse sentido.

Ela também se lembra de ocasiões em que a associação serviu de abrigo para moradores do bairro, quando estes ficaram desalojados devido a uma enchente. Nesse momento, Laura passa a dizer que o que falta no bairro não está nas atitudes das pessoas que estão “na frente do trabalho”, mas sim nos moradores.

Então eu acho que o que falta no bairro, não falta nas pessoas que estão na frente do trabalho, falta nos moradores. Pode falar assim: “Ah o conselho gestor do posto de saúde não funciona”, “Ah a associação dos amigos de bairro não funciona”, mas pra funcionar depende de quem? Depende de mim, né? Eu acho que o que falta melhorar é isso mesmo, a atitude dos moradores.

Laura atribui o desinteresse dos moradores ao grande crescimento do bairro. A partir desse momento, ela volta a falar do tema da *violência*, agora a colocando em um tempo passado. Com sua experiência de vida no bairro, Laura tenta contradizer aquilo que todos estão dizendo.

O bairro cresceu muito. Só que o bairro cresceu e a cabeça do povo daqui acho que não cresceu muito. No sentido assim... Lá naquela época o bairro era muito violento. Hoje eu já não acho o nosso bairro tão violento. Eu morei em outros bairros, que eu falo pra você assim, eu tinha minha casa em outro bairro, e eu falei pro meu marido, vamos vender a casa e vamos voltar pra lá mesmo se for pra pagar aluguel. Porque quando eu vivi na realidade de outro bairro, eu vi que o nosso bairro aqui tava.. tava ótimo. O problema é que o povo mesmo fala assim “ah eu moro naquele bairro, cuidado”. E eu acho que isso tinha que conseguir mudar. Sabe? Essa visão.

Agora, Laura fala de um projeto do qual ela participou, chamado *Juntos pela Transformação*⁸. Vejo aqui uma grande ação no sentido de mudar a visão que se tem do bairro – a característica de bairro violento, onde coisas ruins acontecem e que, por isso, deve ser evitado.

Um projeto, que se chamava “Juntos pela transformação”, e muita gente perguntou assim, mas vocês transformam o quê? A gente não queria transformar o bairro, assim sabe de... As pessoas disseram quando a gente fala assim “juntos pela transformação, “ah vai lá plantar árvore, vai fazer alguma coisa...” não, a gente queria transformar a opinião. Porque não adianta eu ter um bairro... igual aqui, um bairro, um dos melhores bairros da cidade. A gente tem tudo plano. Tem banco, tem lotérica, tem posto 24 horas. A gente tem várias igrejas, salão de festas, tem de tudo por aqui. Só que as pessoas ainda preferem olhar no bairro e dizer o quê? “Ah assim, a gente... mora num bairro violento. Se você não tomar cuidado.. se você for lá, é perigoso você ser roubado”, “Ó, nesse bairro, se você for lá e deixar o carro encostado, vão roubar seu carro”. E eu falo assim, isso não é uma realidade. Eu mesma tenho carro e já aconteceu de o meu carro dormir na rua, e no outro dia eu acordar, tá tudo normal. Quando a gente morava no outro bairro, a gente vinha pra cá pra minha mãe. Às vezes dormia e o carro ficava na rua e nunca ninguém mexeu.

⁸ O nome do projeto foi modificado.

Novamente, o fato de o bairro “ter tudo” é ressaltado, e conta como ponto positivo na opinião de Laura. Para ela, o projeto servia para questionar a própria população do bairro sobre a visão que se tinha do lugar, a qual reforçava seus aspectos ruins.

Questiono Laura a respeito do motivo pelo qual ela havia se mudado do bairro. Ela conta que foi devido ao alto valor dos aluguéis cobrados ali, que podiam ser comparados aos do centro da cidade. Ela acredita ser a variedade de serviços que o bairro oferece o motivo da alta valorização dos imóveis.

Laura mostra que, embora tenham morado em outra região da cidade, lá eles encontraram dificuldades que os fez retornar e avaliar melhor o bairro.

E eu acho que aqui a gente tem assim, acesso a tudo. É igual aqui, a gente tem creche, tem escola, né, tem o prezinho, tem o ensino fundamental, tem até o ensino médio. Que em outros bairros não é essa realidade. Tem muito bairro que não tem tudo isso.

A questão de como o bairro é visto retorna, e Laura volta a falar do projeto *Juntos pela Transformação*.

Então por que que a gente não dá muito valor no bairro? Então quando.. até a gente que fez o Juntos pela Transformação, a gente falava muito disso. Ao invés de falar assim ó “o bairro que eu moro é violento”, a gente fala “o bairro que eu moro é bom”. Então eu acho que o que tem que mudar no nosso bairro, se eu pudesse mudar hoje, era essa opinião.

Laura fala agora do seu filho, Daniel, também relembrando uma situação de sua própria história.

Né, o Daniel, por exemplo. O pessoal fala muito mal das escolas públicas. “A escola pública não presta”. Eu, na minha época, eu fiz.. eu estudei na escola pública. Eu, quando eu fui fazer uma prova.. na época tinha uma escola de magistério. E tinha 120 vagas só. E na época que eu fui fazer a prova, que eu fui fazer a inscrição, foi feito 1280 inscrição, pra se pegar em 120 vagas, é impossível! E podia concorrer escola pública, particular, tudo... E naquela época eu me classifiquei entre as 120 pessoas, né.. Então eu pensava assim, então a escola pública não prestava? Prestava, era ótima. Tanto que eu competi com pessoas de escola particular e tava lá... Hoje o Daniel, estudou em escola pública até o ano passado. E escreveu um livro. Então acho que basta, não a gente, é... pôr tudo a culpa no bairro,

tudo pôr culpa na infraestrutura.. A gente também tem que fazer a parte da gente. E isso eu sinto que faz falta aqui.

Noto a tentativa de Laura de mostrar que as pessoas não deveriam transferir a culpa de um possível insucesso inteiramente para as condições do bairro; que seria possível, utilizando-se os recursos disponíveis, superar as dificuldades e alcançar os objetivos, desde que haja também uma parcela de esforço pessoal.

Laura continua falando sobre a visão dos próprios moradores do bairro, que parecem absorver o discurso negativo vigente.

Então, assim, o que a gente consegue fazer, o que a gente consegue trazer pra cá, às vezes com muito esforço, muita coisa, a população mesmo não valoriza o que tem. Então, acho que aí que tá o erro. Que a gente tem que transformar e mudar no bairro, que eu acho que já que o nosso bairro cresceu tanto.. é mudar a visão das pessoas mesmo pelo bairro. Parar de achar assim “nosso bairro é um bairro violento”, “um bairro que não presta”, “um bairro que é ruim”, pra começar a olhar.. ter outra visão, né. Não, “nosso bairro é um bairro legal”.. Tem um monte de coisa errada? Mas em todo lugar no mundo tem um monte de coisa errada. Né?

O assunto que surge agora surgiu também na conversa com Dona Maria. É a PEC. Laura também coloca nesse projeto sua esperança de melhorias para o bairro e diz acreditar que a própria decisão de se criar a PEC naquele bairro demonstra que houve mudança na visão sobre o lugar.

Agora a gente ganhou uma PEC aqui no bairro, que se chama Praça de Esporte e Cultura, que vai ser uma na cidade. Na cidade toda. E quando eles olharam na cidade toda, qual o lugar que ia ficar legal a PEC? “Ah, vamos fazer naquele bairro, porque lá não tem... tem bastante Educamais, né? Que é o lugar que as pessoas fazem esporte. Lá naquele bairro não tem, e lá tem um povo que vai participar. (...) Mas assim, a gente vê que é uma melhora no bairro que o pessoal conseguiu mostrando que aqui tá diferente.. Porque é um equipamento grande, é um orçamento que vai muito dinheiro, né, uma verba muito grande federal que vem. E se vai ser aplicado aqui eu acho que já é porque mudou um pouco do conceito. Pelo fato que vai ter biblioteca, teatro... Se não tivesse mudado um pouquinho do conceito, não seria aqui que seria instalado. Vamos instalar então em outro bairro porque lá vai ser.. o vandalismo vai quebrar tudo, vai acabar com tudo. Então a gente vê também que essa realidade do bairro já mudou.

Aqui, a *violência* ganha mais um nome: *vandalismo*. Entretanto, Laura diz que a vinda da PEC é um sinal de que a *violência* perdeu força. Ao menos no *conceito* – para utilizar suas próprias palavras – que se tem do bairro.

Ela segue então falando de outros grupos que atuam no bairro, que alimentariam a contraposição a este *conceito* de bairro violento.

É... vamos supôr, a Igreja Católica. Eles tem um grupo de jovens da Igreja Católica muito forte. Então chega na.. no final do ano, eles fazem teatro. Quando chega na Sexta-feira Santa, eles fazem aquela encenação que pára o bairro. Pára o bairro assim, independente se você é evangélico, se você é católico, se você chega aqui na praça, tá lotado. Entendeu? E você vê que os jovens correm atrás disso. Eles não esperam que.. “ah a Prefeitura vai dar”. A Prefeitura não ajuda eles, né, nesse sentido. É eles com a igreja mesmo que correm atrás disso e montam, sabe? Então você passa aqui na sexta-feira de manhã, você vê eles montando uma coisa aqui, montando outra coisa ali. E você vê o quê? É os jovens. E a gente olha pros jovens do nosso bairro e fala “ah os jovens desse bairro é tudo bandido, tudo usuário de droga, tudo metido com..” Não é essa a realidade.

Aqui, vejo a tentativa de Laura de mostrar que o *conceito* que se tem do bairro se estende aos seus moradores, em especial, aos jovens; e que ela não julga ser essa a totalidade da realidade. Ela segue, então, falando sobre os meios de comunicação, mas acrescentando que o próprio bairro não busca divulgar os acontecimentos positivos.

Acho que esse bairro um pouco assusta, o nome.. Mas eu falo assim, que a gente consegue mostrar movimento ruim do bairro. Mas as coisas boas a gente não corre atrás. Sabe, assim.. Ah, quando morre alguém aqui no bairro, sai na televisão, mas se aconteceu um evento legal, não sai na televisão. Não passa. A gente não corre atrás pra passar na televisão. Porque a gente acha assim “ah isso aí é bobeira”. Não é bobeira. Não é?

Novamente a visão sobre o bairro propagada pela mídia aparece, privilegiando as informações que reforçam seus aspectos negativos. Laura conta, então, sobre outros eventos que ela considera serem positivos para o bairro, mas que não são divulgados.

Ela menciona uma senhora moradora dali, que faz uma celebração no dia de São Benedito, servindo almoço para todo o bairro. Este evento, Laura conta que passou na televisão. Nesse momento, ela passa a falar do natal solidário do bairro, que ela também considera um aspecto bom do bairro.

Tá tendo uma campanha esse ano no nosso bairro, que vai ser o primeiro ano que vai ter, do natal solidário. Eles tão fazendo jogo de futebol e pra você jogar, você tem que pagar. O jogador ele paga, ele dá uma contribuição, né? Então, já é voluntário... Quem quer jogar, já sabe que vai ter que ajudar. Ou dar um valor, um brinquedo, um tipo de alimento, pra fazer o natal solidário do bairro. Porque eles tão querendo alcançar as crianças que não tem o direito de ganhar um presente de natal. Que é a realidade do nosso bairro também. Tem muita gente carente que mora no nosso bairro.

Nesse momento, Laura menciona seu irmão, Alexandre. Ele está na organização do natal solidário.

Às vezes até esse natal solidário mesmo.. o meu irmão tá envolvido com isso, né.. que ele tem um time de futebol. E o time dele na frente disso aí, mexendo com isso aí também.. E a gente tem aquela visão às vezes de olhar e falar assim “aquela turma lá fazendo isso? É pra se aparecer”. Não, a gente tem que parar de... mudar esse foco também.

Percebo que o irmão de Laura sofre algum tipo de represália pela população do bairro, evidenciada na desconfiança em relação às suas atividades. Seria por ter se envolvido com a *violência* no passado?

Laura passa a falar novamente da *criminalidade*. Ela a coloca outra vez no passado, e reforça a ideia de que a *criminalidade* não é problema exclusivo do bairro, mas sim, do mundo.

E eu falo assim, já morei aqui no bairro numa época que não era violento, que foi na época que eu era criança, era um bairro bem tranquilo. Depois eu morei numa época em que era muito violento. E hoje eu acho que o bairro hoje tá voltando àquela época que não era tão violento mais... É o que eu falo.. o índice de criminalidade tem... índice de droga, usuários, às vezes a gente fala assim “ah a gente encontrou em tal lugar gente usando droga na rua”... Tem. Mas eu acho que isso é uma realidade do mundo. Não é do bairro. Acho que é do mundo.

A violência aqui volta a ser associada às drogas. Entretanto, Laura ressalta mais uma vez que, embora os aspectos negativos do bairro existam em certa medida, também existem aspectos bons. Ela menciona então, o caso do seu filho.

Mas se eu moro no bairro, eu tenho que vestir a camisa do bairro. Moro lá? Lá é ruim? É. Até o Daniel fala assim, “lá no bairro não tem bandido? Tem. Lá no bairro tem traficante? Tem. Lá no bairro tem usuário de droga? Tem. Mas lá no bairro tem um escritor, que um monte de bairro não tem”. E eu falo assim, que é esse tipo de coisa que a gente tem que olhar mesmo. Que tem que fazer a diferença.

Laura fala um pouco mais sobre seu irmão. Fica mais claro que a visão que a pessoas do bairro têm sobre ele é uma consequência de seu envolvimento naquilo que vêem como *violência*. Alexandre leva a marca física dessa participação, ainda que passada, e parece haver dificuldades para os moradores em desfazer a vinculação de sua imagem à imagem negativa do bairro. Ainda assim, em termos de sua própria vivência no bairro, isso não parece impedi-lo de atuar de forma positiva.

O meu irmão, hoje ele é cadeirante. Por quê? Porque ele se envolveu no mundo de drogas, as coisas erradas do bairro, naquela época. Então, hoje ele é cadeirante. Hoje, se você vê ele, ele é transformado, sabe, assim? (...) Hoje é ele que tem esse time de futebol. E você vê assim a visão desses rapazes que jogam nesse time, naquela visão assim, já faz acho que uns 3 ou 4 anos que eles passam nas casas, e arrecadam bola e boné, e passam nas casas e jogam a bola lá na casa da pessoa. Ninguém nem sabe quem que jogou aquela bola lá. Então se eles realmente quisessem aparecer, eles faziam o que? Batiam lá e falavam “ó, meu time, ou essas pessoas tão fazendo isso pra você. Não. Eles sabem, ó lá naquela casa tem uma menina e um menino. Passam lá e jogam a bola e uma boneca lá.. quando você vê, tá lá, a bola e a boneca.

Nesse momento, Laura fala sobre essa extensão da visão negativa do bairro para as pessoas associadas ao que se julga ser ruim. Em sua opinião, nem sempre a visão que se tem corresponde à realidade.

Na verdade a gente às vezes olha pro ser humano, no geral, já vê a figura dele e já julga nisso. E eu acho que é aí que o nosso bairro peca um pouco, né. E quando você olha, você fala “nossa! Vou passar no meio daquela turma? E já fica meio com medo. E às vezes não.. Passa no meio deles e tem nada a ver. O meu convívio aqui no bairro é tranquilo. Eu ando no bairro tranquilo.

Pergunto a Laura, então, sobre o livro que seu filho escreveu. Ela conta que seu filho lê desde os 4, 5 anos de idade e que, quando estava na pré-escola, leu um texto de homenagem na apresentação de fim de ano da escola. Ela comenta que desde essa época as pessoas

ficavam espantadas com o menino, por ele ser muito novo ainda. Sobre o livro, ela conta que surgiu de uma tarefa dada pela professora, de uma redação de 20 linhas, que acabou se estendendo.

No ano passado, a professora deles, no início do ano, foi em abril do ano passado, a professora dele passou uma tarefa de casa. (...) Mandou eles fazerem uma redação. E era uma folha com 20 linhas. E era só essa folha que era pra ele fazer. 20 linhas de redação. E ele chegou em casa e começou a escrever o livro.. a tarefa.. e aí ele disse “mãe, me empolguei um pouquinho, eu posso passar das 20 linhas?” e eu falei “pode”. Mas quando eu vi que ele não terminava a tarefa, né.. e aquilo tava indo e indo.. eu falei “Daniel, quanto você já escreveu?”, ele falou “3 folhas”. Eu disse “não! é muito.. era 20 linhas! a professora nem vai ler isso.. é.. pode parar por aí”, e ele falou “mãe, mas a história tem que ter começo, meio e fim, e a minha ainda tá no meio”. Eu disse “não, pode parar agora, amanhã você se explica com ela”. Aí ele escreveu assim “Você pensa que a minha história acabou? Não acabou. Mas eu tenho que parar, se não meu caderno vai acabar. Mas eu ainda tenho muito pra contar”. E assim a professora veio, na hora que ela tava lendo, ela achou engraçado. Aí ela falou “Daniel, o que que você tanto tem pra contar?”. E ele falou “ah, na hora que eu tava escrevendo surgiu um monte de ideia na minha cabeça”. E aí ela falou “então você continua contando, quem sabe dá um livro?”.

Laura comenta que nem ela nem a professora esperavam que Daniel fosse mesmo escrever um livro, mas que incentivou, depois do aval da professora. Sinto que Laura leva adiante, com essa oportunidade, o desejo de Dona Maria de ver alguém na família conseguir algo através dos estudos.

Mas ela mesmo fala assim [a professora], que ela falou assim, mas ela não achou que ele fosse levar tão a sério. Porque é uma coisa que ela achou que não... Não que ela não acreditasse que ele tinha potencial, mas ele era muito criança. Daí ele pegou, chegou em casa e falou pra mim assim “mãe, a professora mandou eu mandar o livro.. vou escrever um livro. O que que a senhora acha?”. Então assim, nós também, na época a gente incentivava, né? “Então, escreve, Daniel, um livro pra gente. A gente vai ter um escritor na nossa família... Escreve aí um livro pra gente”. Mas tudo assim, na base... a gente levava na brincadeira mesmo, porque ele tinha, naquela época, 10 anos, a gente não podia imaginar que ele ia escrever um livro de verdade, né?

Ela conta que Daniel escreveu o livro com a supervisão extra-classe da professora, que corrigia apenas os erros de português – sem mexer no conteúdo da história. Ao terminar o livro, Daniel passa agora para a mãe e para a professora a tarefa de buscar a publicação.

Então, quando a gente leu o livro dele, é.. a gente foi lendo o livro.. eu mesma tinha lido só uns pedacinhos, né.. Ele escrevia um pedacinho hoje, eu lia.. Aí depois.. Quando ele falou “agora eu terminei”, quando a gente pegou o livro pra ler, a gente falou “nossa, realmente, isso é um livro”. Que teve assim, todo aquele conteúdo. Então, assim, ele pegou, deu, entregou o livro pra ela e falou “professora, e agora? Nós vamos fazer o quê pra publicar o livro? O livro eu escrevi”.

Laura conta agora sobre a dificuldade que teve de encontrar interessados na publicação do livro de Daniel na própria cidade.

Teve várias coisas pra gente fazer, começou a ficar muito caro a gente começou a correr atrás de patrocínio na nossa cidade mesmo. Aí não conseguimos patrocínio aqui. (...)
A gente ia atrás de um patrocinador, ele falava “ah não, não me interessa”, ou olhava o livro e falava assim “bonitinho, né? Mas agora não dá pra nós..”. E o Daniel acompanhando tudo isso, né? Então eu falava às vezes assim.. “a gente vai acabar frustrando ele de ouvir tanto não, tanto não, tanto não”. Porque “não” também dói, né? E ele era pequeno ainda. Né? Tanto ‘não’, ele vai acabar desacreditando. Então ele falava pra gente assim, “mãe, ‘não’ só serve pra gente crescer, nunca pra diminuir. Então, cada ‘não’ que eu recebo, eu subo um degrau, eu não desço”. E eu pensando, mas ele é tão pequenininho pra entender isso, né?

O interesse em publicar o livro veio então, de uma cidade vizinha. Um apresentador de um programa de personalidades tomou conhecimento do livro e entrou em contato com a família e com a professora, tendo sido o interlocutor junto a uma editora para enfim, concretizarem a publicação. Ele também viabilizou o lançamento do livro na Bienal do Livro dessa mesma cidade.

A partir daí, Laura conta que Daniel foi convidado para dar algumas palestras em escolas (o que continua acontecendo), mas que ainda é muito difícil para as pessoas acreditarem que um menino de 10 anos escreveu um livro... Ela própria comenta que, não fosse a professora ter dado a chance de Daniel continuar escrevendo, nada disso teria acontecido.

Sobre a escrita, Laura conta que Daniel diz ser apenas um hobby, e que seu desejo profissional é de ser um cientista. Entretanto, continua escrevendo, como por exemplo, um livro paradidático de matemática – proposta feita por um professor de sua escola.

Passamos em frente à escola onde Daniel estava estudando quando escreveu o livro. Laura me conta, então, que hoje, seus filhos estudam em uma escola particular do centro. E que isso se deve a outra atitude inusitada de Daniel.

Hoje, na escola que ele tá, ele estuda numa escola particular, uma das melhores escolas da nossa cidade. E o Daniel tá lá porque ele é muito ousado. Eu falo pra ele que ele é pequenininho, mas ele é ousado à beça. Ele... Quando ele saiu aqui de uma escola do bairro, que ele foi pra outra, também do bairro.. chegou lá e tinha bagunça, essas coisas, que eu acho que lá mudou muito da época que eu estudava. Ele falou assim pra mim: “mãe, eu não quero estudar lá naquela escola, eu acho que eu mereço uma coisa melhor”. Eu quero uma escola particular pra mim.

Laura conta que disse ao filho que, para ela, era importante dar a mesma educação aos dois filhos, mas que temia não ter condições financeiras para proporcionar o que o filho estava pedindo. Ela ligou para a escola, perguntou os valores e verificou, junto com Daniel, as possibilidades dentro do orçamento da família. Os dois chegaram à conclusão de que não seria possível, mas Daniel não se convenceu e questionou a mãe se não seria possível pedir bolsas de estudo. Laura disse para o filho que ganhar uma bolsa de estudo não seria tão fácil. Daniel, então, surpreendeu mais uma vez.

E ele mandou um e-mail pra escola, por conta e risco dele.. E um dia eu tava trabalhando e a escola me ligou: “Mãe, você é a mãe do Daniel?”, “Sou”, “Quer saber sobre o e-mail que você mandou...”, e eu não sabia do que se tratava. Até na época eu falei “meu Deus! que que a escola vai pensar, né?” O menino manda e-mail e a mãe nem verifica... Mas como o Daniel usa muito o computador, ele não comentou assim “mandei um e-mail pra escola”, ele falou que ia mandar, mas não disse que tinha mandado. Então, passou... Aí eu falei “Olha, eu vou ser sincera, não sei do que se trata o e-mail... Mas, se ele mandou o e-mail, eu assino embaixo”. Aí a diretora da escola perguntou pra mim assim “Aqui no e-mail ele disse que tá preparado pra fazer a prova da nossa escola seja qual for” ... “Eu posso marcar pra amanhã?”. Eu falei “pra amanhã?”, ela falou “é, eu quero marcar a prova pra ele amanhã, então”. E também tem um detalhe no e-mail dele, “se for pra ele vir pra escola sozinho, ele não quer, ele precisa da vaga pra irmã também, tem como trazer os dois na escola amanhã?”. E eu disse “tá eu levo”.

Mas eu fiquei assim naquela situação... eles vão chegar lá, e vão dar uma prova difícilíssima pra eles fazer.. Porque é a realidade.. E eu cheguei em casa e falei pra ele assim, a escola me ligou, falou que amanhã é pra gente levar... a Gabriela falou assim: “mãe!! mas a gente não tá preparado!”. Eu falei “mas o Daniel disse que tava, e agora a gente faz o quê?”. Eu falei: “e você Daniel, tá preparado?” e ele falou “tô”. Eu falei: “Você TÁ preparado?” e ele falou “TÔ”.

Enquanto Laura ficou muito preocupada com a situação, Daniel não pareceu se abalar. No outro dia...

Aí no outro dia nós chegamos na escola e perguntaram pra ele assim “por que que você mandou um e-mail pra nossa escola e não pra outra?”. Ele falou assim “porque como eu me acho capacitado, eu acho que eu mereço estudar numa escola conceituada como a de vocês”. Foi a resposta que ele deu pra diretora. A diretora ficou... “que que a sua mãe achou de você escrever o e-mail? Ele falou “minha mãe nem SA-BIA que eu ia mandar o e-mail...”. “Por que que você pediu a bolsa pra sua irmã?”. E ele falou “porque não é justo um ter uma educação e outro ter outra, então, a gente tem que ter a mesma chance na vida”, “cada um faz o que quiser da sua, mas a chance, os dois tem que ter igual”. Aí a diretora da escola pra ele assim “a bolsa de estudo... a bolsa é sua e da sua irmã”.

Daniel conseguiu a bolsa para ele e para sua irmã. Laura comenta ainda que ficou espantada com a coragem e ousadia do filho, afirmando não ter ela própria essas características nesse nível. Percebo que Daniel desafia em vários momentos aquilo que se espera dele – se não por sua pouca idade, por ser morador do bairro. Afinal, por qual motivo sua cidade não se interessou por seu livro?

Antes de concluirmos nosso percurso, pergunto a Laura o que ela pensa ser a *violência*.

Eu acho que a violência, na verdade, a gente... é.. pra mim, acho que eu sinto quando as coisas.. tá sendo violentas pra mim, é quando tiram meus direitos. Muitas vezes a gente só encara a violência assim “eu fui assaltado”, “eu fui roubada”, “tem droga”, isso é violência. Mas eu acho que muitas vezes a gente tem um direito roubado, que eu acho que não deixa de ser violência.

Laura menciona a experiência da filha, Gabriela, quando esta estudou em uma das escolas do bairro – aquela que Dona Maria havia afirmado ter muita “bagunça” (*violência*), e da qual Daniel também quis sair.

Sabe, por exemplo assim, aquela escola, da maneira que ela tá, sem ter uma coisa certa... A Gabriela estudou o ano passado lá e eu posso dizer assim que foi um ano meio que perdido, pelo fato assim, de hoje ter aula e amanhã não ter. Ou de ela chegar na escola às 7 horas da manhã e 8 horas ela ter ido embora pra casa porque não tinha professor pra dar aula. Eu acho que isso é um tipo de violência também.

Ela afirma, então, não enxergar a *violência* somente nos seus aspectos “físicos” (corpo a corpo), como em um assalto ou assassinato, mas também no sentido de tirar direitos da população. Em sua opinião, é essa retirada de direitos a causa da violência “física”.

Se a gente for olhar, desde pequenininho vão sendo tirados direitos e direitos e direitos, que quando chega lá na.. lá na frente, é a hora que muitas vezes as pessoas se perdem nos caminhos da vida aí... por um direito que foi tirado dela. (...)

Mesmo que eles não se percam no caminho por aí... mas eles também não vão ter um serviço legal... eles também, dificilmente vão conseguir ter uma boa faculdade, um bom estudo lá na frente, porque já não teve a base. Então eu acho que isso é uma das piores violências..

Que é dessa violência do direito da gente que vai tirando os outros, que vai trazendo os outros... que vai trazendo droga, a violência do assalto, do assassinato, porque hoje a gente perdeu valores, né?

Laura fala sobre os valores que são cultivados dentro das famílias, e retornamos a um tema que ela mencionou em nosso primeiro encontro, quando nos conhecemos. É o costume de pedir “bença” aos pais, padrinhos e pessoas mais velhas. Ela afirma que este e outros hábitos, que podem ser considerados “caretas”, são preservados pela sua família. Para Laura, a perda de valores no interior da família e na sociedade como um todo também pode ser vista como causa da *violência*.

E vai se perdendo os valores. Eu acho que isso tá faltando muito... mas é igual eu falo, eu acho que não é no nosso bairro. Acho que é no nosso país num todo, né. Porque a gente vê hoje criança fazendo coisa que adulto faria. Então às vezes a gente olha e fala assim “ah porque é criança”, mas a criança fez alguma coisa errada? A culpa é nossa. Porque nós somos os espelhos das crianças, né.(...)

Então, assim, acho que quando a gente fala assim “as crianças de hoje em dia... perdidas”. Não. Nós estamos perdidos. Né?

A sociedade como espelho... Seria a *violência* das crianças e adolescentes um reflexo de uma *violência* da sociedade? O que esse espelho está refletindo?

2.3.2 Gabriela (Tweedledee)

Dia do terceiro percurso. Encontro com Laura novamente, no local de trabalho de Dona Maria. Ela traz sua filha, Gabriela, de 14 anos, e nós nos apresentamos. Como ainda não nos conhecíamos – Gabriela só sabia de minha pesquisa através de sua mãe – pergunto se ela gostaria que Laura caminhasse junto conosco. Ela diz que não é necessário, e nós começamos nosso percurso.

Gabriela começa me fazendo uma pergunta. Ela quer saber onde moro. Respondo, e fico pensando que ela também tem curiosidade sobre mim. Da mesma forma que a mãe e a avó, quiseram saber de onde vim e, talvez, por que vim parar ali, e por que tenho interesse na vida dela... Explico um pouco sobre o que gostaria de saber, e digo que ela guiará nossa caminhada pelo bairro, pelos lugares importantes para ela.

Ela também me pergunta se eu estou gostando de ir para lá. Respondo que sim, e que estou conhecendo o lugar através de sua família. Ela começa a contar, então, que o bairro é grande, comentando a respeito dos vários bairros que existem ao seu redor.

Passamos pela praça do palco, já mencionada por sua avó e por sua mãe.

Aqui eu vinha brincar muito aqui quando eu era criança e de vez em quando eu ainda venho aqui pra alguma festinha que tenha aqui... que a gente faz bastante coisa. (...)

Tipo, coisas beneficentes. Igual, aqui, acho que dia 21 se não me engano, vai ter o natal beneficente. Aí a gente vem aqui, tem muitas brincadeiras, às vezes tem sorteio... No carnaval tem a matinê aqui, tem sorteio das coisas. Tem tudo.

Gabriela diz que frequenta a praça... Ela é adolescente, mas as atividades das quais participa naquele lugar não são as atividades referidas pela mãe e pela avó – não se encaixam na categoria dos aspectos ruins, da *violência* e da “bagunça”.

Continuamos nosso percurso, e pergunto a Gabriela sobre o tempo que moraram fora do bairro. Ela me diz que não gostava do outro bairro, por ser tudo muito longe e faltar muitos serviços que ali já existiam. Pergunto se ela pretende continuar morando ali no futuro.

Pretendo, porque eu acho que a gente vai ter um bairro bom, porque tem tudo perto. Não tem morro, então... Acho que aqui é o bairro ideal pra se morar.

Gabriela passa a falar, então, dos vários serviços disponíveis no bairro, também mencionando a PEC que está para ser construída.

Eu acho que tá melhorando bastante por causa que agora tá vindo... o... igual, tá vindo a PEC.... Aqui vai ter um Educamais aqui, pra gente fazer curso... Tem um banco aqui, tem uma lotérica, tem tudo aqui que não tem nos outros bairros. Então, aqui é praticamente uma mini-cidade, né? Tudo pertinho, mercado. Tem duas farmácias, uma perfumaria. Tem um monte de coisas.

Apesar de ressaltar esses aspectos positivos do bairro, ela me conta que não costuma passear ali – mas para outros bairros e para o centro da cidade, sim. Quando questiono o motivo, Gabriela fala sobre a “ideologia” do bairro, que ela considera ser “feia”.

Eu não costumo muito sair, mas por coisa minha mesmo. Eu prefiro ficar em casa quieta lá no meu canto do que sair. Só quando minha mãe vai pra cidade, alguma coisa assim, que eu vou com ela. Ao mesmo tempo que eu gosto de bater perna eu não gosto. Eu não gosto de sair por aqui, mas pra cidade, pros lugares, eu gosto. É mais assim, por causa assim, por causa... a ideologia daqui é muito feia. Tipo, porque tem muitos maloqueiros, muitos... de vez em quando tem polícia andando por aqui. Então, é meio estranho andar por aqui à noite. Eu ando, não tem problema nenhum. Mas é meio estranho por causa que às vezes tem polícia passando do teu lado, te olhando de cara feia. E eu não gosto... (...) Onde tem mais polícia por aqui, é lá na entrada mesmo, aqui. Aí ali é onde tem mais. (...) É porque, como lá é a entrada, então, é a única entrada que tem pra sair daqui. Então, todos os carros que passam lá... até ônibus eles param de vez em quando e revistam todo mundo que tá no ônibus. Só por... formalidade.

Pela primeira vez, surge a questão da polícia. Gabriela mostra, com isso, que a polícia atua nesse bairro “rondando” e vigiando, e, também, revistando pessoas na única entrada do bairro. Gabriela dá, então, outro nome para as pessoas que ela julga fazerem parte desse lado negativo do bairro: *maloqueiros*. O assunto das drogas aparece novamente.

Eu acho que aqui tem muita... muitas pessoas que não... é meio desviado. Muitos drogados... Se você passar aqui à noite, em cada esquina tem um fumando maconha, um fumando um cigarro, assim, aberto... Agora, quando vê uma polícia aí todo mundo some, né? Todo mundo corre.

Pergunto a Gabriela o que ela pensa sobre as drogas e ela me responde que nunca experimentou e que não sente vontade de experimentar.

Seguindo o percurso, ela diz que vamos até uma das escolas onde estudou. É a escola da “bagunça”, da qual seu irmão pediu para que eles saíssem.

Eu estudei um ano lá. Praticamente foi um ano perdido. Porque agora só que eu vejo o que eu perdi nesse um ano. Que agora eu tô estudando numa escola que pega no pé, que tá sempre em cima. E eles falam assim “você aprendeu isso na oitava série”. E eu falo “na oitava eu não aprendi nada”. Eu saía de casa dez pras sete e nove e meia eu já tava em casa. Não tinha professor pra dar aula. Lá todo mundo era preguiçoso.

Gabriela demonstra sua insatisfação com o descaso daquela gestão escolar, que não proporcionou a ela o preparo necessário, e também vê o descaso no desinteresse dos alunos.

Entretanto, volta a falar que o bairro oferece algo de bom, e parece também colocar sua esperança de resolução da questão do “desvio” dos adolescentes – para utilizar suas palavras – em atividades que os ocupem.

Mas aqui também tem bastante coisas legais também... Tem bastante curso pra gente adolescente.

Eu acho legal isso, porque eu acho que tira um pouco a adolescência da rua. Aí eles param um pouco de ficar fumando... bebendo... essas coisas.

Gabriela fala então sobre cursos que existem no bairro, direcionados ao público jovem, como cursos de violão e canto, e na cidade, como o de teatro, canto e pintura. Gabriela fez o de teatro, dentro do qual estava apresentando uma peça naquela semana. Ela também participou de um curso de pintura em tela e, a respeito de uma das telas que pintou, Gabriela fala sobre a *violência*.

(...) E fiz um do bairro mesmo. Tem coisas legais, que era a parte azul, e a violência, o sangue, coloquei umas penas com... sujas de vermelho. Que significa a violência, que eu acho que é um... muita... Que já aconteceu muitas mortes aqui. (...)

Roubos, muitos roubos. A lotérica já foi roubada umas 10 vezes esse ano. Mas muita morte, aqui também tem muita morte. Acho que é isso que ajuda um pouco... assim... “Ah, aqui é um bairro de delinquente”. Todo mundo tem medo de vim pra cá. De todos os bairros, de toda a cidade, fala assim... quando fala assim “ah vamos lá naquele bairro

fazer alguma coisa?”, ninguém quer vim. Tem medo de vim aqui e morrer aqui.

Agora a gente que mora aqui, já não. A gente já está acostumado com tudo isso né? Igual esses dias, teve o toque de recolher. Os bandidos foi e falou pro bairro que todas as casas, comércios, tudo que estiverem aberto, eles iam roubar. Então, ninguém colocou a cara pra bater, né? Aí todo mundo se trancou dentro de casa. Uma hora da tarde todo mundo tava trancado dentro de casa. Nesse calor, trancado dentro de casa. Não podia sair. Complicado aqui...

Gabriela expõe as situações visíveis da *violência* – as drogas, as mortes, os assaltos, o toque de recolher. Novamente, vejo que há ambiguidade no sentimento em relação ao bairro... O bairro é bom, tem tudo, mas tem *violência*, o que faz com que seja vigiado e temido.

Perto de concluirmos nosso percurso, passamos por um bar onde está tocando música alta e pessoas estão bebendo. Ela comenta, então, sobre o *funk*. Percebo que este estilo de musica é associado novamente aos aspectos negativos do bairro.

Se tinha uma coisa que tinha que diminuir um pouco era esses bares. De noite é uma coisa de louco. É funk pra todo lado, é bebida rolando pra todo lado. Sempre tem um acidente de carro por causa de bebida alcoólica. Sempre. Não tem um dia que passe sem um acidente por aqui. Eu acho isso chato.

Gabriela conclui retomando um fato já relatado, o de que, devido ao que acontece de ruim no bairro, o que acontece de bom não é divulgado. Ela dá sua opinião a respeito da dificuldade que seu irmão teve para publicar seu livro.

Aí as coisas boas que acontece aqui, ninguém fica feliz, né, pela gente? Igual o meu irmão. Ele é escritor, e ninguém deu bola pra ele, quando ele escreveu. Só por causa que era aqui do bairro.

As contradições continuam... entre o bom e o ruim, entre o positivo e o negativo. Mas o fato de que a *visão* sobre esse bairro exerce uma grande influência sobre seu território e seus moradores – para além da materialidade da experiência ali vivida – fica cada vez mais evidente.

2.4 A Lebre e o Chapeleiro Louco / Os Mensageiros⁹

- Ele é um mensageiro anglo-saxão, e essas são atitudes anglo-saxãs. Ele só age dessa maneira quando está feliz.

Seu nome é Haigha. (...)

- O nome do outro mensageiro é Hatta. Preciso de dois, percebe? Para levar e trazer. Enquanto um leva, o outro traz.

[Alice no país do espelho,
Lewis Carroll, 1971, p. 127-128]

2.4.1 Daniel (A Lebre / Haigha)

- O que... é... isto? – Disse, finalmente.

- Isto é uma criança! – replicou Haigha, impaciente, chegando até o lado de Alice, a fim de apresentá-la, e esticando ambos os braços com as mãos abertas na direção dela, numa atitude anglo-saxã. – Nós somente a encontramos hoje de tarde. (...)

- Sempre pensei que crianças fossem monstros fabulosos! – asseverou o Unicórnio. – Por acaso ela está viva?

- Ela sabe até falar – Garantiu Haigha, solenemente.

O Unicórnio olhou para Alice com uma expressão sonhadora e disse:

- Pois então fale, “criança”!

Alice não pôde impedir que seus lábios se curvassem em um sorriso, antes de dizer:

- Pois sabe de uma coisa? Sempre pensei que os Unicórnios fossem monstros fabulosos também! Nunca havia visto um vivo antes, só nos desenhos.

*- Bem, agora que **vimos** um ao outro – disse o Unicórnio –, se você acreditar em mim, eu acreditarei em **você**. Negócio feito?*

[Alice no país do espelho,
Lewis Carroll, 1971, p. 134-135]

Dia do quarto percurso. Encontro novamente com Laura no local de trabalho de Dona Maria. Dessa vez, ela traz Daniel, seu filho, para que nos conheçamos e façamos nossa caminhada pelo bairro. Daniel tem 11 anos, e pede que a mãe nos acompanhe no percurso.

Daniel começa a me falar sobre o que pensa do bairro. O que ele fala segue o mesmo rumo das declarações da avó, mãe e irmã... A ambivalência entra em cena novamente.

⁹ Na história de Alice, a Lebre (Haigha) também é o Unicórnio e, no jogo de xadrez, representa o peão do Cavalo da Rainha. O Chapeleiro Louco (Hatta), por sua vez, é também o Cavaleiro Branco e, no jogo, representa o peão do Cavalo do Rei.

Ah, esse bairro é um bairro muito bom de se viver. Porque eu já morei, por exemplo, noutro bairro, tem muito morro, a escola é longe... Aqui não, as residências são bem perto das escolas, é um bairro completo, tem lotérica, tem banco, tem de tudo aqui, né. As pessoas costumam dizer que aqui é um bairro violento, mas violência tem em todo lugar, até na cidade tem violência. E as pessoas acabam entrando tanto pra violência, que acabam esquecendo das verdadeiras riquezas do bairro.

Vejo que Daniel traz também a questão de a *violência* não ser exclusiva do bairro, mas também estar presente “na cidade”. Entretanto, ele afirma que este tema prevalece no que se fala desse lugar e, por falarem somente disso, esquecem dos aspectos bons, que ele chama de “riquezas”. É a visão sobre o lugar dominando novamente as relações que nele se dão.

Pergunto a Daniel sobre o seu livro, se ele se inspirou de alguma maneira em sua vida no bairro para escrever. Ele conta que a história do livro é baseada em suas experiências ali.

Eu conto da casa da minha vó, do serviço dela... conto do bairro, então o livro é... O livro é mais ou menos a minha vida, com o bairro. É uma história humorada aqui no bairro.

Peço, então, que Daniel me conte como foi escrever o livro. Laura já havia contado a história, mas pensei que seria interessante ouvi-lo contar de sua perspectiva.

Bom... as professoras, como eu falei, elas puxam muito, exigem bastante, e elas passaram uma tarefa de casa. E era pra continuar um texto assim, que começava com uma frase que a professora deu. Umas 15 linhas mais ou menos de texto assim, em uma folhinha. Eu cheguei nas 15 linhas e falei “mãe, posso continuar?”. Porque eu sabia que a história tinha que ter meio, começo e fim. Então a mãe falou, pode, né?

E eu continuei escrevendo, fui pro meu quarto e fiquei escrevendo. Minha mãe achou estranho porque demorou... passou um tempo e eu ainda no quarto escrevendo. Quando ela entrou, ela falou assim “Daniel, mas você não tava fazendo sua tarefa de casa? Faz sua tarefa de casa”. Ela achou que eu tava brincando. Eu ainda tava escrevendo. Quando ela viu lá, já tinha 6 folhas de caderno. “Mas Daniel, não pode ser tão comprida! Ela nem vai corrigir”.

Foi quando a minha mãe falou pra eu terminar. Só que não podia ter início, meio e não ter fim. Então, eu coloquei assim... “Se eu continuar contando, meu caderninho vai acabar. Mas não pense que a história acabou...”.

A gente tava na educação física, quando a gente voltou, a minha professora perguntou por que eu tinha escrito aquilo. Foi quando eu falei pra ela, que quando eu tava escrevendo, várias ideias

vieram à minha cabeça, então ela falou, “então passa isso pro computador e continua escrevendo”. Quando eu fiz isso, escrevendo, eu mandava por e-mail pra ela, ela corrigia, e me mandava. Então, foi tudo extra-classe. Quando chegou no fim do capítulo ela falou “Daniel, porque é um livro infantil, então, não pode ser muito comprido também, né.. pra ajudar na leitura”. Daí eu fechei o fim, fui fechando o livro...

Ele também menciona o fato de sua cidade não ter se interessado pela publicação do livro – ele chamou de “guerra”, reafirmando a sensação que sua mãe teve de todo o processo.

Aí começou a guerra pra publicação. Aqui na cidade a gente não obteve sucesso. Postaram num blog de São Paulo, do meu livro. Então outra cidade se interessou e veio até aqui pra ler o meu livro. Eles leram o livro 'imprimido' e resolveram publicar.

Ele me conta um pouco mais dos detalhes do livro e, então, chegamos ao primeiro lugar que Daniel quer me mostrar... é o campo onde ele solta pipa com seu pai. Quando pergunto que outros tipos de atividades ele faz no bairro, Daniel fala sobre ir à escola, mencionando a escola onde se inspirou para escrever seu livro.

Minha escola agora... agora eu tô estudando noutra escola. Lá na cidade. (...) Mas eu sempre estudei numa escola daqui, que é uma escola muito boa. Agora tão reformando e vai ficar maior ainda, né? Acho que vai ficar melhor do que já era. E os professores daqui, eles cobram muito do aluno. Teve uns cinco ganhadores de concurso aqui. E é concursos de... do estado inteiro. Então, é uma escola que os professores cobram e tem lucro por aquela cobrança, né? Eu acho que também é importante, a cobrança dos professores, a estrutura da escola... que é uma escola bem grande. (...) Aqui é uma escola excelente. Foi aqui que eu fui inspirado a escrever o livro.

Daniel mostra, com esta descrição, o contraste desta escola com a outra, onde há a “bagunça”. Aqui, percebo que Daniel valoriza os estudos, de fato, possivelmente absorvendo as expectativas da mãe e da avó – mesmo que não saiba disso conscientemente.

Agora, Daniel passa a falar sobre a sua escola atual, contando o episódio do e-mail, através do qual pediu bolsas de estudo para ele e para a irmã. Penso que ele buscava nessa escola a mesma estrutura que tinha na escola do bairro, onde escreveu seu livro.

Eu mandei um e-mail pedindo que... pra mim pegar uma bolsa, e que eu já tava preparado pra essa bolsa. E eu pedi uma bolsa, pra mim fazer uma prova pra uma bolsa, porque a minha família não tinha condição. E quando a gente chegou lá, o colégio falou... perguntou pra minha mãe o que que tava escrito no e-mail. Só que eu mandei esse e-mail quando a minha mãe tava fora. Então, minha mãe não sabia.

O colégio falou que foi o primeiro aluno que se interessou por uma escola melhor, né? Então, ganha a bolsa. Eu falei que se não fosse... se a minha irmã não estudasse naquela escola, pra mim não servia também. Então, eu ganhei uma bolsa de 100% e a minha irmã uma de 50%.

Daniel pediu e conseguiu as bolsas. Relembro o relato de Laura sobre esse episódio, contando o que Daniel respondeu para a diretora, quando esta lhe perguntou o motivo de ele pedir a bolsa para sua irmã também: *“porque não é justo um ter uma educação e outro ter outra, então, a gente tem que ter a mesma chance na vida... cada um faz o que quiser da sua, mas a chance, os dois têm que ter igual”.*

Ele quer uma chance melhor do que aquelas oferecidas pelo bairro. Ele quer, também, a mesma chance para ele e para a irmã.

Pergunto a Daniel se ele escolheria estudar no bairro, caso houvesse uma escola boa para ele ali. Ele responde que sim, falando um pouco mais das qualidades do bairro e das várias escolas existentes ali. Eis o que ele pensa sobre a importância da escola.

É... a gente não pode chegar a lugar nenhum... escola é o caminho.

Continuamos nosso percurso, e peço que Daniel me fale um pouco mais sobre o que pensa sobre a *violência* de que tanto se fala quando o assunto é o bairro. Ele fala então, sobre outro tipo de “roubo”, o “roubo” de direitos.

Eu acho que violência não é só tiroteio, assalto, assassinato, mas violência também pode ser os roubos... de tudo. De verbas. Violência também é desvio (sic) de direito, desvio (sic) de dinheiro dos hospitais. Violência não é você ser assaltado.

Tem muita pessoa que acha que... fica tão revoltado com a violência em assalto... E o bairro dela às vezes não tem muito assalto, mas o hospital tá desviando dinheiro. O prefeito não é um bom prefeito porque tá desviando dinheiro.

Então, também... As escolas não são boas, ela já perdeu um direito, que é o direito da educação. Então, as pessoas se preocupam tanto com a violência em forma física e não percebem a verdadeira violência, né.

Recordo-me outra vez do relato de Laura... A *violência* aqui é associada à má gestão pública, à falta de escolas, ao desvio de verbas... Daniel aponta para o fato de que prestar atenção apenas na *violência* física – em suas palavras – acaba desviando a atenção desses problemas que são de uma dimensão mais ampla e que transcendem a problemática do território.

Mesmo sendo possível que seu discurso seja bastante influenciado pelo que ouve em casa de sua mãe e avó, é uma perspectiva a ser levada em consideração.

Concluindo nosso percurso, pergunto a Daniel o que ele gostaria que melhorasse no bairro.

Eu acho que o bairro já é um bairro tão completo, que a única coisa que precisaria mudar é a confiança que o público mesmo do bairro, deveria ter no bairro.

Aqui tem, ali mesmo tem polícia... O distrito policial tá aí... Aí chega 10 horas da noite, ninguém chega nunca a ir na esquina. Tá com medo.

Então, essa confiança, assim... essa falta de confiança dentro e fora do bairro. Então, se tem alguma coisa pra melhorar, primeiro tem que começar dentro, e depois, expandir.

Daniel fala em uma “falta de confiança” dos próprios moradores no bairro... Penso que ele também esteja falando na visão, no conceito que se tem desse lugar... e que a tarefa de mudar essa visão é de quem é “de dentro”.

“Começar de dentro, e depois, expandir”... Daniel quer levar, com sua história de vida, uma mensagem do bairro para fora dele?

2.4.2 Alexandre (O Chapeleiro Louco / Hatta)

– Agora, por exemplo – prosseguiu, enquanto enfiava uma grande atadura no dedo –, há o Mensageiro do Rei. Ele está na prisão, sendo castigado por seus crimes. Mas o julgamento nem ao menos irá começar até quarta-feira que vem. E é claro que ele vai cometer os crimes bem depois de ser julgado.

– E supondo que ele nunca chegasse a cometer os crimes? – perguntou Alice.

– Mas isso seria o melhor que poderia ocorrer, não é mesmo? – disse a Rainha, enquanto enrolava a atadura ao redor de seu dedo e prendia com um pedaço de fita.

Alice chegou à conclusão de que isso era **inegável**. Mesmo assim, respondeu:

– É claro que seria muito melhor, Majestade. Mas, **para ele**, não seria “muito melhor” que tivesse sido castigado sem ter cometido crime algum!

[Alice no país do espelho,
Lewis Carroll, 1971, p. 92-93]

Dia do quinto encontro. Neste dia, vou até a casa de Dona Maria, onde Alexandre, seu filho, está morando naquele momento. Em outra ocasião, quando estive ali, tive a oportunidade de conhecê-lo, apresentar a ele minha pesquisa e convidá-lo para participar. Ele aceitou e nós combinamos outro dia para nossa conversa sobre sua vida no bairro, que também iria acontecer na casa de Dona Maria.

No começo de nossa conversa, Alexandre também pergunta sobre mim. Ele quer saber se eu me formei na USP. Ele comenta, então, a respeito de uma pessoa que conhece que também é formada em Psicologia. Como os outros membros de sua família, com quem eu já havia conversado, Alexandre tem curiosidade sobre esta estrangeira que quer saber sobre suas vidas.

Ele me pergunta, então, o que eu gostaria de saber. Digo a ele que gostaria de saber como foi e é viver naquele bairro para ele.

É... eu fui nascido e criado no bairro. Aí, os tempos eram outros, né. Tenho 36 anos hoje, então... Aqui no bairro era bem... afastado do centro da cidade, depois da rodovia, então, tudo era pra lá da rodovia. Da rodovia pra cá, todos os bairros daqui, da rodovia pra cá era esquecido mesmo, né.

Aí começou, né.. O bairro quando... Aqui mesmo onde a gente tá, aqui hoje, era um campinho de futebol. (...)

Tipo, a turma pegava o terreno, limpava, botava duas traves e virava campo de futebol. Não tinha brincadeira, não tinha videogame, não tinha televisão, esses negócios...

Quem tinha era raridade, era preto e branco ainda. Botava uma tela de plástico colorida na frente, né... Então não tinha assim... brincadeira na rua era... nadar lá na lagoa.

Alexandre fala sobre os portos de areia existentes na região do bairro e que seu pai tomava conta de um desses portos quando ele ainda era criança. Ele comenta que sua diversão durante a infância era nadar na lagoa com seu pai. Sobre a infância de hoje e o estado do bairro atualmente, Alexandre afirma que muito mudou.

Mas a brincadeira nossa era assim, né. Hoje não, hoje a molecada aqui já não... ninguém sabe nadar mais. Quer só videogame, internet, né.

Aí a gente foi crescendo, o bairro também, mudou demais, né. Que nem... aqui era um campo de futebol. Hoje já... Assim... Mudou os tempos, né. Asfaltou o bairro. Hoje em dia é asfaltado. (...)

Ele menciona agora a questão da emancipação do bairro. Fico sabendo que o bairro é, em termos administrativos, um Distrito.

Aí o bairro evoluiu. Agora a gente é independente praticamente. A gente já virou Distrito, né. (...)

É... aqui já teve briga pra virar cidade, tudo, né, emancipar...

A turma deles lá, porque falou que o bairro tem uma renda grande, poderia se sustentar sozinho. Aí teve essas briga pra virar o bairro em cidade. Mas ficou Distrito. Mas tem tudo aqui dentro, né. Não precisa sair do bairro. Se não quiser, você não sai do bairro.

Percebo que o costume de se referir ao bairro como “mini-cidade” pode ter tido origem nessa época, em que houve o movimento para que o bairro se emancipasse. Entretanto, de acordo com Alexandre, esse não era o desejo da população do bairro, que não aceitou que isso acontecesse. Assim, o lugar continuou fazendo parte da cidade, só que como Distrito.

Pergunto a Alexandre se ele sabia de quem havia partido o movimento de emancipação, já que não havia sido da população. Ele conta que na época não foi possível saber, porque não havia o mesmo nível de acesso à informação que existe hoje. Dessa forma, o que se sabia era apenas através de boatos e que, por isso, nunca se soube ao certo de quem partiu a ideia.

Questiono Alexandre a respeito da infância no bairro atualmente. Ele fala, então, da carência de algumas famílias nesse lugar, e também a respeito de seu time de futebol.

Ah, hoje você vê os moleque, o que que eles gostam, é videogame, internet, e uns que já fica, que já é criado no meio da rua mesmo, né. Esses já não tem jeito mesmo, não. Esse aí é difícil a salvação. Pra falar a verdade, porque, não tem né, estrutura em casa, nem em lugar nenhum né. Aqui tem umas família que é carente mesmo. A gente mesmo tem um time de futebol, do futebol amador aqui na cidade. Tô com a camisa ainda. Eu sou presidente do time. Já tem 17 anos o time.

Alexandre conta que o time se formou a partir de brincadeiras com os meninos que jogavam futebol nas ruas próximas à sua casa. Eles decidiram registrar os times para competir uns com os outros e, no primeiro ano em que participaram, o time foi campeão.

Mas nós formou o time brincando assim... de uma brincadeira. E depois nós formou o time. Aí no primeiro ano que nós entrou, nós fomos campeão ainda. Só com os moleque lá brincando assim. Nós fomos campeão. Aí animou o time e tudo.

Neste momento, Alexandre fala pela primeira vez em *criminalidade*. Ele afirma também que existem épocas no bairro em que há mais e outras em que há menos criminalidade, e acredita que as pessoas envolvidas nisso não são do bairro.

Depois daquela época caiu tudo. Aí o bairro tem uma criminalidade alta, alta, né. Não que tem.. é época, né. Tava uns bons anos sem ter. Aí aparece muito andarilho aqui que passa pela rodovia, vê um bairro desses, e encosta mesmo. E aqui queira ou não queira, a população é meio humilde, mas ajuda. Mas tem uns pessoal que já abusa né. Aí acaba caindo pro bairro mesmo.

Continuando a falar sobre o time de futebol, Alexandre comenta sobre os projetos relativos a essa sua atividade no bairro.

Então, nós é do campeonato amador. Aí nós tem um projeto que a gente criou do bairro aqui. Então a gente tem um projeto, a gente tentou tudo aí, pegar um espaço pra fazer um campo pra nós, tem um projeto de escolinha e tudo, mas, é difícil.

Ele comenta, então, sobre a dificuldade de conseguir ajuda para os projetos do time de futebol, tanto pela concorrência de outro time grande no bairro como pela dificuldade de apoio político para suas ideias. Alexandre fala, então, sobre o jogo beneficente que seu time organiza nos fins de ano.

Aí a gente se une e pega, todo final de ano... só um ano aí a gente falhou lá. Mas nós pega e aí, e se junta a molecada... “hoje é o jogo beneficente”. Aí joga nós contra nós aqui mesmo. Cada um dá 10 reais e leva um brinquedo.

Aí nós vai pra São Paulo, de caminhãozinho... Vai pra São Paulo e compra lá, 2 mil brinquedos, 3 mil brinquedos, 5 mil brinquedos, depende, né.

Aí nós chega no final do ano, todo final de ano, jogo-festa, né. Aí a gente reúne juvenil, veterano, tudo... com os outros meninos, lá. Mas a gente consegue fazer os negócios... hoje em dia.. do time, né.

A gente tava tentando botar uma escolinha ali, pra criançada. Mas é difícil, política é difícil, né. Tem que apoiar, tem que coisa... E a gente não gosta de algumas coisas aí, né...

Percebo o descontentamento de Alexandre com o âmbito político no bairro, e seu esforço para conseguir levar adiante seus projetos apesar dos empecilhos. Pergunto a ele o que seria necessário para que eles montassem a escolinha de futebol, e ele diz que são patrocínios.

Patrocínio... Patrocínio esse ano nós perdemos todos. Nós tinha os meninos da padaria aqui que... aqui nós tinha o apoio do bairro. Dava pra nós sustentar 3 categorias, né. Juvenil, amador e veterano. Então você pode colocar aí de 3 a 4 mil de gasto, com pagar a liga, pagar as taxas, tudo os negócios que a gente paga. E isso que nós não paga 1 real pra nenhum jogador, né. A gente fala que os caras jogam porque gostam mesmo, né.

Quando pergunto sobre o motivo da dificuldade de conseguir patrocínios, a *violência* aparece outra vez.

Ah, porque uns fechou, né. O bairro ficou meio violento ultimamente. Outros, mudou o estilo de comércio.

O assunto *violência* retorna e eu peço a Alexandre, então, que me conte um pouco sobre sua visão a respeito dessa questão. Ele me fala sobre seu envolvimento “nessa vida”...

Como criminalidade assim... eu posso falar, né... eu já fui desse lado, dessa vida, né.. “vida louca”, assim, como eu falo, né.. Quando eu era moleque. Tanto que eu perdi os movimentos, porque eu tomei uns tiros. Fui roubado. Tomei esses tiros aqui. Tomei 7 tiros, 2 na cabeça, no braço... A bala aqui ó, o tamanho da bala... [ele mostra a bala alojada no braço].

Eu tinha acabado de completar 20 anos. É que eu era moleque, né? Não pensava muito. Naquela época as coisas eram mais difíceis, né. Aí já começa a se iludir com a vida fácil, né. (...) Aí começa a vir a mulherada, né... Aí já começa e ilude mesmo, né...

Aí molecão, fui... comecei a entrar nessa vida aí... o bairro era mais.. bom aí o bairro tava com essa fama aí que... tinha briga da turma daqui com a turma de lá. (...)

Alexandre afirma que a violência nesta época era maior do que a atribuída ao bairro hoje – sendo traduzida por conflitos entre grupos do bairro. Nesse momento, Alexandre passa a mencionar o destino de seus amigos, que também se envolveram “nesta vida” com ele...

Aí depois foi indo... Muitos morreram. Pra falar a verdade, amigo meu, amigo... que virou alguma coisa na vida, não teve não... (...)

Então, teve uns que, né... mas falar que um virou doutor, outro virou algum negócio, não... Tudo... muitos morreram, outros tão preso até hoje.

Eu mesmo, cumprio cadeia até 2020... minha cadeia. Até 2020. Sou ex-presidiário. Fiquei 3 anos preso e 1 ano fiquei de cadeira de roda, que travou minhas pernas. Que naquela época era mais tentado, né. Fez 16 anos agora dia 4.

Aí minha mãe fica brava, né. Quando chega dia 4 de julho, eu tomo uns goró com os camarada. A mãe “o que você ta comemorando aí?”. Né. Meu segundo aniversário de nascimento, na verdade, né. Hoje to aí, né? 16 anos depois. (...)

Mas agora a gente tá tranqüilo, né. Mas a gente tenta, né, agora já viu como é que funcionava já, né. A gente já participou, vamos dizer assim. (...) Falar que, né, a maioria dos amigos, tudo que eu conheço é... muitos ainda, né... Mas cada um faz o seu... respeitador...

Alexandre diz que ninguém “virou doutor”. Vejo que a questão dos estudos aparece nesse destino que Alexandre contrapõe ao destino dele próprio e de seus amigos. No seu caso, um destino que levou à marca física (situação de cadeirante) de sua “participação” na violência.

Ele menciona, então, seu envolvimento atual nas atividades relacionadas ao futebol, que ele afirma ser o lado “social”.

Aí depois comecei com esse lance do futebol, também, a um tempo atrás... Aí, depois, nós pulou pro social, né. Agora quando tem eleição, vem os vereador atrás, né... Nossa, precisa ver... Eleição é uma maravilha. Promessa tem pra mais de metro. Depois que passou...

Por causa de seu envolvimento nas questões sociais do bairro, Alexandre afirma que isso chama a atenção de alguns políticos, mas apenas em época de eleição. Quando as eleições passam, as promessas de ajuda não são efetivadas.

Peço a Alexandre que me fale um pouco mais sobre a diferença entre a criminalidade da época anterior e a atual.

Hoje o bairro tá tranquilo. Hoje bairro é suave. Naquela época todo mundo andava armado. Todo mundo na rua, era um dando tiro no outro. Viatura voltava de ré. Agora o bairro tá sossegadinho. Aí, como o bairro é beira de rodovia, fizeram uma cracolândia ali.. embaixo, lá perto do pasto. Na última avenida aqui de terra, depois que passa esse valetão que faz o “U” lá. À noite. À qualquer hora que você chegar lá. É a cracolândia do bairro. Mas tudo andarilho. Que vem pela rodovia. Beira de rodovia, né... Tem também moradores. Mas muito... Aí aprontam, né. Os caras na nóia saem aprontando. Aí o bairro cresceu muito a criminalidade, né. Aí a turma agora... que nem... você pode dar um rolê agora no bairro, quando você vê tem duas viaturas em cima da praça. Assim eles vêm.

O problema que Alexandre enxerga no bairro hoje é a cracolândia. Entretanto, ainda afirma que as pessoas envolvidas nisso não são moradores do bairro. Ou, se são, “aprontam” apenas quando estão “na nóia”, ou seja, sob efeito do crack. Comparando com a época anterior, ele afirma que o problema maior antigamente era o fato de muitos andarem armados. A violência aqui toma uma forma já conhecida – as drogas – e, em outros tempos, segundo Alexandre – a grande utilização de armas por moradores.

Alexandre relata também a relação entre a população do bairro e a polícia.

Que a polícia aqui... se for ver a população, e se perguntar, e ficar perguntando de polícia pra população... porque quando tem alguma coisa, a população não procura a polícia, procura os menino. É os menino que resolve pra eles... A polícia não tá nem aí. A polícia vem aqui pro bairro pra pegar carro de trabalhador que não pagou IPVA,

dá multa sem cinto... Daí eles vem... Prende um monte de carro aí... você vai ver, prende um monte de carro, não prende ninguém..

É os moleque aí que ficam aí na resposta, né... Fica aí mais na atividade, vamos dizer assim... Eles que tomam conta, né. Fazem os negócios deles, lá. Ganham a vida do jeito deles. Mas perto deles, ninguém mexe, né. Então a população acaba sentindo mais segurança perto dos “menino” do que...

Agora que o bairro começou a ficar tranquilo, que os moleque resolveu os problema. Aí começa a liberar. Então agora você pega, vamos dizer, uns dois mêsinho, se você chegar aqui..... se acha que é um inferno ali mesmo... aquela pracinha ali... quem mora ali, e tal. Porque começa 8 horas da noite, até 6 horas, 7 horas da manhã. E a turma sai dali e vai fazer churrasco em outro lugar. E muita gente de fora do bairro.

Pra falar que é um bairro de criminalidade, você chega aí é só os cara de Cross Fox, de Honda Civic, Corola... aquele... veloster, né? Velosters... Carrão, desses, novão aí... (...) Pode chegar lá... Você vê... os caras tudo com bufunfa, meu. Mas fica no bairro. Cada um ganha o seu, do jeito que...

Tipo assim, o bairro tem esses dois lados né. De vez em quando... morre um, morre outro. Os últimos que morreu foi... que no bairro aqui, os caras não admitem assim, estuprador.. essas coisas aqui, tu bodeia. Cagueta, larico, que mexe com mulher casada e estuprador, aqui, a turma não aceita. Uns pedófilo aí a turma catou, mesmo. Aí o bicho pega. Aí, a população mesmo cata, né. Aí não tem.

Mas no demais, aqui, o bairro é tranqüilão, assim... Se olhar no jornal, pelos números, né, tem os assalto. Mas foi os nóinha, lá. Se é pra turma de fora, passa aqui pelo bairro, né? Que o bairro mesmo tá tranqüilo.

Ele passa a falar, agora, sobre a utilização das praças do bairro. De sua perspectiva, podemos ver como é essa utilização que Dona Maria e Laura chamam de “bagunça”...

Aí o bairro aqui, você liga uma caixa de abelha, e junta 4 em volta pra ouvir o som. Sabe? Você ligou o som de um carro... dá um movimento dentro do bairro final de semana. Aqui tem um bairro, que nas duas praças, os dois lugar que mais dá gente, fluxo né. Aí você ligou o carro, aí quando você vai ver, chega 10 carros. Um tá tocando forró, outro tá tocando funk, outro tá tocando pagode, cada um tá perto do seu carro, ouvindo seu som.

E a turma tem o costume ainda, aqui no bairro, eles compram aquelas garrafas de energético de 2 litros, né, 1 litrão de whisky, 1 sacão de gelo ali no posto, que é perto.... Chega no meio da praça, onde tiver, pára, deixa aquele lance ali, e fica tomando a noite inteira, né. Aí a turma fica... toma... mas não tem uma briga, não tem uma confusão.

De vez em quando tem briga de mulher batendo em marido, buscando marido... mas não tem briga, não tem nada.

Isso aí que eles falam de... A criminalidade de hoje é de fora, né. Acho que é uma imagem do passado, né. Mas o bairro em si tá tranquilo. Tava meio conturbado por causa desses nóia aí, que tava aí. Mas um monte foi preso, né?

Comento com Alexandre sobre a visão que geralmente se tem do bairro, e que a violência é uma questão recorrente quando se fala desse lugar... Ele confirma que o bairro é “bastante comentado” e que já houve consequências disso para as atividades do seu time de futebol. Ainda assim, Alexandre não concorda com o que é dito.

A gente até perdeu, aqui, por causa do time de futebol lá, né. Tem o juvenil... e o juvenil tem que ter a autorização dos pais, né. A inscrição tem que ter uma autorização dos pais. Pros “de menor”, né. Tem pais que quando vê o menino, que o menino vai vir jogar aqui no bairro, só pelo...

Só o fato de vir jogar aqui, as mãe “nossa, não filho... lá naquele bairro você não vai, porque você vai ser roubado, se você entrar lá... você não vai sair de casa”.

De vez em quando acontece, mas aí com todo bairro, né... em qualquer lugar.

Mas do jeito que a cidade fala, que o bairro é violento, isso daí não... É um bairro calmo, né. Só que é aquele negócio, tem a turma, que a molecada aqui... é tudo, você vê assim, tudo trabalhador...

Mas se chegar no sábado à noite por exemplo. Aqui na pracinha... Onde que bomba, é nas praças. Você pode chegar aqui, você vai ali, tem 500 pessoas, 1.000 pessoas. E a turma de fora do bairro, a maioria que vem é de fora do bairro. Vem. Encosta na pracinha e você vê. (...)

No sábado à noite, às 11 horas... aí a turma fica brava porque vai até 5 da manhã, né.

Mas problema de briga, criminalidade ali... A turma não reclama, não. Tanto que até tolera por causa disso mesmo.

Alexandre fala um pouco mais do uso da praça e, também, da visão que se tem do funk. Mais uma vez, o funk é associado, mais do que outros estilos musicais, à “bagunça” e à violência.

Pode ver, vem gente da cidade... Dia de domingo é de tarde e aí é na praça. Domingo de tarde.

É que nem essa... tá vendo o carro já ligado com o som assim? Assim tem um monte de carro ligado. Aí a turma não gosta. A polícia já veio aí jogando bomba de gás, dando tiro de borracha na turma de sábado à noite. Porque não podia curtir funk no meio da rua. Só que eles não viram que no mesmo lugar que tava curtindo funk, tinha gente curtindo forró, tava curtindo pagode...

É, porque... no outro dia, a prefeitura começou a reclamar que lá tinha muita garrafa. Saía sacos de estopa cheios de garrafa de whisky, de vodka. Latinha não sobra uma. Também tem gente que sobrevive só de latinha também... Aí a turma incomoda, né.

Mas ninguém mexe, que nem... Você pode ver aqui no bairro... se você procurar, assim, roubo de casa, essas coisas não tem... some uma bicicleta... Mas aí os caras acham lá com os nóia, já. Tá tranquilo ultimamente.

Pergunto a Alexandre sobre uma música que conheci, feita por um grupo do bairro, que contava a história do lugar. Ele me diz que essa era uma música de rap, e que essa era “a área dele”. Contando sobre o grupo e a música, ele também se recorda de um uso da praça em outra época, que também foi “interrompido” pela Prefeitura.

Porque antigamente, tinha os negócio ali... Aí deixava um responsável da associação que é em frente à praça. Você ia lá, pegava os postes, botava, botava uma rede... Você podia ir agora lá que tava estralando. A turma... pá, perdia um time, entra outro. Futebol ou era vôlei.

Tá. Sábado e domingo era o dia inteiro se tivesse sol. Aí, até isso tiraram do bairro. "Não pode. Aquilo ali é praça, não pode ter esse bagulho de esporte". E custa? Tinha pintado uma faixa, tinha dois poste de ferro lá, e a rede era da turma ainda. A rede era do pessoal ainda. Não era da prefeitura, nada. Aqui tinha uns centros esportivos que podia ir lá jogar basquete, essas coisas, tudo. Mas também fechou. Tudo que é meio de graça pro pobre os cara fecha, aí...

Comento com Alexandre sobre o evento da demolição do palco da praça, e pergunto se ele sabe algo sobre isso.

Tinha festa, né. As festas, então... Tinha vez que era os evangélicos que tava lá. Tinha vez que era os católico... Pra ver que, o fluxo mesmo, a rapaziada... Aí a turma fazia uns showzinho.

Tinha, a turma contratava os cantador de forró, assim, eles tocavam na pracinha. Toda cobertinha, pá, ia lá e tocava. A turma pegava essas caixa de som, alugava o som pra deixar tocando lá na praça. Sabe? Ficava tocando. Começava meio-dia, passava tocando música, ia até de noite tocando música nas caixas de som. Aí ficava aquela turma, vai e vem. Sabe? Movimento do bairro. Mas aí boicotaram.

De acordo com Alexandre, o palco foi destruído pela Prefeitura após alguns conflitos que aconteceram devido a shows que o pessoal do rap do bairro organizava. Ele conta que o

rap também não é bem visto pelas pessoas “da política”, porque os eventos organizados por eles não são vinculados a partidos e são financiados pela própria população.

E nós faz show de rap aqui no bairro. Só que nosso show de rap, pra nós pagar... A gente liga pros caras, pra fazer aqui, é dois conto, 3 conto... traz os caras aqui. Aberto, na praça. A gente já trouxe aqui. O Consciência Humana, o Mano Brown... o Mano Brown não, o Mano Reco, que era do 509E, que ele tem umas letra louca, de música, assim... A gente já trouxe aqui o “Império ZO” (?), o Moisés, que é de cadeira de rodas, que era do Facção Central. Ele veio aí. Assim, esses são os mais conhecidos.

Só que aí, fala assim, ninguém gosta de rap. Aí quando vieram as músicas dos caras... Porque aqui em São Paulo é famosa a música... Os caras são conhecidos mesmo. Aí quando eles veio e começaram a cantar em cima da pracinha, ali em cima do palco... “Quem que são esses caras? Quem que são esses caras?” E começou a música... aí tu luta a população, né... a população dá uma lotada. Aí incomoda muita gente. Porque isso não é partido político.

E a gente consegue o dinheiro assim. “Ô... nós vamos trazer o ‘Consciência’ aí...”. Vamos pagar 3 conto pros caras vim. E aí como é que vai pagar? “10 real aí soldado...”. Aí tem um que dá 10 real, outro dá 2 real, tem outro que dá 100 real... Tem uns comércio que ajuda quinhentão, assim, sabe... E nós junta dinheiro assim, catadão.

Alexandre conta, então, de um show específico organizado por ele e seus amigos, que quase foi cancelado por uma denúncia anônima – de que o show seria apologia ao crime. Ele conta que a polícia foi até o bairro para notificar os organizadores do evento de que, se o show acontecesse, eles teriam que pagar uma multa de 70 mil reais.

Denunciaram o show. Porque a turma se incomoda. Porque, é o show, mas leva 1Kg de alimento. Aí nós tem o time, a gente vai, leva 1Kg de alimento. Então, tudo envolvido e nós faz essas coisinhas. Eu acho que incomoda, né.. e nada político.

Nós não tem partido político. Não apoiamos ninguém. Todo mundo aqui é amigo e vota em quem quer. E a turma incomoda, né. Infelizmente é um grupo meio grande, né. Aí tudo querendo que apoiasse.... Mas a gente fala não... vamos continuar do jeito que nós tá, né... Aí incomoda os outros um pouco. Aí proíbe nós de fazer essas coisas...

A respeito da visão que se tem das músicas de rap, de que algumas seriam apologia ao crime, Alexandre diz que algumas são, que outras contam histórias emocionantes e, outras ainda, que seriam críticas à sociedade.

A turma então... tem aquelas vertentes, né. Se você pegar um Facção central, é pesado, um rap pesado, que fala mesmo.

Ah, “hoje Deus anda de blindado, armado e protegido por 10 anjos armados”. A turma “o que que é isso, Jesus Cristo?!” É... mas se Deus vim na terra tem que tomar cuidado! Entendeu... é... é crítica, é crítica, né. Você pega os Racionais, tem a parte que tem história, foi uma história que foi verdadeira, que ele ouviu lá na periferia e faz...

Tem o “Império ZO”, que (?)... O Consciência Humana tem dos dois lados. Que é de São Mateus eles. São de São Mateus. (...)

Porque o rap é... aqui mesmo foi barrado... 70 mil a multa se tivesse o show. Aí nós teve que correr atrás... aí fomos atrás de vereador, essas coisas... pra... “como podem barrar nós, se eles deram autorização?”, aí falaram que a gente tinha que ter gerador de energia, é não sei o que... e todas as festas que a prefeitura faz aí não tem. E pra nós, bloqueou. E nós gostava de fazer todo ano, né. Porque é a rapaziada mesmo que ajuda. Todo mundo ajuda. Aí nós tava tentando. (...)

A galera tá querendo organizar, agora nós tá vendo os preços pra nós organizar agora em setembro... pra nós trazer o antigo Facção, o... Dexter.... O Dexter é pesado as letras dele. E presidiário, teve na cadeia. Mas é crítica da sociedade, assim. Parte, ou pega a história de alguém, que ouve... aí tem o rap. Tem um rap que é história que você até chora ouvindo rap.

Alexandre comenta, então, a respeito da diversidade de gostos e interesses existentes no bairro, que é uma característica dos dias atuais. Ele afirma que antigamente, a população do bairro era mais unida.

Música, aí... você bota uma música eletrônica... Se você pegar essa música que tá bombando do Naldo. Se você for ver a letra, é pornográfica a música, pra todo mundo cantar, pra criancinha ficar cantando. Mas tá bombando. Entendeu? Tem a parte boa e a parte ruim.

Que o rap é mais uma... crítica, né. Começou assim, né, lá atrás. Começou como uma crítica ao governo, né. Como a liberdade da periferia. Do rap e do hip hop.

Mas hoje em dia não, aí você escolhe. Igual o sertanejo. Tem o sertanejo que conta a história, e tem as músicas “palhaçada”... “ai se eu te pego”. Entendeu? Tem os universitário...

O rap também tem isso. Se você pegar um Facção Central, é pesado, é um rap pesado, é crítica, crítica, crítica em cima de crítica à sociedade, mesmo, sabe?

E os funk, tem os “proibidão”, né. Que a turma fala que é os “proibidão”, né, ostentação...

Tem esses negócio, mas aqui, cada um, tipo, ninguém é por todos aqui. Aqui é cada um por si, mais ou menos, assim, no bairro. Antigamente era mais unido aqui. Todo mundo conhecia todo mundo, né. Era bairrinho mais... era muito mato aqui o bairro. Agora é só

casa, prédio, daqui uns dia aqui já... Você não conhece mais todo mundo do bairro. Assim a população eu acho que foi a 36 mil, os caras tava falando eu acho. Aqui, juntando todos, né... O Distrito.

A ambivalência do sentimento em relação ao bairro aparece novamente.

Mas é... o bairro é mais ou menos assim, né. Tem os lados bons, tem os lados ruins...

Eu mesmo, eu falo, aqui eu nasci, aqui eu vou morrer, né. Já mudei do bairro assim, né, de morar longe...

É que quem tem uma vida aqui, o bairro aqui é uma vida agitada, assim...

Aqui você pode escolher, você tem uma vida tranquila, tem alguma coisa, agora nos outros bairros que você vai na cidade, 9 horas da noite, não tem mais ninguém pra rua. Aqui não, aqui todo mundo tá saindo pra rua. Aqui no calor, aqui, meu deus do céu. 1 hora da manhã, 2 horas da manhã... que nem nós fala, assim, os "zé povinhada" tá tudo sentado no portão falando da vida dos outros, sabe? Aqui, o calorzão, quando pega, sabe...

Mas pra mim, particularmente, pra mim sair aqui do bairro, só se... sei lá... oferece um status melhor em outro lugar, né. Viver bem melhor em outro lugar. Porque se é pra viver desse jeito, vamos viver aqui mesmo.

Mas todo mundo, a maioria da família tudo aqui, né. Família meio de raiz do bairro, né... a vó, a mãe...

Agora o bairro melhorou bastante... a gente não precisa mais sair do bairro. Se você quiser, você não sai do bairro pra nada, né. Tem tudo aqui. Tem loja de tudo que você imagina aqui, tem loja aqui, né.. De tudo.

Alexandre volta a falar sobre a influência da política no bairro, e de como o pessoal do rap quase conseguiu ganhar a liderança da associação de moradores do bairro.

Que o bairro aqui, é tudo pro lado da política. Se apoiou alguém, você tem apoio. Agora se você quiser ser meio independente, assim, complica. Complica, mas nós dá um jeito. Nós perdeu a comunidade, como é... aquele... líder de comunidade, né... [associação de moradores de bairro]

A gente perdeu por 20 voto. Os menino ficou bêbado lá, e não foram votar (risos)... Perdeu por 20 votos. A associação...

Eu tava apoiando só os menino, né. Falei.. eu tenho os meus problemas aí, né. Aí complica pra vocês.. Mas nós fortalece vocês. Aí chegamos nos patrocinador do time... tudo.

O papo foi... nós vamos pegar [a associação]... "vocês não vão pegar nada..." "nós vai pegar, fica benção.... Se nós pegar, você me dá dois computador?" E ele falou: "Te dou. Por que você quer?", "Pra ter

informática pra molecada, né... De segunda a sexta é escolinha, final de semana, lan house pra turma usar, aí..."

A turma "Duvido que você vai fazer isso." "Ué, mas tem que dar mais 50 conto por mês ainda, pra pagar o professor, né. Como é que vai dar aula?" Aí ele... aí os patrocinador do time, tudo apoiou, os moleque tudo apoiou.

Mas aí ficou feio pros outros, né. Que é tudo... Quer ser candidato a vereador, esses bagulho. E nós não, né. Nós tá por... por diversão, mesmo, né. Nós gosta de cutucar. Sabe, dá uma cutucada mesmo, né. Que a turma fala assim, num pode fazer, não dá pra fazer. Nós vai e mostra que dá, sabe. Aí fica feio pra eles. Aqui pela comunidade, assim. Nós deve ter... nós tem 3 vereador do bairro, não vai ninguém. Vereador do bairro. Pra ti ver. Só por Deus mesmo. Os vereador aqui não faz nada pra sociedade.

Mais uma vez, Alexandre demonstra sua insatisfação com o âmbito político no bairro, afirmando que os representantes não exercem o seu papel como deveriam. Ele ainda conta que foi possível sentir a resistência desses grupos “dominantes” no processo de eleição da associação, mas que, mesmo assim, eles quase conseguiram ganhar. Alexandre se mostra espantado com o resultado, mas reconhece que o fato mexeu com a opinião pública, passando a gerar mais atenção para o seu time de futebol.

É, aí pra você ver como é politicagem. Nós foi chamado, nós era chapa 1. Com duas semanas, falaram que nós era chapa 2. Mais 3 dias, falou que nós era chapa 3. Pra você ver como que é, né, as coisas. Não entendia muito. Entrou lá com a cara e a coragem. "Pode se inscrever lá?", "Pode inscrever nossa chapa aí." Inscrevemos. Mas tipo pra tirar, só pra.. vamos dizer assim, Só pra provocar mesmo, né. pra ver qual é que é. Não, pra provocar a turma, mesmo... "Tem esses caras aí, querendo dominar aí, né..." Só pra protestar mesmo, assim, com a turma. Quase que... quase que dá certo. Mas provocou a turma, sabe. Deu uma provocada beleza aqui. Depois até o time de futebol começou a ter uma atenção maior da política, assim, sabe. Eles viram que nós tem uma força agora, no bairro, né.

Alexandre ainda espera que, em uma próxima eleição, o seu grupo consiga ganhar. Ele promete uma revolução.

A gente vai que vai, né. Contra tudo aí. Vamos bater de frente. Agora, se os moleque conseguir... vamos ver se os meninos conseguir ali, ganhar a sociedade, ali, nós vamos fazer uma revolução nesse bairro aqui.

Mas aí..... Vou me incomodar. Porque nós tem os amigos por causa do futebol, né. Então a gente conhece, empresário, conhece os dono de empresa... e todos apoiam.

Se você falar que... nós tinha conseguido 20 computador. Aqui pra colocar ali, se nós ganha. Aí o cara que ganhou ouviu, eu falando com meu tio, no campo, lá: “Não tio, eu tenho 20 computador, se nós ganhar aquele negócio, nós vai botar já lá. O menino do depósito falou que dá o material ali. Os pedrerinho constrói. Já construir um galpão pra fazer uma sala de computação...”

Sabe? Mas pô, como nós ia conseguir fazer só pedindo? E a turma ali pede... e ganha dinheiro... não pagava nem a água. Sabe? Era uma burocracia. Mas agora...

Alexandre conta que, depois da eleição, a chapa ganhadora procurou o seu grupo para sugerir que os seus projetos fossem realizados, mas dentro do “sistema deles”. Alexandre recusou, afirmando que as razões e os meios deles eram outros.

“Você quer ganhar dinheiro, nós quer ajudar os outros, né. As coisas que a gente não teve, né.”

Que a gente chega na favela lá, pra dar uma bola dente de leite que a gente paga 1 real lá em São Paulo, 50 centavos... aqueles estojinho de maquiagem velho que é 50 centavos em São Paulo no Brás, nessas lojas aí. Nós chegava na favela pra dar pra turma lá, a criançada saía doida, era a festa na favela.

Concluindo nossa conversa, pergunto a Alexandre qual seria a sua esperança para o bairro.

Ah, hoje o bairro tá mais, pô, hoje vai mais pro lado de lá quem quer. Hoje tem mais oportunidade. O bairro... tem aí uns cursos, assim, sabe. Esses negócio na cidade tem. Então, quem quer, estuda.

Que o bairro aqui, a turma é tudo trabalhador, mesmo. Não tem assim, vamos supor, um exemplo pra molecada... Não tem. Os vereador tudo safado, que era pra ser o exemplo...

Ele também parece pensar na questão dos estudos como uma alternativa ao destino “do lado de lá”, que penso ser o lado da *violência*. Além de falar nos estudos, Alexandre também fala sobre a PEC e sobre a ocupação dos jovens do bairro.

Mas agora parece que vai pra frente, né. Tá construindo um CEU, diz que é um “céu” né. Vamos ver. Que era o “Educa mais” e foi pra PEC e agora é CEU. Mudar já 3 vezes, já.

É, porque aqui o bairro, os moleque não tem o que fazer, né. O negócio dos moleque.. você vai pra escola, depois... muitas mães trabalham, né. Ficam sozinho em casa. Com a irmã com a vó. Então as molecada fica pra rua. Vai jogar bola, vai... essa coisa de pipa mesmo assim. Os menos favorecido, assim...

Aí já tem que... tinha que ter um lugar assim pra eles... nós dá uma encaminhada neles, né. Se não, fica difícil. Fica difícil, né. A molecada vai virar o que? Sem futuro, né. Já vem de uma família já meio... e aí já vai... É complicado.

Alexandre se envolveu com a *violência* em sua juventude, foi marcado fisicamente por ela e convive com grupos associados a ela. Um representante do que seria atribuído socialmente a um morador daquele bairro (julgado por crimes – cometidos ou não...).

No entanto, supera sua condição de “deficiente físico” e “participante da *violência*”, desafiando a visão que se tem dele: atua nesse território através de atividades sociais como o time de futebol, a arrecadação de brinquedos para as crianças carentes, os projetos de escolinha de futebol e de aulas de computação, parecendo querer um futuro melhor para os jovens de agora. Além disso, tentou (e quase conseguiu) atuar, junto com seus amigos, através da associação de moradores do bairro, “provocando” o grupo da “politicagem” em busca de uma “revolução” do bairro.

Alexandre também seria alguém “de dentro” do bairro, por sua vez, mandando uma mensagem para o próprio bairro?

PARTE II

Espiritu es sentido compartido en el espacio y el tiempo. Los átomos de sentido de las realidades espirituales son eternos. Ruedan por el tiempo y llegan hasta cualquier presente en el que son entendidos, comprendidos, recreados, experimentados, transformados: por eso son el mas firme soporte de la vida individual. Su forma de vida es la metamorfosis, la estrategia más alejada de la violència.

José Luis Villacañas

1 PSICOLOGIA SOCIAL: IDENTIDADE E ESTIGMA¹⁰

Embora tenhamos optado por um estilo diferente para a apresentação desta dissertação, ainda se faz necessária sua missão de discussão teórica. Assim, considerando esta história que foi contada, as narrativas de cada um dos personagens e o cenário que é possível captar de suas falas, apresentaremos uma análise deste “mundo do estigma”, do ponto de vista da Psicologia Social.¹¹

O panorama teórico que sustentará tal análise será desenvolvido em relação à questão da identidade e sua constituição dialética através da interação indivíduo-sociedade (ou seja, a interação humana) e, ainda, sobre o lugar do estigma (Goffman, 1963) neste processo. A esse respeito, recuperando afirmações de Ciampa (1987), entendemos que

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais. Uma identidade concretiza uma política, dá corpo a uma ideologia. No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela. A questão da identidade, assim, deve ser vista não como questão apenas científica, nem meramente acadêmica: é sobretudo uma questão social, uma questão política. Como tal, diz respeito a todos nós. (p. 127)

Neste sentido, buscaremos recuperar as formulações de Goffman a respeito do processo de estigmatização de uma pessoa, de um grupo ou de um lugar – em suma, de uma identidade – caracterizado como uma interação social cristalizada. Dessa forma, entendemos que a “classificação inicial”, necessária a toda interação para uma definição prévia da situação (Goffman, 1959, 1974), permanece ao longo da relação, dificultando outras possibilidades de ação e de reformulação da referida situação. Em outras palavras, negaria à identidade seu caráter de metamorfose, tal como postula Ciampa (1987).

¹⁰ Para informações a respeito da pesquisadora, cf. o Apêndice C, ao fim deste trabalho, p. 156.

¹¹ O leitor poderá notar que a primeira parte deste trabalho foi escrita em primeira pessoa do singular e que, nesta segunda parte, será utilizada a primeira pessoa do plural. A opção por esta mudança se deu pelo fato de que, na primeira parte, escrevo por mim como pesquisadora que realizou os encontros para fins da coleta de dados e que, na segunda parte, ou seja, no âmbito da discussão teórica da investigação, optei por escrever em nome de um grupo. Neste caso, falo pelo grupo de pesquisa no qual estou inserida – Laboratório de Psicologia Socioambiental e Intervenção - LAPSI-USP –, o qual não apenas proporcionou as condições materiais para a realização desta pesquisa, como contribuiu significativamente para as reflexões aqui apresentadas, emergidas de discussões com os pesquisadores integrantes do grupo, em reuniões e seminários a propósito da realização de projetos do laboratório, além, é claro, das discussões de orientação propriamente dita.

1.1 Considerações sobre a Psicologia Social e seu objeto

Como já mencionado anteriormente, a investigação aqui relatada se insere no campo de conhecimento da Psicologia Social. Concordamos com o sociólogo brasileiro Florestan Fernandes (1973), quando este situa a Psicologia Social na confluência de três domínios do grande campo das Ciências Humanas – a psicologia, a sociologia e a antropologia. Afirma o autor que

A psicologia social constitui uma matéria híbrida situada num ponto de confluência da psicologia, da sociologia e da antropologia. Embora ela seja fundamental para cada uma destas ciências, a problemática específica da sociologia se define além e acima desse campo híbrido, marginal e necessariamente interdisciplinar (p. XI).

Este autor também afirma que o objeto deste campo de conhecimento “híbrido, marginal e interdisciplinar” seria a interação humana. O mesmo defende que a interação humana “considerada em si e por si mesma” não seria objeto da sociologia, e sim, da Psicologia Social.

De acordo com Tassara e Ardans (2007), ainda haveria de ser acrescentado um quarto domínio, com o qual a Psicologia Social também se articularia: a psicanálise.

a interação humana e seu caráter híbrido, *campo marginal*, por sua vez, referem-se à disciplina Psicologia Social, configurada em função da posição *ocupada por seu objeto específico no campo das ciências humanas*: nos interstícios disciplinares (margens) e nas fronteiras dos conhecimentos por elas alcançados; margens estas que são compartilhadas, nas suas interfaces, com outros posicionamentos disciplinares, e que se situam na vanguarda da produção do conhecimento nos domínios da sociologia, da antropologia e da psicologia e, indo além da posição de Fernandes (1969), da psicanálise, constituindo-se de forma original e autônoma deles. (p. 6) [itálicos de E. T. O. T. e O. A.]

Neste sentido, retoma-se a observação feita por Freud no primeiro parágrafo de sua “Psicologia de grupo e análise do ego” (Freud, 1921), afirmando que as fronteiras entre a Psicologia Social e a Psicologia Individual não são tão definidas como já se tentou demonstrar.

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, *apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros*. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o

começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (p. 67) ¹² [itálicos de N.N.O]

Partindo de tais premissas, é possível entender que a trama de interações (Asch, 1952) na qual o sujeito está inserido desde o início de sua vida, vai condicionar suas possibilidades de ação no campo social ao longo de sua existência. Cabe ressaltar que tais interações, fonte das experiências do sujeito, acontecem no contexto de seu socioambiente (Tassara, 2006) ou “espaço vital” (Lewin, 1973).

A este respeito, Kurt Lewin (1948), psicólogo gestaltista considerado por muitos como o pai da Psicologia Social por suas contribuições originais que colaboraram para a autonomia deste campo em relação aos domínios já citados, postula que

desde o primeiro dia de sua vida, a criança faz parte de um grupo e morrerá se o grupo não cuidar dela. Os experimentos sobre êxito e fracasso, nível de aspiração, inteligência, frustração e todos os demais, demonstraram, de maneira cada vez mais convincente, que o objetivo que uma pessoa se propõe é profundamente influenciado pelos padrões sociais do grupo a que pertence ou deseja pertencer. O psicólogo atual reconhece que existem poucos problemas mais importantes para o desenvolvimento da criança e para o problema da adolescência que um estudo dos processos pelos quais uma criança incorpora ou se opõe à ideologia e ao estilo de vida predominante em seu clima social, às forças que a levam a pertencer a determinados grupos, ou que determinam seu status social e sua segurança dentro desses grupos. (p. 88)

Nesta mesma direção, Solomon Asch, outro psicólogo gestaltista, também vai realizar estudos nesta área, tendo se tornado sua obra intitulada “*Psicologia Social*” (Asch, 1952) uma referência para os estudiosos deste tema. Asch elaborou sua teoria baseando-a na observação do indivíduo em interação, tanto com outros indivíduos, como com o ambiente que o rodeia.

De acordo com Asch (1952), o indivíduo está sempre inserido em um campo de forças, bem como suas principais características são aquelas relacionadas à sua interação com o ambiente. A respeito das relações sociais, este autor afirma que

Não se começa com um “você” ou um “eu”. Estes se desenvolvem em relação recíproca, como partes de um campo recíproco; não pode haver um “eu” sem um “você”, nem “eles” sem “nós”. Naturalmente, as categorias, a que se referem estas simples designações, ocorrem em contextos muito concretos. O

¹² Trecho original: “La oposición entre psicología individual y psicología social o de las masas, que a primera vista quizá nos parezca muy sustancial, pierde buena parte de su nitidez si se la considera más a fondo. Es verdad que la psicología individual se ciñe al ser humano singular y estudia los caminos por los cuales busca alcanzar la satisfacción de sus mociones pulsionales. Pero sólo rara vez, bajo determinadas condiciones de excepción, puede prescindir de los vínculos de este individuo con otros. En la vida anímica del individuo, el otro cuenta, con total regularidad, como modelo, como objeto, como auxiliar y como enemigo, y por eso desde el comienzo mismo la psicología individual es simultáneamente psicología social en este sentido más lato, pero enteramente legítimo.” (Freud, 1921, p. 67)

“você” é, em geral um dos pais, um empregador, ou um amigo. Mas estas categorias concretas também são produtos de processos sociais específicos; não se começa como amigo ou um primo. Na verdade, as categorias de marido e mulher, ou pai, mãe e filho, são fatos psicossociais, no sentido mais fundamental; sua significação não é, de maneira alguma, comunicada inteiramente, nem inteiramente determinada pelas diferenças biológicas e pelas relações entre os homens, mulheres e crianças. No sentido estrito, é através de *interações* concretas que os seres humanos se tornam pais, mães, maridos e esposas. (p. 217) [itálicos de N. N. O.]

Embora não seja considerado autor de uma teoria sobre papéis sociais, Asch parece tecer suas considerações de acordo com o entendimento de autores que vão nesta direção. E como já mencionado no início deste trabalho, as contribuições destes últimos são de grande relevância para esta investigação, por descreverem a vida social humana a partir de uma perspectiva teatral. Neste sentido, a linha teórica do Interacionismo Simbólico torna-se uma importante referência para o estudo aqui apresentado.

1.2 A perspectiva do Interacionismo Simbólico

George Herbert Mead¹³, filósofo americano, vem se juntar a este quadro teórico por suas importantes contribuições para uma inclusão consistente da dimensão psicossocial nas teorias do sujeito, enfatizada especialmente na obra “Mente, *self* e sociedade” (Morris, 1934)¹⁴. Mead, teórico do pragmatismo, assim como John Dewey (1939), Charles Peirce (1905) e William James (1890, 1907), fez uma revisão dos primeiros quatro volumes da *Völkerpsychologie* de Wundt¹⁵, realizando uma crítica às postulações deste autor.

A síntese elaborada por Mead em resposta à antítese estabelecida por Wundt – entre a biologia, de um lado, e a sociedade e a cultura, de outro – consistiu na inserção do conceito de “*self*” como mediador das interações entre a mente do indivíduo e a sociedade em que este se encontra (Farr, 1996). De acordo com Mead (Morris, 1934),

¹³ Mead foi pesquisador da Escola de Chicago, desenvolvendo, na Universidade de Chicago, teorias a respeito da constituição social do *self*, no transcorrer de um curso intitulado “Psicologia Social”, por ele ministrado.

¹⁴ Este livro constituído pelos textos de Mead foi editado e organizado por Charles Morris, aluno de doutorado de Mead, que também fez a introdução (em 1962) da obra, originalmente publicada em 1934 pela University of Chicago Press. A edição brasileira foi publicada em 2010.

¹⁵ De acordo com Robert Farr (1996), “os objetos de estudo da *Völkerpsychologie* de Wundt eram a linguagem, a religião, os costumes, o mito, a magia e fenômenos semelhantes. Esses fenômenos coletivos emergem da ‘recíproca interação de muitos’ (Wundt, 1996, p. 3) e, segundo Wundt, eles não podem ser explicados em termos de consciência do indivíduo, que era a base de seu laboratório científico. A psicologia social de Wundt era, pois uma forma de *Geisteswissenschaft*. A psicologia continuava a ser a ciência da mente em suas manifestações externas, isto é, em termos de cultura. Ela continuava a ser uma ciência, mas um tipo diferente de ciência: uma ciência humana e social” (Farr, 1996, p. 42).

O caráter do *self* é diferente do caráter do organismo fisiológico propriamente dito. O *self* é algo que passa por um desenvolvimento. Não está presente inicialmente, no momento do nascimento, mas decorre do processo de experiências e atividades sociais, ou seja, desenvolve-se num indivíduo em resultado de suas relações com esse processo como um todo e com outros indivíduos dentro desse mesmo processo. (p. 151)

A linguagem também se tornou um ponto central na teoria de Mead. Este autor tratava a linguagem como um fenômeno inerente ao social, diferentemente de seus colegas comportamentalistas, como Watson (na psicologia) e F. H. Allport (na psicologia social). Por esse motivo, Herbert Blumer (1969) nomeou o empreendimento intelectual de Mead (de quem foi sucessor) de Interacionismo Simbólico (Farr, 1996).

De acordo com Bazilli et al. (1998), tal linha teórica entende a sociedade como um “tecido de comunicação”, e a interação, por sua vez, como

o espaço, a unidade que possibilita que o *self* e a sociedade, *por meio da interação e da simbolização*, se gerem ambos, se mantenham ou mudem permanentemente. A interação social é, pois, o que possibilita uma “*realidade negociada*”, um dos postulados básicos do interacionismo simbólico. (p. 35) [itálicos de N. N. O.]

Partindo deste entendimento da vida social humana, alguns autores desenvolveram teorias que descrevem os processos que a caracterizam através de uma metáfora teatral ou dramática. Neste sentido, a interação social se daria através do desempenho de papéis, sendo cada pessoa o conjunto de personagens que interpreta e, seus contextos, os cenários de suas representações. Alguns destes autores utilizaram amplamente o conceito de *self* para formular suas considerações.¹⁶

Erving Goffman (1959, 1963) foi um deles. É com base nas contribuições dos trabalhos de Mead e de Freud (entre outros), que este autor desenvolveu seu quadro teórico a respeito da interação social a partir de uma perspectiva de caráter dramático. Goffman defende, em sua obra “*A representação do eu na vida cotidiana*”¹⁷ (1959), o caráter simbólico da interação social através da comunicação e da representação de papéis. Tal representação seria feita sempre se considerando a referência dos papéis desempenhados por aqueles com quem interagimos. De acordo com este autor,

¹⁶ Cf. Ardans (2013).

¹⁷ Edison Gastaldo, em artigo sobre a obra de Erving Goffman (Gastaldo, 2008), chama a atenção para um possível equívoco na tradução de “*The presentation of self in everyday life*”. Em sua opinião, a melhor tradução não seria “A representação do eu na vida cotidiana”, como foi disseminado, mas sim, “A apresentação do *self* na vida cotidiana”, já que “*presentation*” significa apresentação e não representação, e que o termo “*self*”, cuja extensão é maior e mais complexa que “eu” e, sendo um conceito de grande importância para a Escola de Chicago, geralmente não é traduzido.

a interação (isto é, a interação face a face) pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros. O termo “encontro” também seria apropriado. Um “desempenho” pode ser definido como toda a atividade de um determinado participante, em cada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes. Tomando um participante particular e seu desempenho como um ponto de referência básico, podemos chamar aqueles que contribuem com os outros desempenhos de platéia observadores ou co-participantes. O padrão de ação pré-estabelecido que se desenvolve durante a representação, e que pode ser apresentado ou executado em outras ocasiões, pode ser chamado de um “movimento” ou “prática”. Estes termos referentes à situação podem facilmente ser relacionados com os outros termos estruturais convencionais. Quando um indivíduo ou ator desempenha o mesmo movimento para o mesmo público em diferentes ocasiões há a probabilidade de surgir um relacionamento social. Definindo papel social como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo ator numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público ou para um público formado pelas mesmas pessoas. (p. 23-24)

Neste sentido, faz-se necessário situar o processo de constituição da identidade¹⁸ do sujeito dentro desta dinâmica do desempenho de papéis descrita pelo Interacionismo Simbólico. Ciampa (1984) pode contribuir, mais uma vez, nos oferecendo um entendimento da identidade considerando este enquadramento da vida social humana. São palavras do autor,

Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. Quando estou frente a meu filho, relaciono-me como pai; com meu pai, como filho; e assim por diante. Contudo, meu filho não me vê apenas como pai, nem meu pai apenas me vê como filho; nem eu compareço frente aos outros apenas como portador de um único papel, mas sim como *representante* de mim, com todas minhas determinações que me tornam um indivíduo concreto. Desta forma, estabelece-se uma intrincada rede de representações que permeia todas as relações, onde cada identidade reflete outra identidade, desaparecendo qualquer possibilidade de se estabelecer um fundamento originário para cada uma delas. (p. 67) [itálicos de A. C. C.]

Assim, podemos estabelecer a forma *personagem* não somente como um artifício para contar uma história, como fizemos na primeira parte desta dissertação, mas também como a maneira através da qual transitamos nos diversos âmbitos de nossa vida, alternando nossas “atuações” de acordo com a situação que encontramos. A representação de vários papéis nos permite ser uma unidade que abrange multiplicidades.

¹⁸ O entendimento psicossocial da identidade, dentro do campo da Psicologia, tem como principal expoente teórico o autor Erik Erikson. Duas de suas principais obras são “Infância e Sociedade” (1950) e “Identidade, juventude e crise” (1968). Erikson tomou como base as postulações de Freud, desenvolvendo um quadro teórico que mantém um paralelo explícito com a teoria deste último – no que diz respeito às fases psicosssexuais do desenvolvimento humano, acrescentando à discussão dimensões sociais de cada uma dessas etapas, chamando-as, então, de *fases (ou modalidades) psicossociais*. Este autor afirma que a construção da identidade acontece na medida em que o indivíduo passa por etapas onde existem conflitos/ crises a serem enfrentadas e também tarefas a serem cumpridas. Cada etapa deixaria como herdeiro algum sentimento básico em relação a si e ao mundo, o que sustentaria, então, a posição do indivíduo frente ao convívio em sociedade. Para fins desta dissertação, serão privilegiados autores que trabalharam com uma visão psicossocial da constituição do sujeito, mas que acrescentaram a este entendimento o aspecto dramático das relações sociais.

A identidade seria, nesta perspectiva, o conjunto de papéis ou personagens que o sujeito pode representar, e a possibilidade de alternância destes. Tal possibilidade, bem como a de aceitação e invenção de novos papéis seria o que Ciampa chama de metamorfose.

Sendo esta a proposição de constituição da identidade que emerge do panorama teórico apresentado até aqui, nos aprofundaremos agora no processo de interação e do lugar do estigma nesta dinâmica social.

1.3 A “definição da situação” (ou a porta de entrada da interação humana)

Conforme já mencionado anteriormente, em “*A representação do eu na vida cotidiana*”, Goffman descreve a interação social a partir do desempenho de papéis. Ao descrever a interação nestes termos, o autor vai falar a respeito do processo de “definição da situação” (Goffman, 1959, 1974), o qual consistiria em uma busca de informações a respeito do outro com quem iniciamos uma interação, as quais, por sua vez, servem de base para formularmos a direção de nossas ações em tal situação. De acordo com Goffman (1959),

Quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem. Estarão interessados na sua situação sócio-econômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece, etc. Embora algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há comumente razões bem práticas para obtê-las. A informação a respeito do indivíduo serve para *definir a situação*, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente *o que ele esperará deles e o que dele podem esperar*. (p. 11) [itálicos de N. N. O.]

O antropólogo brasileiro Gilberto Velho, em artigo sobre Goffman e alguns de seus conceitos, dentre eles o de “definição da situação” (Velho, G., 2008), faz uma análise deste último, situando-o entre postulações de outros autores que influenciaram o pensamento de Goffman, ou dialogam com sua teoria. Velho inicia seu artigo recuperando reflexões do autor Gustav Ichheiser – psicólogo social e fenomenólogo – em artigo intitulado “*Misunderstandings in human relations: a study in false social perception*” (Ichheiser, 1949)¹⁹, a respeito de “desencontros” (mal-entendidos) na interação social.

Mais adiante em seu artigo, Gilberto Velho ressalta a influência na obra de Goffman de autores como Georg Simmel e William James, bem como de autores da Escola de

¹⁹ “Mal-entendidos nas relações humanas: um estudo sobre falsa percepção social.”

Chicago²⁰ como, por exemplo, Louis Wirth, Herbert Blumer, Everett Hughes e Lloyd Warner (professores diretos de Goffman), William Thomas, G. H. Mead e, também, autores da fenomenologia. De acordo com Velho, é a partir de influências de Alfred Schutz – fenomenólogo – que Goffman escreve, posteriormente, “*Frame analysis*” (1974), onde o autor irá articular ideias de James, Thomas e Schutz. Além desses, Goffman também irá utilizar ideias de Gregory Bateson (1972) para formular a noção de “*frame*”.

Para Gilberto Velho, o termo em inglês “*frame*” é de difícil tradução. Afirma o autor que, para Goffman, era necessário saber como se chegava à definição da situação e, ainda, “identificar os *frames* que possibilitam ou viabilizam diferentes definições” (Velho, G., 2008, p. 147). Velho faz uma aproximação, então, “com as devidas cautelas”, entre as noções de “*frame*” e de contexto. Dessa forma, no transcorrer da interação social,

os indivíduos desempenhando papéis estão sempre procurando expressar-se e, para que isso tenha sucesso sociopsicológico, é necessário que os atores com quem estejam interagindo se *impressionem* com o que está sendo transmitido. A interação e seu desenvolvimento dependem, portanto, de um compartilhamento e/ ou cumplicidade nos termos do que William Thomas chamou de *definição de situação* (Thomas, 1966).

A possibilidade permanente de conflito, conforme Simmel (1964 e 1971), está sempre presente e poderá explicitar-se quando houver não só antagonismo de interesses de qualquer nível mas também, seguindo Ichheiser, *mal-entendidos*, em que se caracteriza um desencontro afetivo-cognitivo entre os atores sociais. Assim, a expressão de algum sentimento, vontade ou transmissão de informação em geral está sujeita a uma possibilidade de riscos de recepção e percepção do outro. (p. 146) [itálicos de G. V.]

Em “*A representação do eu na vida cotidiana*”, Goffman descreve esse processo de “realidade negociada”, onde os participantes da interação buscam um consenso coletivo (ao menos para o momento da interação) sobre a “definição da situação”. Entretanto, o que entendemos a partir dos apontamentos de Gilberto Velho, é que não há somente o risco de que o ator social manipule as informações emitidas em sua apresentação, mas, também, há o risco de uma recepção equivocada destas informações, a despeito das pretensões do ator. De acordo com Velho, “os atores, mais ou menos sujeitos conscientes de seus projetos e condutas em geral, estarão sempre vivendo riscos de desencontro e *julgamentos* equivocados” (Velho, G. 2008, p. 148) [itálicos de N. N. O.].

A proposta a ser feita aqui, a respeito do processo de estigmatização, insere-se neste panorama de risco interacional. Ou seja, quando há um julgamento a respeito das informações

²⁰ Grupo de cientistas sociais provindos de diferentes áreas de conhecimento, como a sociologia, a antropologia e a filosofia, cuja base de trabalho fora a Universidade de Chicago. Para mais informações, cf. o item 2.2 da parte II desta dissertação (p. 86), sobre os estudos urbanos.

recebidas ou tidas *a priori* do outro ator social, que permanecem ao longo da interação, independentemente das informações “reais” do mesmo.

1.4 A atribuição do estigma (ou sobre portas fechadas)

É em obra posterior, intitulada “*Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*” (1963), que Goffman aprofundará a questão da informação emitida pela pessoa na interação social, no caso específico de atributos (em geral) indesejáveis socialmente. Neste trabalho, o autor descreve a estigmatização como uma relação diferenciada entre atributo e estereótipo (estigma²¹), onde haveria uma discrepância entre a identidade social real e a identidade social virtual do sujeito.

No mesmo sentido do que foi proposto em “*A representação do eu na vida cotidiana*”, Goffman fala sobre a categorização feita na interação, que estabeleceria o que se pode esperar daquele ator social. A diferença no caso do estigma é que a expectativa gerada pela definição da situação seria encarada de forma negativa e seria menos flexível. Afirma Goffman (1963) que

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que “*status* social” já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais, como “ocupação”.

Baseando-nos nessas concepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. (p. 11-12)

Conforme o autor expressa já nas primeiras páginas de *Estigma*, uma determinada característica da pessoa se tornaria motivo de reações do tipo “pré-conceitos” (estereótipos sociais), pautando e monopolizando as expectativas, bem como tirando a possibilidade de atenção para outras características / atributos de tal pessoa. Nas palavras de Goffman,

²¹ De acordo com Goffman, o termo *estigma* foi criado pelos gregos para se referirem a um sinal corporal que informava sobre algo mau relativo ao *status* moral de seu portador – que deveria ser evitado. Na era Cristã, outras metáforas foram utilizadas para descrever o termo: 1) sinais corporais de graça divina (erupções sobre a pele) e; 2) referência médica (aludindo à metáfora religiosa) a sinais corporais de distúrbios físicos. Posteriormente, até os dias atuais, o termo *estigma* é mais utilizado como referência à própria desgraça pessoal do que à evidência física.

deixamos de considerá-lo [o estranho] criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (p. 12)

Neste sentido, o estigma poderia ser descrito como uma redução da pessoa a uma só característica dentre inúmeras outras que a compõem. E esta categorização deturpada faz com que a imagem desta pessoa para outrem seja limitada a determinado aspecto aspecto e depreciativo de sua existência.

1.5 Identidade (ou “Ser ou *‘estar-sendo’*. Eis a questão.”)

Voltemos um momento ao tema da identidade, tal como descrita por Ciampa (1987). Aprofundando nossa reflexão sobre seu entendimento deste assunto, nos chamam a atenção suas considerações sobre a constituição da identidade através da pressuposição e da reposição de atributos, as quais podem colaborar para uma ampliação do entendimento da questão do estigma. De acordo com o autor (Ciampa, 1987),

Um exemplo pode clarear essa noção de identidade pressuposta. Antes de nascer, o nascituro já é representado como filho de alguém e essa representação prévia o constitui efetivamente, objetivamente, como *filho*, membro de uma determinada família, personagem (preparada para um ator esperado) que entra na história familiar às vezes até mesmo antes da concepção do ator. Posteriormente, essa representação é interiorizada pelo indivíduo, de tal forma que seu processo interno de representação é incorporado na sua objetividade social, como *filho* daquela família. (p. 161) [itálicos de A. C. C.]

Do outro lado, o ator social deve repor a identidade pressuposta, a fim de confirmar o papel que lhe fora atribuído.

O nascituro, uma vez nascido, se constituirá como *filho* na medida em que as relações nas quais estiver envolvido concretamente confirmem essa representação, através de comportamentos que reforcem sua conduta como filho e tudo o mais que envolve a história familiar. (...) Dessa forma, a identidade de filho, se, de um lado, é consequência das relações que se dão, de outro, é condição dessas relações. Ou seja: é pressuposta uma identidade que é reposta a cada momento, sob pena de esses objetivos sociais, *filho, pais, família*, etc., deixarem de existir objetivamente (ainda que possam sobreviver seus organismos físicos, meros suportes que encarnam a objetividade social). (p. 162) [itálicos de A. C. C.]

Entretanto, a identidade não é vista, em geral, como algo temporal, provisório, condicional. A identidade é geralmente entendida como algo mais ou menos permanente e atemporal. Ciampa continua, afirmando que

Como ser social, sou um ser-posto.

A posição de mim (o eu ser-posto) me identifica, discriminando-me como dotado de certos atributos, de predicções, que me dão uma identidade considerada *formalmente* como atemporal. A re-posição da identidade deixa de ser vista como uma sucessão temporal, passando a ser vista como simples manifestação de um ser sempre idêntico a si mesmo na sua permanência e estabilidade.

A *mesmice* de mim é pressuposta como dada permanentemente e não como re-posição de uma identidade que uma vez foi posta. (p. 164) [itálicos de A. C. C.]

Podemos afirmar que esse jogo da identidade “posta-pressuposta-reposta” diz respeito aos papéis passíveis de serem por nós desempenhados ao longo de nossas vidas, os quais aceitaremos ou não (através da reposição). Ciampa tenta demonstrar que, nesse jogo, é possível (e até frequente) que as pessoas tomem um papel desempenhado em dada situação e em dado momento como a totalidade da identidade. Em suas palavras,

Isso ocorre porque compareço perante outrem como *representante de mim-mesmo*, a partir dessa pressuposição de identidade, que se encarna como uma parte de mim-como-totalidade. Essa identidade pressuposta não é uma simples imagem de mim-mesmo, pois ela se configurou na relação com outrem, que também me identifica como idêntico a mim-mesmo; desse modo, ao me objetificar (e ser objetificado por outrem) pelo caráter atemporal (formalmente) atribuído à minha identidade, o que estou sendo-como-parte surge como encarnação da totalidade-de-mim (seja para mim, seja para outrem); isso confunde meu comparecimento frente a outrem (eu como representante de mim-mesmo) com a expressão da totalidade do meu ser (de mim como representado). (p. 173) [itálicos de A. C. C.]

No processo de estigmatização da identidade, a confusão (ou o “mal-entendido”) aconteceria, então, quando tomamos “a parte pelo todo”. Quando julgamos uma identidade em sua totalidade (a unicidade) a partir de um dos papéis que lhe constituem – uma de suas partes (que caracterizam a multiplicidade).

1.5.1 A identidade e os reflexos no espelho

Anselm Strauss – sociólogo americano e teórico da Escola de Chicago – também elaborou reflexões que contribuem para o entendimento da constituição da identidade através da relação com o outro. Em “*Espelhos e máscaras. A busca de identidade.*” (1997), Strauss desenvolve sua teoria através das metáforas do espelho e da máscara. Observando o título de sua obra, já podemos prever dois aspectos de sua escolha teórica, um pela perspectiva dramática – ao utilizar a metáfora da máscara – e outro, pelo entendimento da identidade como sendo constituída através do nosso “reflexo” em outros atores sociais – ao utilizar a metáfora do espelho. De acordo com Strauss (1997),

O conceito de identidade é tão esquivo quanto o é o senso que toda pessoa tem de sua própria identidade pessoal. Mas, seja o que for, a identidade está associada às avaliações decisivas feitas de nós mesmos – por nós mesmos ou pelos outros. Toda pessoa se apresenta aos outros e a si mesma, e se vê nos espelhos dos julgamentos que eles fazem dela. As máscaras que ela exhibe então, e depois ao mundo e a seus habitantes são moldadas de acordo com o que ela consegue antecipar desses julgamentos. Os outros se apresentam também; usam as suas próprias marcas de máscara e, por sua vez, são avaliados. Tudo isso é mais ou menos parecido com a experiência de um garotinho que se vê pela primeira vez (tranquilo e posado) nos múltiplos espelhos da barbearia ou nos tríplices espelhos do alfaiate. (p. 29)

A partir desta perspectiva, vemos que a identidade se constitui através de expectativas, primeiramente, quando nos é atribuído um papel (o qual aceitamos) e quando estabelecemos interações com outras pessoas, e estas utilizam informações a nosso respeito para saber “o que esperar” de nós. Ao mesmo tempo, estamos a todo tempo sendo avaliados por tais informações, estando sujeitos a julgamentos – os quais podem estar corretos ou não.

Strauss foi influenciado, em *“Espelhos e máscaras”*, pelas ideias de Charles Horton Cooley (autor contemporâneo de G. H. Mead). De acordo com Karl E. Scheibe (1995), em trabalho intitulado *“Self Studies. The Psychology of Self and Identity.”* (Scheibe, 1995)²², as reflexões de Cooley (1902)²³ tiveram influências das ideias de James Mark Baldwin²⁴, autor que, por sua vez, obteve notoriedade pela reelaboração da noção de “*self* social” postulada por William James²⁵. Cooley aparece no trabalho de Strauss na citação de uma frase pela qual o primeiro é sempre lembrado:

*“each to each a looking glass
reflects the other that doth pass”*²⁶

Esta frase foi utilizada por Cooley para ilustrar o conceito de “*self* refletido” (“*looking-glass self*”). A esse respeito, Cooley (1902) afirma que

Quando vemos nosso rosto, corpo e roupa no espelho, e estamos interessados neles porque são nossos, e agradados ou não por eles conforme eles respondam ou não àquilo que nós gostaríamos que eles fossem; então em imaginação, nós observamos na mente do outro algum pensamento sobre nossa aparência, conduta, intenções, conquistas, amigos e assim por diante, e somos variadamente afetados por isso.

Uma auto-ideia desse tipo parece ter três principais efeitos: a imaginação de nossa aparência para a outra pessoa; a imaginação de seu julgamento dessa aparência; e algum tipo de auto-sentimento, tal como orgulho ou mortificação. A comparação com um espelho dificilmente sugere o segundo elemento, o julgamento imaginado, que é essencial. O que nos move para o orgulho ou para a vergonha não é

²² “Estudos sobre *self*. A Psicologia do *self* e identidade.” (Scheibe, 1995)

²³ “*Human nature and the social order.*” (Cooley, 1902) [“Natureza humana e ordem social”]

²⁴ “*Social and ethical interpretations*” (Baldwin, 1897) [“Interpretações sociais e éticas”]

²⁵ Em seu célebre capítulo “A Consciência do *self*”, no livro “Princípios de Psicologia” (James, 1890)

²⁶ “Um a um como um espelho / reflete o outro por quem passa” (Cooley, 1902, p. 152)

mera reflexão mecânica de nós mesmos, mas um sentimento imputado, o efeito imaginado de nosso reflexo sobre a mente do outro. (p. 152)²⁷

Buscando as reflexões de James (1890) sobre este processo, encontramos a seguinte passagem.

Falando apropriadamente, um homem tem tantos "eus" sociais quanto existam indivíduos que o reconheçam e carreguem uma imagem dele em sua cabeça. Mas conforme os indivíduos que carregam as imagens caem naturalmente em categorias, nós podemos praticamente dizer que ele tem tantos "eus" sociais diferentes quanto existam grupos de pessoas com cujas opiniões ele se importe. (p. 294)²⁸

Dessa forma, apoiados pelos autores citados acima, ressaltamos a importância e o peso do julgamento de outras pessoas para a constituição da identidade, bem como a grande influência desta dinâmica na interação social cotidiana.

Considerando que o julgamento mais evidente encontrado nas falas de Dona Maria, Laura, Gabriela, Daniel e Alexandre é aquele direcionado ao bairro onde moram, cabe-nos agora avançar na reflexão sobre suas histórias no que diz respeito à dinâmica social atuante neste território. Neste sentido, as reflexões que seguem têm como ponto de partida a perspectiva teórica adotada pelo LAPSI-USP, ou seja, a perspectiva da Psicologia Socioambiental.

²⁷ Trecho original: "As we see our face, figure, and dress in the glass, and are interested in them because they are ours; and pleased or otherwise with them according as they do or do not answer to what we should like them to be; so in imagination we perceive in another's mind some thought of our appearance, manners, aims, deeds, character, friends, and so on, and are variously affected by it. A self-idea of this sort seems to have three principal elements: the imagination of our appearance to the other person; the imagination of his judgement of that appearance; and some sort of self-feeling, such as pride or mortification. The comparison with a looking-glass hardly suggests the second element, the imagined judgement, which is quite essential. The thing that moves us to pride or shame is not the mere mechanical reflection of ourselves, but an imputed sentiment, the imagined effect of this reflection upon other's mind. (Cooley, 1902, p. 152)

²⁸ Trecho original: "Properly speaking, a man has as many social selves as there are individuals who recognize him and carry an image of him in their head. But as the individuals who carry the images fall naturally into classes, we may practically say that he has as many different social selves as there are distinct groups of persons about whose opinion he cares." (James, 1890, p. 294 citado por Scheibe, 1995, p. 27)

2 PSICOLOGIA SOCIOAMBIENTAL E ESTUDOS URBANOS: SOBRE O TERRITÓRIO COMO “GUETO”, AS POPULAÇÕES MARGINALIZADAS E A VIOLÊNCIA

A discussão sobre estigma realizada até aqui neste trabalho se localizou no âmbito das identidades de atores sociais – ou seja, de pessoas. Entretanto, analisando a história contada na primeira parte desta dissertação, podemos perceber outro âmbito, não menos importante, onde o estigma atua – o território. Esses dois âmbitos dialogam, como podemos observar, uma vez que nossos personagens, na medida em que se sentem intimamente ligados ao bairro, se sentem também afetados pelo modo como este é visto.

Dessa forma, o bairro não se constitui somente como um espaço geograficamente delimitado, mas também como um lugar simbolicamente significativo para aqueles que nele habitam e, na mesma medida (embora não da mesma forma), para o restante da cidade. Considerando o arcabouço teórico no qual nos apoiamos até aqui, retomamos a constatação de que o meio no qual o sujeito encontra-se inserido contribui para a constituição de sua identidade. Assim, ressaltamos que este meio consiste tanto nas interações sociais estabelecidas e vividas por este sujeito, como em um ambiente físico no qual elas irão se desenvolver. Entendemos este meio como um socioambiente (Tassara, 2006).

Neste sentido, torna-se relevante para esta investigação a incorporação de resultados e reflexões baseados em estudos da Psicologia Ambiental (por nós entendida e trabalhada como Psicologia Socioambiental), a qual se propõe a estudar as relações pessoa-socioambiente. Os desenvolvimentos deste campo de conhecimento tiveram origem em diversas linhas de trabalho. Assim, apresentaremos a seguir um breve histórico destas linhas, o qual, embora certamente não completo, vem contribuir para o entendimento deste socioambiente no qual o ser humano está inserido.

2.1 Breve histórico da Psicologia Ambiental

Em artigo de Lenelis Kruse para o Volume 2 do “Manual de Psicologia Ambiental” (1987)²⁹, encontra-se um levantamento histórico da evolução dos estudos dentro da área que é

²⁹KRUSE, L. (1987) Environmental Psychology in Germany. In: STOKOLS, D. e ALTMAN, I. (1987) *Handbook of Environmental Psychology*. Malabar: Krieger Publishing Company. P. 1195-1225.

hoje conhecida de Psicologia Ambiental. De acordo com esta autora, não existiu uma data exata para o começo da produção em relação a esta temática, mas sim, vários estudos de diversas áreas que tratavam de assuntos os quais, posteriormente, puderam ser considerados de “psicologia ambiental”. Estas áreas foram

- 1) A **ecologia biológica**, com Jacob von Uexküll (1921, 1957) introduzindo o construto teórico chamado “*umwelt*” – ambiente – que se opunha ao “*innenwelt*” – mundo interior. Este ambiente, para Uexküll, não compreendia apenas condições e influências que rodeavam o organismo, mas sim, era uma contrapartida e um complemento na construção de um todo dinâmico, descrito pelo autor como um “circuito funcional”;
- 2) A **biometeorologia**, que procurava estudar os impactos que o tempo, o clima e diferentes paisagens causavam nas experiências e comportamentos das pessoas. Aí já são considerados os estudos de Willy Hellpach (1967), em sua “geopsicologia”;
- 3) A “**kulturkritik**” (crítica da civilização) e os **estudos urbanos**, que se dedicaram ao entendimento das consequências dos processos de industrialização e urbanização para a vida nas cidades. Na Alemanha, foco da autora neste artigo do manual, os autores que trataram deste assunto foram Simmel (1903), Thurnwald (1904) e Sombart (1907); e
- 4) A **fenomenologia**, com a filosofia do “mundo da vida” – realidade imediatamente experienciada, de acordo com Husserl – e o conceito-chave de “intencionalidade”, o qual significaria que, na experiência e no comportamento, na consciência e na ação, sempre nos relacionamos ou nos referimos a algo que supomos existir independentemente de nós – para a fenomenologia, este seria o “*umwelt*” (ambiente) ou o ambiente intencional.

Após a Primeira Guerra Mundial, é publicado um grande manual intitulado “Manual de Métodos Biológicos”³⁰, editado por Emil Abderhalden. O terceiro volume deste manual foi dedicado à recém nascida Psicologia Ambiental – já sob esse nome – e editado por Willy

³⁰ “*Handbuch der biologischen arbeitsmethoden*” / “*Handbook of Biological Methods*”.

Hellpach. De acordo com Kruse, Hellpach já era reconhecido por ser referência no tema das “influências naturais na vida mental” (Kruse, 1987, p. 1198).

Enric Pol, em dois artigos dedicados ao tema (Pol, 2006, 2007), também traça um histórico do desenvolvimento teórico no campo em questão. Pol, por sua vez, traz como marco inicial da produção científica direcionada à discussão do tema Psicologia Ambiental, o livro de Hellpach, intitulado “*Geopsique*” – sendo sua primeira edição de 1911. Neste livro, o autor trata de questões a respeito das influências do tempo, do clima, da paisagem e do solo na vida do ser humano. A respeito de sua teoria, Pol (2006), afirma que

Hellpach divide o ambiente em três círculos: ambiente natural ou ambiente de "fatores geopsicológicos"; comunidade ou ambiente de "fatores psicossociais" e o "mundo construído" – o qual, posteriormente, ele chamará de "tecnopsicologia". Ele acredita que cada um desses fatores exerce dois tipos de influências na mente do ser humano: influência que causa impressões (isto é, experiência imediata), e influência que causa mudanças psicológicas no corpo, as quais, por sua vez, geram experiências³¹. (p. 97)

De acordo com Tassara e Ardans (2012), é possível identificar uma semelhança entre estas concepções de Hellpach e os estudos desenvolvidos pelos geógrafos Aziz Ab'Saber (2001) e Milton Santos (1996)³². Este último também apresenta, em suas idéias, as dimensões psicológica e tecnológica da experiência humana, chamando-as de psicosfera e tecnosfera, como se vê a seguir.

Ao mesmo tempo em que se instala uma tecnosfera dependente da ciência e da tecnologia, cria-se, paralelamente, e com as mesmas bases, uma psicosfera. A tecnosfera se adapta aos mandamentos da produção e do intercâmbio, e, desse modo, freqüentemente traduz interesses distantes; desde, porém, que se instala, substituindo o meio natural ou o meio técnico que a precedeu, constitui um dado local, aderindo ao lugar como uma prótese. A psicosfera, reino das idéias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, também faz parte deste meio ambiente, desse entorno da vida, fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário. Ambas – tecnosfera e psicosfera – são locais, mas constituem o produto de uma sociedade bem mais ampla que o lugar. Sua inspiração e suas leis têm dimensões mais amplas e mais complexas. (p. 204)

Este autor afirma, também, que “os espaços da globalização se definem, pois, pela presença conjunta, indissociável, de uma tecnosfera e de uma psicosfera, funcionando de

³¹ Trecho original retirado do artigo de Enric Pol: “Hellpach divides the environment in three circles: natural or “geopsychological factors” environment; community or “psychosocial factors” environment and the “built world” – which, further on, he will call “technopsychology”. He believes each one of these factors exerts two kinds of influence on the human mind: influence through the meanings of impressions (that is, immediate experience), and influence causing psychological changes in the body, which, in turn, generate experiences” (Pol, 2006, p. 97). [Tradução N. N. O.]

³² Tais concepções fundamentam a conceituação de ambiente adotada pelo LAPSI-USP e suas implicações sobre as análises desenvolvidas a respeito de problemáticas territoriais que requerem intervenções (Tassara & Ardans, 2012, p. 11)

modo unitário. A tecnosfera é o mundo dos objetos, a psicosfera é a esfera da ação” (SANTOS, 1996, p. 257).

Dentre outras referências importantes traçadas neste histórico, Pol também traz, como um dos pontos iniciais da Psicologia Ambiental, as contribuições de autores da teoria da Gestalt, representada pelo trabalho de Kurt Koffka (entre outros). Esta teoria aborda o ambiente a partir de uma perspectiva holística e deixou sua marca maior nas questões atinentes a processos de percepção e cognição. Solomon Asch e, em especial, Kurt Lewin³³ (autores já mencionados anteriormente), eram autores desta abordagem e direcionaram seus estudos para a compreensão do efeito de forças advindas do ambiente social no ser humano.

Pol afirma que a teoria da gestalt levou adiante a distinção feita por Koffka (1935) entre ambientes geográficos e ambientes comportamentais. O ambiente geográfico coincidiria com aquele que existe no mundo real e o ambiente comportamental é aquele experienciado pela pessoa.

2.2 A contribuição dos estudos urbanos

Tal como Kruse, Pol também discute, em seus dois artigos, as contribuições teóricas dos estudos urbanos. De acordo com Pol (2006), os estudos mencionados por ele, relacionados às influências do ambiente na experiência da vida humana, continham também, além de preocupações teóricas e epistemológicas, “um importante elemento de resposta a uma sociedade em transição, abalada por mudanças geopolíticas, tecnológicas e sociais, migrações, concentrações urbanas, e a emergência de novos grupos marginais, novos tipos de pobreza e novos conflitos”³⁴ (p. 99). Dentre os autores precursores deste campo, Pol destaca os trabalhos de Durkheim e Weber, e, ainda, o trabalho de George Simmel, autor que afirmava

³³ De acordo com Pol (2006), as contribuições de Kurt Lewin poderiam ser enquadradas dentro de uma “psicologia ecológica” ou uma “ecologia psicológica”, devido aos conceitos desenvolvidos por ele, tais como espaço vital, comportamento como função da relação pessoa-ambiente, forças de atração-repulsão e o contraponto de uma visão holística para a visão atomística da experiência humana. Sua proposta metodológica da *pesquisa-ação* (ou *pesquisa-ação-participante*) também foi incorporada por tendências da psicologia ambiental moderna. Dessa forma, a ecologia humana também pode ser considerada como uma precursora da Psicologia Ambiental.

³⁴ Trecho original retirado do artigo de Pol: “an important element of response to a transitional society, shaken by geopolitical changes, technological changes, social changes, migrations, urban concentrations, and the emergence of new marginal groups, new kinds of poverty and new conflicts” (Pol, 2006, p. 99). [Tradução N. N. O.]

que a cidade, ao mesmo tempo em que oferecia liberdade e oportunidades, também proporcionava anonimato, isolamento, desvios e decadência.

De acordo com Kruse (1987), estes estudos apontavam para um fenômeno – sofrido por este sujeito exposto a um ambiente urbano constantemente em mudança – que Simmel (1903 [1970]) chamaria de uma “intensificação da estimulação nervosa” ou uma “sensibilização aumentada”³⁵ do habitante da grande cidade (Kruse, 1987, p. 1199). Estes conceitos podem ser encontrados também na teoria do urbanismo de Louis Wirth (1938 [1970]).

Kruse ressalta que, mesmo sendo um fato pouco notado na época, estes conceitos foram desenvolvidos em concordância com o *Zeitgeist*, uma vez que Hellpach, em 1902, introduzia o conceito de “estimulação aumentada”³⁶. A esse respeito, Pol afirma que “todos os males da sociedade moderna urbana se originam deste cansaço absoluto” (Pol, 2006, p. 100), como iriam teorizar mais tarde autores como Robert Park, Louis Wirth e Stanley Milgram³⁷. A passagem a seguir, de Wirth (1944), exemplifica esta visão.

A vida na cidade tem muitas facetas. A cidade, por exemplo, tem sido em toda parte o centro da liberdade e tolerância, o berço do progresso, das invenções, da ciência, do racionalismo e de todas as influências e novos estímulos que surgiram na vida do homem e o conduziram a novos níveis de realização. A cidade assegurou a cada indivíduo uma oportunidade de competir com muitos outros por um lugar no mundo. Por conseguinte, é na cidade que encontramos tipos mais especiais e variados de homem que em qualquer outra forma de associação humana. Nela o homem fora do comum, o exótico e o esquisito podem encontrar um lugar e ser reconhecidos. Nela, todo homem pode ser um profeta porque pode encontrar outros que o apoiem em suas crenças estranhas. De toda essa variedade e confusão, dessa intensa luta e energia individualista surgiu muita fermentação e desordem, mas surgiu também muito progresso. Os problemas de doença, crime, vício e desintegração da família são mais graves na cidade que no campo, mas estamos dispostos a suportá-los como parte do preço que pagamos para viver reunidos, em grande número, com facilidades incomparáveis para o conforto e gozo da vida. (p. 501-502)

Park e Wirth faziam parte da chamada Escola de Chicago – da qual Mead, Goffman e Strauss também foram integrantes (em épocas posteriores). Os pesquisadores da Escola de Chicago obtiveram amplo reconhecimento por suas contribuições para a pesquisa sociológica, especialmente no que diz respeito às questões urbanas. Sua base institucional de trabalho era o

³⁵ Expressões originais utilizadas no artigo de Kruse: “intensification of the nervous stimulation” e “heightened awareness” (Kruse, 1987, p. 1199). [Tradução N. N. O.]

³⁶ Expressão original utilizada no artigo de Kruse: “reizsamkeit” (em alemão) e “heightened stimulability” (em inglês) (Kruse, 1987, p. 1199). [Tradução N. N. O.]

³⁷ Milgram escreveu sobre a vida na cidade, em um trabalho intitulado “*A experiência de viver em cidades*” (“*The experience of living in cities*”) (Milgram, 1970), embora seja mais conhecido pelo seu experimento a respeito da obediência a autoridades.

Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, fundado em 1892 por Albion Small (Bogdan & Biklen, 1994).

De acordo com Gilberto Velho (1997), em prefácio para o livro *Espelhos e Máscaras*, de Anselm Strauss, o Departamento de Sociologia integrava os campos de conhecimento da sociologia e da antropologia, até 1929. O autor afirma que “por mais de trinta anos, num período particularmente fértil, não havia separação institucional entre sociólogos e antropólogos, fortemente influenciados e participando de debates com a psicologia social e com a filosofia” (p. 12). Dessa forma, a interação entre pesquisadores de diferentes áreas e departamentos era freqüente e intensa, além de frutífera, em termos de produção intelectual no âmbito das questões sociais urbanas.

Bogdan e Biklen (1994) afirmam que Robert Park se tornou uma das principais figuras da Escola de Chicago. Seus trabalhos e os trabalhos de seus alunos consistiam em exaustivos estudos de comunidades específicas, buscando entendê-las como um todo. Eles também buscavam compreender os comportamentos das pessoas encontradas nestas comunidades considerando o contexto em que estes surgiam.

Os trabalhos desses alunos (...) ilustram tanto o interesse por diferentes aspectos da vida comum, como uma preocupação com o estudo da etnicidade. Foram objeto de estudo o gueto judeu (Wirth, 1928), os bailes dos taxistas (Cressy, 1932), o gang dos rapazes (Thrasher, 1927), o ladrão profissional (Sutherland, 1937), o vagabundo (Anderson, 1923), *The Gold Coast and the Slum* (Zorbaugh, 1929) e o delinqüente (Shaw, 1966; publicado inicialmente em 1930). É na ênfase da intersecção entre o contexto social e a biografia que residem as origens das descrições contemporâneas da investigação qualitativa como “holística”. (p. 28) [itálicos de R. B. e S. B.]

Park foi aluno de Simmel em Berlim e contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento teórico do tema da vida na cidade e, por consequência disso, para a Psicologia Ambiental. A partir de seus estudos, escreveu o livro “*A cidade*”³⁸, juntamente com Ernest Burgess e Roderick McKenzie (Park, Burgess & Mckenzie, 1925). “*A cidade*” tratava do crescimento das cidades e de comportamentos desviantes encontrados nesse meio.³⁹

Louis Wirth, por sua vez, direcionou seus estudos para a comparação entre comportamentos característicos de habitantes do meio urbano e de habitantes de áreas rurais, bem como para questões relacionadas à delinqüência juvenil nas comunidades de imigrantes

³⁸ Título completo desta obra: “*A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no ambiente urbano*” / “*The city: Suggestions for the investigation of human behavior in the urban environment*”.

³⁹ Aqui no Brasil, um livro com textos de Simmel, Park, Weber, Wirth e Paul-Henry Chombart de Lauwe, a respeito de questões sobre a vida na cidade, foi organizado por Otávio Guilherme Velho, sob o título “*O fenômeno urbano*” (Velho, O., 1967).

judeus nos Estados Unidos da América. Seus estudos e investigações resultaram em postulações a respeito do fenômeno chamado de “gueto”.

Ambos os autores, Park e Wirth, desenvolveram seus trabalhos a partir da perspectiva da Ecologia Humana, outro campo que mantém relação com a Psicologia Ambiental. Tal forma de abordar o tema do “gueto” foi motivo de críticas posteriores a este conceito desenvolvido por Louis Wirth. A principal contraposição feita às suas postulações foi elaborada por Loïc Wacquant.

2.3 O “gueto” de Wirth e alguns desdobramentos deste conceito

Em dissertação de mestrado de Marcela Rufato (2010), a respeito da obra de Louis Wirth, encontramos que o conceito de “gueto”, postulado por este autor em sua tese de doutorado (Wirth, 1928), foi desenvolvido através do estudo empírico de uma região dentro da comunidade judaica de West Side – em Chicago, Estados Unidos da América (EUA), caracterizada como uma área de primeira fixação dos imigrantes judeus⁴⁰. Enquanto, neste trabalho, Wirth buscava compreender a resistência da primeira geração em abrir mão de suas tradições – através da busca por isolamento – em sua dissertação de mestrado, intitulada “Culture conflicts in the immigrant family”⁴¹ (de 1925, nunca publicada), Wirth tratou sobre as consequências, para a família imigrante, da assimilação da segunda geração na cultura do “Novo Mundo” (os EUA) – através do aumento e intensificação das trocas culturais feitas por eles com esse novo meio. Em sua dissertação, Wirth se dedicou ao envolvimento desta geração com a criminalidade e a delinquência. A esse respeito, o autor (Wirth, 1925a, p. 6 citado por Rufato, 2010) afirma que

muito do comportamento do delinquente ou da pessoa desajustada desaparece se ela é pensada como um indivíduo vivendo num *milieu* cultural dual. As histórias de vida desses pais e filhos imigrantes tornam-se inteligíveis apenas se considerarmos o fato de que na família de imigrantes encontramos não um corpo homogêneo de sentimentos, tradições e práticas, mas correntes conflitantes de cultura e códigos sociais divergentes concorrendo pela participação e fidelidade de seus membros. (p. 42) [tradução de M. A. R.]⁴²

⁴⁰ O próprio Wirth era descendente de família judaica, tendo seus primeiros trabalhos algumas reflexões de cunho auto-biográfico.

⁴¹ “Conflitos culturais na família imigrante”.

⁴² Rufato (2010) afirma que “(...) esse ponto de vista estava embasado nas discussões de Burgess (1923a) sobre o delinquente como pessoa, ou seja, como *um indivíduo com um papel e um status em um grupo*. Essa interpretação de Burgess buscava ser uma alternativa aos dois extremos das teorias criminalistas da época, representados: por um lado, por Lombroso, que entendia o criminoso como uma variedade biológica distinta, e,

Para além do foco nos conflitos culturais que se deram no interior da família imigrante judaica, Wirth também descreve as funções do “gueto”, tal como a de ser um dispositivo de segregação deste grupo social (inclusive física, através de muros), servindo a necessidades tanto deles próprios⁴³, como da sociedade americana na qual eles agora deveriam se integrar. Robert Park e seus colegas e alunos, incluindo Wirth, entendiam que o fenômeno do “gueto”, neste novo cenário (os EUA), tinha uma função nesse processo de transição (integração na nova cultura) – chamado de “assimilação” ou “americanização”.⁴⁴ Em prólogo para o livro “The Ghetto” (a publicação da tese de doutorado de Wirth), Park (1928) elucida a concepção do “gueto” como uma “área natural” da cidade. São palavras do autor,

o que vem sendo chamado de “áreas naturais da cidade” são simplesmente regiões cujas localizações, características, e funções têm sido determinadas pelas mesmas forças que determinam as características e funções da cidade como um todo. O gueto é uma dessas áreas naturais. O gueto histórico, do qual esse estudo se ocupa, é meramente um dos mais chamativos exemplos de um tipo. É na história dos Judeus, na Diáspora, que nós temos acesso a um conjunto de fatos que exibem em detalhes convincentes as consequências morais e culturais daquele isolamento ao qual o gueto é forçado; *consequências que afetam ambos aqueles que vivem do lado de dentro e aqueles que vivem do lado de fora do muro*. (p. ix-x) ⁴⁵ [itálicos de N. N. O.]

Valladares (2010), em artigo sobre a visita de Robert Park ao Brasil e a influência desta visita em seus estudos e reflexões, fala sobre o panorama social norte-americano que foi pano de fundo para o trabalho de Wirth, Park e os demais pesquisadores da Escola de Chicago, afirmando que

por outro lado, por Gabriel Tarde, que o entendia como um produto social. Burgess formulou uma interpretação intermediária à qual Wirth agregou elementos da Psicologia Social do imigrante tal como desenvolvida por Thomas em *The Polish Peasant* e em *Old World Traits Transplanted*” (p. 40). [itálicos de N. N. O.]

⁴³ Wirth afirma, buscando analisar a “história natural do gueto” (desde a Idade Média), que “a segregação dos Judeus em áreas locais separadas nas cidades medievais não se originaram com nenhum decreto formal da igreja ou do estado. O gueto não era, como às vezes equivocadamente se acredita, a criação arbitrária das autoridades designadas para lidar com uma população estrangeira. O gueto não foi produto de planejamento, mas sim a cristalização inconsciente de necessidades e práticas enraizadas nos costumes e heranças, religiosos e seculares, dos próprios judeus. Muito antes de isso ser tornado obrigatório, os Judeus viviam em partes segregadas nas cidades ocidentais, por sua própria iniciativa (Wirth, 1928, p. 18). [tradução N. N. O.]

⁴⁴ Neste sentido, Wirth estava interessado em investigar as características típicas deste agrupamento, buscando não o que lhe era peculiar, mas sim aquilo que permitiria generalizações para outras áreas segregadas e isoladas (Rufato, 2010). Dessa forma, Wirth buscava desenvolver uma teoria a respeito de agrupamentos sociais e culturais isolados que extrapolasse a questão da imigração judaica e da “assimilação” (ou americanização) deste grupo cultural em uma terra nova (no caso, os EUA).

⁴⁵ Trecho original: “What have been called the “natural areas of the city” are simply those regions whose locations, character, and functions have been determined by the same forces which have determined the character and functions of the city as a whole. The ghetto is one of those natural areas. The historical ghetto, with which this study is mainly concerned, is merely the one most striking example of a type. It is in the history of the Jews, in the Diaspora, that we have access to a body of facts which exhibit in convincing detail the moral and cultural consequences of that isolation which the ghetto enforced; consequences that touch both those who live within and those who live without the pale. The history of the ghetto is, in large measure, the history, since the dispersion, of the Jewish people.” Robert Park, em prólogo para o livro “The Ghetto” (Wirth, 1928, p. p. ix-x)

tinha-se assim, em Chicago, uma aglutinação dos migrantes recentes e ainda não “integrados” à sociedade americana nas Little Italy ou China Town ou no Ghetto Judaico (conhecido como The Ghetto), localizados nas áreas centrais da metrópole. Verdadeiras “zonas morais”, tais territórios (verdadeiros enclaves) supriam as funções de proteção diante do novo ambiente e ajudavam os diversos grupos étnicos na manutenção da tradição e na reprodução de valores. Uma vez “integrados” à sociedade, os “novos americanos” iam para a periferia, onde habitavam em bungalows [bangalôs] ou em bairros exclusivos. A mobilidade residencial correspondia, então, à mobilidade social. (p. 41)

Dessa forma, Wirth assinala que o “gueto” moderno que se instaurou nos EUA demonstrava características peculiares (por vezes também encontradas em outros grupos de imigrantes), para além daquelas atribuídas ao gueto medieval. Seriam elas as de 1) demonstrar o processo de distribuição e agrupamento da população nas comunidades urbanas⁴⁶; 2) ilustrar de forma singular o modo como um grupo cultural expressa sua velha herança ao ser transplantado para um território estrangeiro, o constante peneiramento e repeneiramento de seus membros, e as forças através das quais a comunidade mantém sua integridade e continuidade e; 3) demonstrar as formas sutis com as quais uma comunidade cultural se transforma gradualmente até se mesclar com a comunidade maior (Wirth, 1928, p. 5).

Wirth obteve destaque em relação a esta temática por ter sido o primeiro autor a se dedicar de forma tão ampla e profunda a este fenômeno. Entretanto, trabalhos posteriores continuaram a explorá-lo. Uma importante crítica elaborada ao conceito de “gueto” postulado por Wirth (e seu embasamento na perspectiva da Ecologia Humana) foi a de Loïc Wacquant (2008), que adicionou à discussão os aspectos relacionados à situação específica do gueto negro nos EUA. Este autor busca denunciar alguns equívocos de Wirth e seus colegas ao enxergar o “gueto” e seus similares como “áreas naturais”, deixando de lado o seu aspecto intencional (do ponto de vista externo) e sua função estratégica para a parcela dominante da sociedade americana. Nas palavras de Wacquant (2008),

Dispersos por três continentes e cinco séculos, os casos dos judeus, dos afro-americanos e dos Burakumin demonstram que o gueto não é, *a despeito* de Wirth, uma “área natural, cuja formação resultaria de um processo de adaptação ao ambiente governado por uma lógica biótica “semelhante à cooperação competitiva em que se baseia a comunidade vegetal”. O erro da primeira Escola de Chicago consistiu em “converter a história em história natural” e tomar a guetoização por uma “manifestação da natureza humana”, virtualmente coextensiva à “história das migrações”, quando na verdade é uma forma muito peculiar de urbanização modificada por relações assimétricas de poder entre grupos etnoraciais: uma forma especial de *violência coletiva concretizada no e pelo espaço urbano*. (p. 81) [itálicos de L. W.]

⁴⁶ De acordo com Rufato (2010), isso mostraria a “espacialização das forças da ecologia humana” (p. 104).

Para Wacquant, o fenômeno do “gueto” apresenta outro aspecto importante, para além desse processo “natural” de assimilação a uma nova cultura. O isolamento desses grupos, em seu caráter voluntário ou não, estava também associado com o descaso, por parte do governo americano, em termos de assistência a essas comunidades. De forma que, se em um primeiro momento, havia comunicação entre estes grupos e o restante da sociedade, em um segundo momento, ocorreu uma gradativa deterioração destas áreas devido à falta de recursos e estrutura mínima para seu bom funcionamento. O que o autor busca ressaltar é que este processo servia a interesses da classe dominante daquela sociedade – o que afirma não ter sido observado por Wirth e seus colegas pesquisadores.

As características mais sobressalentes atribuídas a estas populações pelo restante da sociedade americana passam a ser, então, a deterioração de seus ambientes e a delinquência e criminalidade associadas a seus habitantes. A partir desse momento, o isolamento do “gueto” em seu aspecto de uma imposição externa se agravou, pois seu território e seus habitantes passaram a ser vistos como pessoas com as quais se deveria evitar contato. De acordo com Wacquant (2008),

originalmente, na segunda metade do século XIX, o termo designava as concentrações residenciais de judeus europeus nos portos da costa atlântica e distinguia-se claramente da *slum* enquanto zona de deterioração da moradia e caderinho de patologias sociais. Ela expandiu-se durante a era progressista e passou a incluir todos os distritos da *inner city* onde se juntavam os recém-chegados “exóticos”, imigrantes oriundos das classes populares do sudeste europeu e afro-americanos fugindo do brutal regime de castas do Sul dos Estados Unidos. Na medida em que refletia as preocupações das classes dirigentes quanto a se esses grupos poderiam ou deveriam se assimilar ao modelo anglo-saxão predominante no país, o termo apontava então para a intersecção entre bairro étnico e *slum*, esse lugar tumultuado onde a segregação se juntava ao abandono físico e à superpopulação, exacerbando assim males urbanos como criminalidade, desintegração familiar e pauperismo e, com isso, impedindo a participação na vida nacional. (p. 76) [itálicos de L. W.]

Ainda conforme o autor, Wirth associa equivocadamente os vários grupos étnicos imigrantes a “áreas do vício”, as quais incluiriam “os tipos desviantes, tais como vagabundos, boêmios e prostitutas – todas elas consideradas áreas ‘naturais’, nascidas do desejo universal de diferentes grupos de ‘preservar suas formas culturais’” (p. 76), sendo que cada uma dessas áreas teria uma função na cidade como organismo.

Neste sentido, torna-se importante esclarecer os significados de alguns termos utilizados por Wacquant, e também por Wirth, tais como bairro étnico, *slum*, *inner city* e

*underclass*⁴⁷, já que, para Wacquant, tais termos foram utilizados de forma inescrupulosa pelos autores da Escola de Chicago. A seguir, resumimos brevemente alguns desses termos.

- **Bairro étnico:** concentração residencial de uma determinada comunidade cultural / étnica.
- **Slum:** Suas características principais são a densidade populacional e a deterioração física e moral. De acordo com Rufato (2010), “o *slum* era atrativo para os imigrantes devido aos aluguéis baratos, à proximidade com o local de trabalho e devido ao fato de ter sido abandonado pelos nativos e, com isso, tornado-se uma área de pouca resistência a pessoas de baixa renda e de cultura estrangeira” (p. 100).
- **Inner city:** Conforme proposto por Burgess, esta era uma “zona de transição”, onde imigrantes e negros se aglomeravam. (Rufato, 2010)
- **Underclass:** De acordo com Wacquant (2008), seria a denominação de um grupo fictício, criada por um grupo “semijornalístico” e “semierudito”, que renovou antigos preconceitos contra supostas características peculiares da comunidade negra, o que teria gerado uma “escravização simbólica” (expressão de Wacquant) dos residentes do gueto. O autor ainda afirma que essa denominação serviu para “justificar a política de abandono desse segmento da sociedade por parte das autoridades públicas” (p. 34) e, também, tornou-se sinônimo não apenas de “pobre desmerecedor”, mas de “negro pobre desmerecedor” (p. 45).

É dentro deste panorama e a partir desta variedade de termos utilizados na descrição do fenômeno “gueto” que podemos encontrar a origem da associação deste conceito com aspectos que não são necessariamente intrínsecos à sua ocorrência. A esse respeito, Wacquant (2008) afirma que

Articular o conceito de gueto permite-nos distinguir as relações entre guetoização, pobreza urbana e segregação e, assim, precisar as diferenças estruturais e funcionais entre guetos e bairros étnicos. Também nos leva a salientar o papel do gueto como incubador simbólico e matriz de produção de uma identidade maculada no sentido de Goffman (p. 82).

⁴⁷ Cf. trabalho de Rufato (2010), p. 106, onde a autora traz a representação gráfica da “Estrutura urbana e áreas urbanas de Burgess”. Nesta representação, é possível encontrar a visualização destes grupos em uma distribuição espacial.

Assim, este autor chama a atenção para a relação entre a característica de pobreza e o “gueto”, afirmando que nem todos os guetos são pobres e que, embora todos os guetos sejam áreas segregadas, nem todas as áreas segregadas são guetos. São palavras de Wacquant (2008),

o fato de a maioria dos guetos terem sido historicamente lugares de miséria endêmica e não raro extrema, em razão da carência de espaço, da densidade demográfica, da exploração econômica e dos maus-tratos generalizados contra seus residentes, não implica que o gueto seja necessariamente um lugar de penúria ou um lugar uniformemente deserdado. (p. 83)

E em relação à segregação,

Se todos os guetos são segregados, nem todas as áreas segregadas são guetos: os bairros burgueses do Oeste de Paris, os subúrbios chiques das classes altas de Boston, Berna ou Berlim, e as *gated communities* [condomínios fechados] que proliferam em cidades globais como São Paulo, Toronto e Miami são uniformes em termos de riqueza, renda, profissão e mesmo de composição étnica, mas nem por isso são guetos. (p. 85)

No que diz respeito à diferenciação do gueto e dos bairros étnicos, o autor vai afirmar que a segregação encontrada nos grupos estudados por Park, Burgess e Wirth era “parcial e porosa, produto da solidariedade entre imigrantes e da atração étnica: não foi imposta pela hostilidade implacável de grupos externos” (p. 87).

É a partir destas reflexões, então, que Wacquant vai elaborar o seu conceito relacional de “gueto”, o qual se define como o “produto e o instrumento de um poder de grupo” (p. 82), configurando-se, dessa forma, como uma

instituição de duas faces, na medida em que cumpre duas funções opostas para os dois coletivos que ele une em uma relação assimétrica de dependência. Para a categoria dominante, sua razão de ser é *confinar e controlar*, o que se traduz pelo que Max Weber chama de “cercamento excludente” da categoria dominada. Para esta última, no entanto, trata-se de um *instrumento de integração e de proteção*, na medida em que livra seus membros do contato constante com os dominadores e estimula a colaboração e a construção comunitária dentro da esfera restrita das relações por ele criada. (p. 82) [itálicos de L. W.]

Resta ainda ressaltar outra importante característica do “gueto”, a saber, as consequências de sua dinâmica para a identidade de seus habitantes. Para Wacquant (2008), o “gueto” seria uma “*poderosa máquina de identidade coletiva*” (p. 88). O autor afirma ainda que “essa identidade unificada não pode deixar de ser marcada pela ambivalência, na medida

em que continua manchada pelo próprio fato de a ‘guetoização’ proclamar o que Weber chama de “avaliação negativa da honra” conferida ao grupo confinado” (p. 89)⁴⁸.

Como é possível observar, este último aspecto referente ao fenômeno do “gueto” nos remete à primeira parte da discussão teórica realizada nesta dissertação, no que diz respeito a “identidades estigmatizadas”. Podemos afirmar, levando em consideração as contribuições de Wirth e Wacquant, que o “gueto” consiste, em termos gerais, em um território com características de isolamento (ainda que apenas simbólico, e não físico – com muros, por exemplo), de atribuição de um valor negativo às identidades de seus habitantes, e do descaso, ao mesmo tempo que uma exploração (que pode ser econômica, política ou outra), por parte do governo, dessas comunidades.

É a partir destas constatações que se torna relevante a discussão a respeito do “homem marginal”, expressão primeiramente cunhada por Robert Park, mas desenvolvida posteriormente por seus alunos e outros autores também. O “homem marginal” de Park consistia em uma pessoa *à margem de duas culturas*, tal como Wirth abordou o tema dos delinquentes provindos das famílias judaicas em sua dissertação de mestrado. A seguir, exploraremos brevemente esta concepção, para, em seguida, avançarmos no entendimento da expressão “marginal” – como é utilizada nos dias atuais – e sua associação a territórios que podem ser entendidos como “guetos”, tal como pudemos observar no bairro estudado no presente trabalho.

2.4 Do “homem marginal” de Park às populações marginalizadas.

Valladares (2010), em artigo já referido anteriormente a respeito da visita de Robert Park ao Brasil, nos fala sobre a contribuição deste autor para o desenvolvimento do conceito de “homem marginal”, expressão primeiramente cunhada por ele em artigo intitulado “Human Migration and the Marginal Man” (Park, 1928)⁴⁹. Inicialmente, esta expressão não tinha valor negativo, como se pode supor a princípio. Neste artigo, Valladares (2010) afirma que

⁴⁸ Kwame Anthony Appiah, em livro sobre o tema da honra (Appiah, 2010), fala em um “walk tall”, que seria uma metáfora para a postura de “andar com a cabeça erguida” (a tradução literal da expressão seria “andar alto”). Esta referência está relacionada com o sentimento de honra que uma pessoa deve ter ao encarar a sociedade (“olhar o mundo no olho”), o que significaria que ela é merecedora de respeito.

⁴⁹ “Migração humana e o homem marginal”.

no artigo em questão, Park desenvolve as ideias de Simmel, baseando-se na figura do “estrangeiro” [*The Stranger*]. O estrangeiro é aquele que, vindo de fora, fica amanhã. Ele se instala na comunidade, mas fica à sua margem, permanecendo, de alguma maneira, exterior ao grupo social. Desenvolve uma personalidade marginal na medida em que é um homem à margem de duas culturas e duas sociedades. (...) o conflito de culturas é o conflito do self dividido [*divided self*], do velho e do novo self. Para Park, portanto, o homem marginal é o produto de conflitos interculturais. (p. 39-40) [itálicos de L. P. V.]

A autora afirma, então, que foi a partir de estudos de um dos alunos de Park, Everett Stonequist, que o conceito passou a ter uma conotação mais negativa.

A partir da tese de seu aluno Stonequist (1937), Park dará mais tarde outro sentido à expressão homem marginal, que passará a ter uma conotação mais negativa, incluindo a situação dos negros do Sul dos Estados Unidos, que vivem à margem da cultura branca. O homem marginal será tipicamente um imigrante da segunda geração, que sofre os efeitos da desorganização do grupo familiar, como a delinquência juvenil, a criminalidade, o divórcio. Livre de seus antigos valores e tradições, ele tem sua antiga identidade afetada, mas encontra-se ainda sem orientação diante dos novos valores da sociedade que o acolhe. (p. 40) [itálicos de L. P. V.]

Aníbal Quijano (1966), sociólogo peruano, em coletânea organizada por Luiz Pereira, intitulada “Populações ‘marginais’” (Pereira, 1978), recupera o princípio da utilização desta expressão, mencionando também Robert Park e Everett Stonequist. Entretanto, Quijano desenvolve uma crítica ao entendimento destes autores, analisando como um equívoco presumir a existência de uma “personalidade marginal”, como sendo um fenômeno psicológico individual. De acordo com o autor, esta suposição destituiria a pessoa da capacidade de orientar-se e resolver os conflitos culturais nos quais se encontra envolvida. Para Quijano, baseado em crítica elaborada por David Golovensky, “o conceito mesmo de ‘personalidade marginal’ não passaria de um estereótipo que, como todos os estereótipos, resulta de uma caricatura ou de uma exagerada distorção da realidade” (p. 15)

Trazendo a discussão da marginalidade para o contexto latino-americano, Quijano afirma que o termo se referia – ao adentrar esse meio – a situações emergidas da urbanização pós-Segunda Guerra Mundial, ou seja, ao estabelecimento de núcleos populacionais com características “*sub-standard*” (expressão do autor) nas periferias de grande parte das cidades latino-americanas. Segundo Quijano (1966),

como, precisamente, esses povoamentos se levantavam, em regra geral, nas bordas ou *margens* do corpo urbano tradicional das cidades, o mais fácil era denominá-los “bairros marginais” e seus habitantes, “populações marginais”, porque os nomes cunhados pelo próprio povo – *callampas*, *barriadas*, favelas, *cantegriles*, *rancheríos* etc. – tinham a cor local que os tornava inutilizáveis como designação técnica. O problema que esses agrupamentos encerravam se constituiu no problema das “populações marginais”. (p. 19) [itálicos de A. Q.]

Ainda de acordo com o autor, na transposição da questão da marginalidade do meio técnico para o nível jornalístico e popular, houve uma superposição dos aspectos destes povoamentos referentes a 1) sua localização periférica e 2) às características das moradias. O grande problema apontado pelo autor é que se foi agregando ao termo, por extensão, a condição social dos habitantes destes núcleos. Assim, “chegaram a converter-se quase em intercambiáveis a ‘marginalidade’ dos povoamentos e das moradias correspondentes e a ‘marginalidade social’ dos grupos e indivíduos que os habitam” (p. 20).

Neste sentido, tornou-se inevitável buscar a ampliação da compreensão do vocábulo, pois, em sua visão, “os problemas característicos dos habitantes das áreas ecológicas ‘marginais’ *não são privativos deles* e podem ser encontrados em outras áreas tanto urbanas como rurais” (p. 20) [itálicos de N. N. O]. Atualmente, o termo é utilizado para denominar “qualquer grupo social com determinados problemas em relação ao restante da sociedade nacional global” (p. 20).

O autor lista, em seguida, variantes do conceito de marginalidade presentes na literatura atual. São elas:

- 1) como *situação ecológica*, tendo sua origem nos estudos da Escola de Chicago;
- 2) como *cidadania limitada*, elaborada com base na teoria de T. H. Marshall. A partir desta perspectiva, os grupos marginais seriam “aqueles que sofrem certos ‘cortes’ em seus direitos de cidadania, como resultado do que não podiam participar do processo de desenvolvimento econômico e aproveitar as oportunidades para mover-se ascendentemente na estratificação social” (p. 21);
- 3) como *participação na “cultura da pobreza”*, provinda da teoria de Oscar Lewis e Michael Harrington;
- 4) como *atraso no desenvolvimento econômico*, que consistiria na “falta de participação de alguns setores da sociedade nos benefícios materiais e culturais que advém do desenvolvimento econômico da sociedade nacional global” (p. 23);
- 5) como *falta de participação no processo de integração da sociedade*, distinguindo-se duas formas de participação possíveis: a) “participação passiva ou receptiva, que consistiria na participação dos indivíduos nos bens, serviços, valores e símbolos da sociedade” e b) “participação ativa, que consistiria na participação na elaboração das decisões que afetam o destino da sociedade nacional em seu conjunto” (p. 24);

- 6) como *situação inconsistentemente estruturada na sociedade*, se referindo ao “caráter ambivalente e conflitivo dos elementos que configuram a situação total de um determinado grupo ou setor populacional numa sociedade nacional” (p. 25) e;
- 7) como *não-pertencimento ao sistema dominante numa sociedade*.⁵⁰

Para situar a perspectiva do próprio autor em relação a este tema, o ponto de partida de suas reflexões reside, de acordo com ele próprio, no entendimento da marginalidade como um fenômeno social que consiste em uma “determinada relação entre um ou mais elementos e o conjunto da sociedade, relação que *define a situação* desses elementos dentro da sociedade global” (p. 28) [itálicos de N. N. O.]. O autor vai apresentar, então, duas formas de abordar esta questão, sendo uma delas a do estruturalismo funcionalista⁵¹ e a outra, a do estruturalismo histórico. Esta última sendo a abordagem mais trabalhada por Quijano em seu texto⁵².

A partir da perspectiva do estruturalismo histórico, então, Quijano (1966) entende que

Se se admite que os elementos não integram entre si e com o conjunto de maneira sistemática, que o consenso universal ou integração funcional entre eles não é o modo fundamental da existência de qualquer estrutura da sociedade, mas que, longe disso, sua interdependência recíproca e com o conjunto se estabelece a partir de condicionamentos históricos, e que normalmente, isso ocorre de maneira conflitiva e descontínua, então não se pode deixar de concluir que a falta de integração de um elemento ou conjunto de elementos no resto da estrutura da sociedade pode ser o resultado da presença de um conflito radical entre o que implica a existência de tal estrutura e a do elemento ou conjunto de elementos desconsiderados. (p. 31)

Assim, o autor entende que a marginalidade pode ser encarada como uma resposta a uma determinada estrutura social vigente, da qual sua ocorrência faz parte, entretanto, com a qual se encontra em conflito.

⁵⁰ Quijano ainda adiciona a esta lista um item relacionado a “outras variantes”, onde menciona formulações de menor rigor, tais como “a identificação da marginalidade com a pobreza, com a falta de emprego e de rendimentos regulares, com o ‘isolamento’ cultural (...), com a situação de dominado (...) e, também na identificação da marginalidade com a condição de ‘minorias’” (Quijano, 1966, p. 26). O autor ainda inclui, nestas “minorias”, grupos de classe econômica alta, que diferem da característica geral da sociedade geral em que se encontram inseridos.

⁵¹ De acordo com Quijano (1966), “do ângulo do estruturalismo funcionalista, posto que toda a sociedade não pode existir se não está funcionalmente integrada, nível a nível e elemento a elemento, inevitavelmente cabe concluir que, se uma determinada sociedade existe com uma determinada estrutura, é porque não é possível que exista de outra maneira, em tudo aquilo que lhe é fundamental. Assim, se se podem encontrar elementos que não estão plenamente integrados nessa estrutura, o problema não reside na natureza desta, mas no próprio elemento. O problema converte-se, imediatamente, num problema de adaptação-inadaptação a uma estrutura vigente da sociedade” (p. 30).

⁵² O autor chama atenção para o fato de que, embora as duas abordagens sejam estruturalistas, suas concepções do modo de existência da sociedade são distintas: enquanto no estruturalismo funcionalista, este modo estaria baseado no consenso e na estabilidade, no estruturalismo histórico, estaria baseado no conflito e na mudança.

Quijano apresenta, então, uma visão da sociedade que dialoga com as reflexões elaboradas no primeiro capítulo da discussão teórica desta dissertação (a partir de uma perspectiva psicossocial), a saber, tomá-la como um “campo de interações”, o qual seria

integrado por diversos setores estruturados de instituições, que estão numa permanente relação recíproca de interdependência, conflitiva e descontínua, constituindo, em seu conjunto, um complexo global. Os indivíduos pertencem a este campo de interações e dele participam. (p. 34)

Neste sentido, avançando no entendimento do sistema social a partir desta perspectiva, o autor (Quijano, 1966) vai afirmar que

Do ponto de vista da integração da sociedade, parece adequado considerar a existência de três grupos de elementos institucionais: os que correspondem à estrutura básica da sociedade, porque definem o caráter fundamental desta; os que correspondem às estruturas secundárias da sociedade e que, sem definir a natureza básica desta, são importantes na medida em que contribuem para dar forma concreta à estrutura básica; e os que correspondem, finalmente, a estruturas cuja existência não deriva das tendências que movem a estrutura básica da sociedade, porém *trazem à luz as limitações dessa estrutura básica em cada momento histórico e, por isso, as incongruências na integração da sociedade. Estes últimos elementos e estruturas podem ser chamados “marginais”*.⁵³ (p. 35-36) [itálicos de N. N. O.]

Um importante aspecto desta estrutura seria a de ser estratificada, expressando-se em um sistema do tipo “dominante-dominado”. Nas palavras do próprio autor “toda sociedade complexa historicamente conhecida se organiza e se integra numa *estrutura hierárquica* de seus elementos. Do ponto de vista dos membros, isso se expressa e opera como um *sistema de dominação social*” (p. 39) [itálicos de N. N. O.]. Neste sentido, cada papel existente em um nível deste sistema existiria e seria desempenhado com referência a outros papéis correspondentes (dentro da hierarquia).⁵⁴

Dessa forma, a marginalidade *não* seria uma falta de integração *da* sociedade (fato enfatizado pelo autor), mas sim, poderia ser descrita como uma forma particular de pertencimento e participação nesta estrutura. Essa forma de integrar o sistema teria um caráter contraditório e inconsistentemente estruturado. Assim, de acordo com Quijano (1966),

⁵³ O processo de “trazer à luz” as limitações da estrutura social, do qual fala Quijano nessa passagem, nos remete ao processo de enlouquecimento tal como descrito por David Cooper (1989), para quem a “loucura” de um membro da família apresentaria um aspecto de denúncia de uma situação familiar previamente doente.

⁵⁴ De acordo com o autor, embora a situação de marginalidade possa coincidir com a situação de dominado, isso ocorre necessariamente.

todo elemento marginal, isolado ou em configuração com outros, existe *na* sociedade e *porque* existe essa sociedade. Forma parte dela. O problema está em que não forma parte dos padrões e tendências que regem suas estruturas dominantes, mas existe em dependência deles. (p. 43)⁵⁵

A discussão realizada até aqui nesta sessão teve o intuito de mostrar as origens da utilização da expressão “marginal”, bem como situá-la no funcionamento da estrutura social, tal como a entendemos – apoiando-nos nas contribuições teóricas já apresentadas. Considerando, então, este panorama teórico a respeito do “gueto” (discutido na sessão anterior) e da marginalidade, resta-nos ainda a reflexão sobre outro tema muito presente nos relatos dos personagens da história contada na primeira parte desta dissertação: o tema da “violência”. Como será possível observar, a “violência” será compreendida, aqui, como decorrência dessas dinâmicas sociais com as quais trabalhamos até o momento.

2.5 Da violência como criminalidade à cultura da violência.

Assim como no bairro de Dona Maria e de sua família, a “violência” é um termo que está sendo amplamente utilizado pela população em geral, bem como pela mídia e pelo governo, nos dias de hoje. Entretanto, para cada um que o emprega, é possível encontrar um significado diferente. Associam-se a ela geralmente, a criminalidade, assaltos, assassinatos, marginais, bandidos, drogas, os “nóias” (termo relativamente recente para se referir a um grupo de drogados crônicos, em seus momentos de crise aguda disparada pelo uso do *crack*), etc. A mídia, em seu turno, elege locais e grupos para atribuir a eles a violência responsável pelas piores mazelas das cidades. E o governo, por sua vez, se utiliza destes grupos e locais, e da mídia, para justificar ações de repressão e o aumento de vigilância – refletido no clamor público por mais “segurança” (e atribuído a um maior policiamento)⁵⁶.

⁵⁵ Ressaltamos, como uma importante observação do autor (Quijano, 1966) que “o conflito inserido na natureza mesma da sociedade revela-se em toda a sua magnitude, ao mostrar, como dominantes, níveis e padrões sociais e culturais dos quais o grosso da população não participa” (p. 50).

⁵⁶ Ressaltamos, recuperando afirmações de Quijano – em outro texto, originalmente publicado em 1971, também incluído no livro de Luiz Pereira (Pereira, 1978) –, a relação entre a *mass media* e os grupos dominantes, caracterizados enquanto “definidores da situação” (tal como trabalhado por Goffman), dado que estes grupos mantêm o monopólio dos meios de comunicação que atingem amplamente a sociedade e difundem, dessa maneira, os seus propósitos e ideologias. O autor (Quijano, 1971) afirma, a respeito das mensagens transmitidas, que “sua produção é controlada pelos grupos dominantes da sociedade e serve, portanto, aos seus interesses” (p. 187). Não podemos deixar de observar a grande evolução e, portanto, influência, desses meios de comunicação nos tempos atuais de uso da internet. Embora exista a crença de que o meio “online” tenha características mais democráticas, o grosso da informação que circula ainda é fortemente manipulado por esses grupos dominantes.

Observando essa multiplicidade de aspectos referentes ao termo violência, Sawaia (2004) afirma, em livro organizado por Lídio de Souza e Zeide Araujo Trindade, intitulado “Violência e exclusão: convivendo com paradoxos” (Souza & Trindade, 2004), que

A violência social tem múltiplas e variadas faces, uma delas (...) é a do medo da violência e a manipulação político-ideológica deste sentimento, que o constitui, junto com o discurso da segurança pública, em um dos vetores atuais de sustentação do rearranjo das forças conservadoras e autoritárias, em escala mundial e nacional. Esse vetor captura o sofrimento para convertê-lo em apoio a líderes ou movimentos (guerra e fundamentalismos) que catalisam a esperança de paz e de segurança, paradoxalmente, pelo incentivo à violência física ou moral contra os eleitos como inimigos da democracia e do povo. E o que é mais fascinante, pela restrição da própria liberdade. (p. 21)

Para a Sawaia (2004), o tema da violência serviria a interesses da classe dominante da sociedade, sendo “tema-pivô da retórica política, isto é, aquele que concentra o conteúdo doutrinal de um discurso (Maingueneau, 1989: 154), no caso, *legitimador da dominação e da servidão*” (p. 22) [itálicos de N. N. O.]. Neste sentido, Lídio de Souza, em texto que também integra o livro mencionado anteriormente (Souza & Trindade, 2004), dá continuidade a esta reflexão. O autor relaciona violência, categorização identitária e exclusão social, também entendendo a violência como resultado de interações sociais pautadas pela dominação e subjugação. De acordo com Souza (2004),

Estamos falando sim de uma violência de segunda ordem, daquela que se realiza no plano das relações sociais. Plano em que a violência, na forma de ações humanas ou de objetos humanizados, se dirige contra outros homens, não contra seu corpo apenas, mas contra o seu existir social. Plano onde uns são submetidos a um processo de assujeitamento e coisificação por parte de outros, onde uns têm as oportunidades de realização restringidas por outros, onde uns são exterminados por outros. É esse plano que torna possível pensarmos a violência como expressão de intolerância e de exclusão política e social, como um mecanismo para a manutenção de privilégios sociais. (p. 58)⁵⁷

Dessa forma, amplia-se o conceito de violência para além de uma ação física contra um corpo, incluindo aí também um aspecto de ataque contra a sua existência como ser social. É dessa maneira que entendemos a violência, concordando com os atores acima citados, ou seja, que ela emerge de um panorama social imbuído de relações de intolerância contra outros atores sociais, ou, pelo menos, contra aquilo que eles possam simbolizar dentro do sistema de dominação (estratificação de identidades).

⁵⁷ Cabe ressaltar o conceito de violência Michaud (1989, p. 11, citado por Souza, 2004) como uma importante contribuição para a definição da violência: “Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais” (p. 59).

Entretanto, o sentido de violência que circula através do senso comum e da mídia ainda é centrado em seu caráter “físico”, material, como em assaltos, assassinatos – ou seja, na sua face chamada de “criminalidade”. Souza (2004) recupera reflexões de Marilena Chauí para afirmar que esta maneira de tratar o tema serve a ideologias que tomam a violência por “desvio de normas”, atribuindo a ela um caráter de exceção⁵⁸. Neste sentido,

Ao retirar a violência da situação de excepcionalidade e inseri-la nas relações cotidianas, Chauí enfatiza que as normas, concebidas como reguladoras naturais do funcionamento dos grupos, da sociedade ou da cultura, portanto normas disciplinares, são portadoras de violência na medida em que são criadas no âmago de conflitos de interesses, e portanto, de poder, e visam a domesticação do outro. (p. 60)

Enfatizando este entendimento, Souza o relaciona com uma “*violência fundadora*”, baseando-se em Marcondes Filho (2001), a qual se expressaria “nas múltiplas formas de exclusão decorrentes principalmente da *hierarquia e cultura herdadas de uma sociedade escravocata*” (Marcondes Filho, 2001, citado por Souza, 2004, p. 60) [itálicos de N. N. O.]. A violência estaria, então, na própria estrutura da sociedade – organizada historicamente de forma hierárquica e impondo um sistema de dominação. Sua manifestação em termos “físicos”, tal como na criminalidade, no assalto, no assassinato e outros delitos similares, não resultaria de elementos que se encontram à parte do sistema social (excluídos, como se poderia pensar), mas sim, internos a sua estrutura. Ela consiste, dessa forma, em sintoma de um problema intrínseco à estrutura social, esta violenta em sua própria constituição. Para Souza (2004), então, “a violência física e a criminalidade comum são respostas a violências anteriores” (p. 60).

Souza avança em sua reflexão, ressaltando agora a relação entre violência e exclusão social. O autor entende a exclusão social como um sequestro da possibilidade de exercício da cidadania dos sujeitos. Sendo assim, estaria ligada à privação, à limitação das possibilidades de participação do sujeito na vida social em seus diversos âmbitos. Souza (2004) se remete agora à Sawaia (2001), para se referir ao processo que ela chama de “inclusão perversa”, e que substituiria a noção de exclusão social. Para a autora,

a sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos incluídos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através

⁵⁸ Para maior aprofundamento da questão de “desvio de normas” dentro da sociedade, conferir as obras de Howard Becker, “*Outsiders*” (BECKER, 1963), e de Gilberto Velho, “*Desvio e divergência*” (VELHO, G., 1974).

da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico. (Sawaia, 2001, p. 8, citado por Souza, 2004, p. 62)⁵⁹

Podemos observar, então, que a violência é intrínseca ao funcionamento social, uma vez que este funcionamento apresenta uma tendência a manter a sua ordem hierárquica, utilizando-se por muitas vezes de métodos violentos. Assim, surge uma cultura da violência, incorporada em todos os níveis de sua estrutura, sendo a criminalidade comum apenas uma de suas manifestações, em geral, uma resposta a esta violência anterior.

Em relação à referida “cultura da violência”, Marcondes Filho (2001), citado por Souza (2004), afirma que ela se caracteriza por um “agir indiferente”, o qual “parece nos distanciar de modos de convivência característicos da democracia, onde conflitos de interesses são solucionados através da argumentação e da negociação, e nos aproximar cada vez mais das soluções do tipo ‘ferro e fogo’” (p. 69). Assim, para Souza,

No jogo entre interesses sociais as diferenças, desde as naturais, se metamorfoseiam em intolerâncias e funcionam então como matéria-prima para a elaboração de *categorias simplificadoras, permeadas por estereótipos e preconceitos* (Jodelet, 2001), que *originam e justificam a violência*. (p. 69) [itálicos de N. N. O.]

Assim, retornamos ao princípio da discussão teórica construída até aqui neste trabalho, ou seja, as interações sociais, constituídas pelas relações cotidianas entre atores sociais e suas identidades e categorizações. Conforme já demonstrado através da articulação das contribuições teóricas apresentadas até o momento, tais interações se dão enquanto integradas em uma estrutura social, a qual constitui e ao mesmo tempo é constituída por esses mesmos atores sociais. Neste sentido, lançamos um questionamento: em que medida é possível uma metamorfose social (tal como postulada por Ciampa no âmbito das identidades sociais)?

⁵⁹ Trazendo esta reflexão para o panorama brasileiro atual, a *inclusão perversa*, neste sentido, poderia ser comparada, por exemplo, à situação das classes emergentes que surgiram a partir do governo de Luís Inácio “Lula” da Silva. Referimo-nos aqui a alguns estratos da sociedade brasileira – incluindo aqueles que se encontravam abaixo da linha de pobreza – que, através de políticas públicas tais como os programas “Bolsa Família” e “Bolsa Escola”, bem como o programa “Minha Casa Minha Vida”, adquiriram um aumento em seu poder de consumo, não correspondendo, entretanto, um aumento em seu poder simbólico nas relações sociais (ou seja, não foi modificada sua posição na estrutura de dominação, no âmago do imaginário social). Por esse motivo, poderíamos afirmar que, embora tenham sido “*incluídos*” numa cultura de consumo até então reservada apenas para as classes mais abastadas, estes estratos (chamados por alguns de “a nova classe C”) continuam sendo *excluídos simbolicamente* nas relações sociais cotidianas. A eles ainda são imputadas as mesmas características, estereótipos e violências morais sofridos previamente.

3 DA METAMORFOSE IDENTITÁRIA À METAMORFOSE SOCIAL

Por alguns minutos, Alice ficou ali parada, sem dizer uma só palavra, olhando em todas as direções daquele país – que era mesmo um país muito curioso. Havia uma porção de minúsculos regatos que corriam em linhas perfeitamente retas, de um lado para o outro, e que cortavam o terreno transversalmente, em porções regulares. Estas, por sua vez, eram divididas por um grande número de pequenas sebes verdes, que iam de um regato até o outro e formavam pequenos quadrados como se fossem uma toalha de restaurante.

– Mas esse campo está dividido perfeitamente, tal qual um grande tabuleiro de xadrez! – afirmou Alice, finalmente. Só que deveria haver algumas peças a se movimentar sobre os quadrados. Mas olhe só, existem mesmo algumas! (...)

– Mas é um grande jogo, um imenso jogo de xadrez que está sendo jogado – cobrindo o mundo inteiro.

[Alice no país do espelho,
Lewis Carroll, 1971, p. 46]

A partir das reflexões desenvolvidas até aqui, podemos afirmar que a possibilidade do sujeito de representar diversos papéis, de alterná-los, de abandoná-los, ou de criar novos pode ser encarada como condição para uma identidade se concretizar como metamorfose, como postulou Ciampa – como o resultado do “dar-se”, opondo-se ao “dado”, algo fixo. O termo “concretizar” se torna até contraditório, neste sentido, pois, para Ciampa, o homem é “devir-homem”, nunca acabado, nunca concretizado. Sempre a se constituir através da interação humana, num contínuo e múltiplo “estar-sendo” / “deixar-de-ser” / “estar sendo” – na multiplicidade de papéis e personagens e na unicidade da identidade.

Podemos considerar, também, que o processo de estigmatização da identidade pode vir a se constituir em impedimento para o processo de metamorfose, ao cristalizar as expectativas e os julgamentos em relação a determinado ator social, tomando alguma de suas partes (papéis) pelo todo de sua existência, e, assim, interferindo na imagem que o próprio ator tenha de si mesmo. Isto ocorre também quando pensamos nos atores sociais enquanto representantes da estrutura social – hierárquica e fundada em um sistema de dominação, tal como a definimos no capítulo anterior –, ou seja, enquanto representantes de papéis de sujeitos dominantes ou dominados.

Dessa forma, retoma-se o trabalho de Tassara e Ardans (2007), e suas considerações que afirmam que o respeito e a defesa da diversidade humana é um dos grandes desafios da Psicologia Social contemporânea. De acordo com estes autores,

a partir da aceitação do caráter híbrido da interação humana, desenha-se um dos grandes desafios da psicologia social, qual seja, precisamente, o da defesa da diversidade humana como pré-requisito ético da compreensão científica do humano. Este compromisso, cujas raízes podem ser encontradas já nos primórdios do pensamento clássico grego, emerge como um axioma necessário no estudo ético da sociedade contemporânea. (p. 5)

Assim, queremos ressaltar a dimensão ética da questão aqui trabalhada. Torna-se necessário defender a possibilidade de metamorfose, da multiplicidade de papéis, e, acima de tudo, o respeito pelas identidades de todos os atores sociais. Neste sentido, Ciampa (1987) afirma que

o homem é um ator – e não uma marionete –, ator que, já vimos, é participante ativo e solidário de uma produção coletivamente realizada. Todos somos co-criadores. Nessa criação, já vimos também, construímos nossas personagens – personagens que vão se construindo umas às outras, ao mesmo tempo que vão construindo um universo de significados que nos constitui. (p. 211-212)

Ciampa traz para a reflexão, então, as postulações de Jürgen Habermas (1983), cujo conceito de *coerção* nos serve para descrever um movimento de desrespeito à diversidade humana. Habermas nos fala sobre um agir comunicativo através de interações sociais “intersubjetivamente válidas”, ou seja, de caráter democrático e, portanto, estabelecidas em bases livres de dominação.⁶⁰ A esse respeito, Ciampa (1987) afirma que

Ora, sendo o incremento da racionalidade no agir comunicativo dependente do desenvolvimento de normas intersubjetivamente válidas (nisso estando incluída a questão da identidade), a progressiva concretização de uma identidade humana será sempre, antes de mais nada, uma questão política: Nas condições dadas, o que merece ser vivido? Que possibilidades reais (e não meramente formais) devem ser favorecidas? Que condições necessárias devem ser produzidas? Que desejos desejar? Que trabalhos trabalhar? Que trabalhos desejar? Que desejos trabalhar? (p. 216)

Recuperando agora a metáfora do jogo de xadrez presente na história de Alice, notamos que também Habermas se utiliza deste artifício, para falar sobre o agir estratégico. Afirma Habermas (1983, p. 33 citado por Ciampa, 1987) que “quem, jogando xadrez, repete movimentos absurdos, desqualifica-se como enxadrista; e quem segue regras diversas das que constituem o jogo de xadrez, não está jogando xadrez” (p. 213). Assim, dentro das regras do jogo social, devemos buscar uma forma de *interação e de integração social* que respeite cada “peça do jogo”, respeitando também as possibilidades de mudança de lugar e de *status* dessas peças (ou seja, os atores sociais). No entanto, antes disso, é necessário que se reconheçam as regras do jogo, para que seja possível criar as estratégias de movimentação dentro dele.

⁶⁰ Cf. Ardans (2009).

Nos termos da metáfora dramatúrgica, podemos dizer que os personagens buscam ser *autores e protagonistas de suas próprias histórias*. Entretanto, de acordo com Tassara (2009), os fenômenos atuais relacionados à globalização contribuiriam para o impedimento destes processos, dado que “produzem reverberações no âmbito psicossocial, pois marcam as identidades individuais como colonizadas e subjugadas e impedem o surgimento de alternativas culturais e identitárias” (p. 6). Dessa forma,

Enfrentar esta globalização, cuja instauração promoveu a crise ambiental contemporânea, exige intervenções em vários níveis, inclusive psicossocial. Tal intervenção deveria, por princípio, combater os aspectos psicossociais que se vinculam à não-participação individual, entre eles a negação ou a negatividade – um impedimento afetivo de enfrentar as consequências cognitivas da subjugação – e a positividade – a incapacidade de conceber formas alternativas de realidade – através de práticas que estimulem a participação desde o início, ou seja, desde o planejamento da intervenção. Seu objetivo deve ser a promoção da democracia, entendida como o direito à constituição de alternativas identitárias, ou o direito de ser o que se é, sendo. Este tipo de intervenção pode ser chamado apropriadamente de intervenção psicossocial emancipatória, e deve se voltar para o desenvolvimento nos indivíduos da capacidade de suportar o confronto com a alteridade, para a capacidade dialógica com esta alteridade e para a capacidade participativa. (p. 5)

Neste sentido, a grande tarefa que resultaria das reflexões aqui apresentadas é a de possibilitar e criar as condições necessárias para que toda e qualquer pessoa / ator social possa usufruir o direito da própria metamorfose, concedendo à estrutura social um caráter mais flexível e menos subjugador, e para que seja incluída, dessa forma, e de maneira menos perversa, a totalidade dos atores que a constituem.

E a metamorfose, seja no âmbito individual ou coletivo (em termos de sociedade), pode ser encarada como a contraposição à violência da subjugação e estratificação identitária, como podemos ver nas obras de Villacañas (1998) e de Ardans (2001). Este último afirma, inspirado em Elias Canetti, que

Se algo faz sentido, não há por que mudar. E toda ordem social faz, para ela, sentido. Os autores [Berger e Luckman (1966)] relacionam diretamente o enfrentamento das situações marginais com a não-transformação social pela via da manutenção do universo simbólico da sociedade e com a socialização humana, pela via da manutenção da identidade estabelecida. Em ambos os casos trata-se da conservação da realidade que deve acontecer para o indivíduo e para a coletividade. “É no poder sobre a vida e a morte”, afirmam os autores, que a sociedade “manifesta seu supremo controle sobre o indivíduo” (idem, *ibid.* p. 238). São esse poder de dar sentido e esse controle da experiência, ou dito de outra forma, a pressão para que qualquer experiência humana seja inserida num sentido pré-estabelecido pela sociedade, é o que está em jogo por ocasião da presença obsecante das metamorfoses que lembra, ao mesmo tempo, que “a existência social depende da subjugação contínua da resistência, biologicamente fundada, do indivíduo” (idem, *ibid.* p. 239) Se é verdade que “a animalidade do homem transforma-se em socialização, mas não é abolida” (idem, *ibid.* p. 236), a grande bandeira que a ordem social empunha é que o controle da metamorfose equivale ao controle da animalidade do homem. Se isto não acontece (e estas são as bandeiras que todo detentor do poder sempre empunha) fala-se de caos, de baderna, de desordem. (p. 67-68)

Dessa forma, a metamorfose se constituiria em característica do propriamente humano, tal como mostrado no trecho a seguir,

O propriamente humano, no entender de Canetti, só foi atingido pela metamorfose. É também pela metamorfose que os seres humanos poderão continuar a se humanizar, nesse infindável exercício de fuga do poder e da dominação, que não se deixam enfrentar, e que cercam o humano por toda parte obrigando, no mesmo movimento, a tomar consciência do medo. (p. 19)

E de que maneira podemos abrir caminho para uma metamorfose que extrapole a interação humana “*face-a-face*” e ocorra também no âmago do funcionamento mesmo da estrutura social? Diríamos que uma possibilidade são os projetos sociais, os quais podem vir a influir em políticas públicas – essas sim, imbuídas de um poder de transformação social em níveis estruturais de maior dimensão.⁶¹ De acordo com Tassara (2002), em texto a respeito da avaliação de projetos sociais, também incluso no livro de Souza e Trindade (2004),

falar em projeto social sugere, isto sim, uma mudança de aspectos da realidade social, uma mudança social, uma transformação social. Assim caracterizado, um projeto social seria um instrumento ou um meio para a transformação social, ou melhor seria, por hipótese, uma condição desta transformação. (p. 76)

Entretanto, ainda que se configure como uma condição para a transformação, esta última não será viável sem que haja, ao mesmo tempo, o reconhecimento do caráter construído do desenvolvimento histórico (Tassara, 2002). Assim, em consonância com o que viemos discutindo até aqui neste trabalho, a autora afirma que

a primeira condição para que se possa planejar e desenvolver um projeto de natureza social – que tenha a ver com a transformação das pessoas, com a produção de um impacto que transforme a sociedade – é considerar que o desenvolvimento histórico não se dá espontaneamente, que o desenvolvimento histórico é resultante de uma luta estratégica entre grupos, interesses e visões diferentes. (p. 76)

Neste sentido, admite-se o papel do próprio Estado de reconhecer e administrar as relações (por vezes conflituosas) entre tais grupos, por meio de políticas públicas que objetivem o aumento da representatividade de cada um deles, no sentido de atender às suas necessidades. Ressalta-se aqui que as relações entre tais grupos se dão no âmbito do socioambiente que ocupam, este entendido conforme a definição de Milton Santos, ou seja, como “organização humana no espaço total” (Santos, M. citado por Ab’saber, 2001). Assim, de acordo com Tassara (2002),

⁶¹ Cf. Tassara, Ardans e Oliveira (2013).

O Estado deve representar a sociedade, sendo que, quanto mais democrático é o Estado, maior é o grau de representatividade da sociedade por este Estado. Porém, por hipótese, este Estado não representa a sociedade de maneira a satisfazer todas as aspirações, todas as expectativas, todas as possibilidades de organização humana no espaço total. Sob tal perspectiva, um projeto social busca influenciar o teor de representatividade do Estado na produção da organização humana no espaço. E isto é um poder. (p. 77)

Como é possível perceber, retornamos ao tema do poder, intrínseco a uma sociedade organizada hierarquicamente, fato que, como já discutido anteriormente, permeia as relações sociais tornando-as subjugadoras. Tassara nos fala, então, da questão da representatividade de grupos que podem ser divididos entre *minoría* e *maioría*, e sobre de que forma os projetos sociais podem atuar na dinâmica da relação entre estes grupos.

Um grande número de projetos sociais que estão sendo propostos e realizados visam contribuir para a representação de interesses das chamadas minorias. Minoría define-se em função de uma maioria que, de uma maneira geral, representa e é representada pelo *status quo*. Portanto, é natural que as políticas públicas do Estado correspondam às expectativas do *status quo*, mas não necessariamente dos setores chamados minoritários. Porém esses setores minoritários diferem dos outros por não serem atendidos pelas políticas públicas, de maneira a conduzir a um desenvolvimento social e material igualitário dos territórios e, portanto, um desenvolvimento igualitário das pessoas dentro de seus territórios. (p. 77)

Levando isso em consideração, a autora traz para a discussão a questão da participação política de atores sociais como uma forma de movimentação estratégica dentro desta dinâmica social. Seria, então, através da participação política, consciente da dinâmica na qual está inserida e a qual terá de enfrentar, que se torna possível abrir “brechas” no poder, abrindo caminho, assim, para a transformação social. Conforme a autora,

isso transforma a participação não apenas em um instrumento de planejamento, mas em um instrumento de conhecimento da desejabilidade das aspirações: que mundo queremos construir ou tornar realidade? Esta é, enfim, uma condição para a participação protagonista dos indivíduos como sujeitos históricos, como sujeitos políticos. E é, nesse momento, quando o indivíduo se torna um sujeito político, um protagonista político, que ele vai poder expressar o seu poder. Muitas vezes, esse poder é quase nada, pode ser inclusive apenas uma tomada de consciência de sua condição de excluído ou apenas a constatação de que ele não tem poder algum. Às vezes, essa consciência é árdua, e é a partir dela que o sujeito passa a ser um protagonista político. (p. 85-86)

Embora soe contraditório, tal é a constatação: em determinados casos, é necessária a tomada de consciência de que não se tem poder, para que se abra o caminho para lutar por ele. Este seria o primeiro passo para que um sujeito se torne não somente protagonista de sua própria história, mas um protagonista político com potencial transformador do meio social no qual esteja inserido. Ainda conforme Tassara,

nesse ponto reside uma mudança profunda, revolucionária até, mas que não significa necessariamente uma luta com armas. O que isso pode significar, de fato, é uma mudança no sentido de colocar essa exigência de eficácia social e política no seu plano máximo, que é a transformação de cada sujeito em

protagonista histórico. Ou seja, significa a criação de um sujeito capaz de entender as possibilidades de transformação que o mundo oferece, capaz de entender o poder que ele tem de atuar nessas transformações, e capaz de se engajar numa busca coletiva de mudança de desejabilidade da vida social. (p. 89)

Neste sentido, queremos enfatizar a necessidade de reconhecer os aspectos negativos da situação social a qual se pretende transformar, compreendê-los em seu âmago e, então, buscar as condições necessárias para a mudança desejada. Concordamos, assim, com o que emana dos escritos de Gramsci, ou seja, que o exercício da razão se dá sobre o que não é desejável, tendo, portanto, o compromisso com o distópico. A análise do distópico sustenta, então, a ação, por sua vez de forma otimista, dado que é garantida pela razão, que mostra o que deve ser mudado. A realidade social, não sendo a ideal e estando, às vezes, longe disto, mesmo se tendo pouco poder para modificá-la, ao reconhecermos tal fato, damos o primeiro passo para as condições necessárias para a sua transformação, no sentido de tornar possível real a metamorfose humana e social.

4 O MUNDO DO ESTIGMA À LUZ DA PSICOLOGIA SOCIAL

A esta altura, o leitor já deverá ter feito por si próprio algumas ligações entre a história contada na primeira parte desta dissertação e as teorias discutidas nos capítulos posteriores. Buscamos, com tais reflexões teóricas, lançar luz sobre questões como identidade, estigma, o “gueto”, a marginalidade e a violência, temas que, em nossa visão, emergiram do panorama desenhado pelos relatos de nossos personagens. Agora, podemos avançar na compreensão dos processos e dinâmicas sociais existentes e atuantes naquele território (o cenário de nossos personagens).

Dessa forma, o que mais se evidenciou no resultado deste processo, em nossa opinião, é uma constatação, apontada por todos os nossos personagens, que poderia ser resumida em *“o nosso bairro é mal-visto como um lugar onde só existe violência e bandidos, mas isso não é inteiramente verdadeiro, pois aqui também existem coisas boas”*. A partir desta constatação, pudemos observar vários desdobramentos para cada personagem, cada qual em sua busca pelo protagonismo de sua própria história.

4.1 O bairro

Consideremos, por um momento, que o bairro onde moram nossos personagens também se tornou um personagem da história, ainda que não lhe seja possível ter um lugar de “fala”, propriamente dita. Dessa forma, poderíamos afirmar que o estigma, como nos foi apresentado nas narrativas, é um estigma *deste bairro* como lugar, o qual se estende aos seus habitantes. Assim, levando em consideração as reflexões teóricas desenvolvidas até aqui, o estigma desse bairro se daria a partir do momento em que se toma a parcialidade de sua característica vinculada à violência por sua totalidade como território. E o reflexo deste espelho – imposto ao lugar – também é imposto aos seus habitantes.

O que podemos dizer de seus papéis, levando em consideração as reflexões feitas sobre identidade e estigma, é que o restante da cidade, a mídia e grande parte de seus próprios moradores o tomam apenas pelo papel *“lugar de violência”*. E como *“lugar de violência”*, alguns de seus representantes são o *funk*, o rap / *hip hop*, o uso livre da praça (o “fluxo”, e os grupos de pessoas envolvidas com essas atividades. Apesar disso, os outros personagens tentam nos dizer e nos mostrar constantemente os outros papéis deste território. Em suas falas, o bairro também é “lugar de encontro”, “lugar de ‘fluxo de gente’”, “lugar de serviços

variados”, “lugar de lazer” (ainda que só para alguns), “lugar bom de se viver / bom de se morar”. Assim, esclarece-se a ambivalência tantas vezes sentida nas falas dos sujeitos: aquele território tem outros papéis, outras funções, mas é avaliado apenas pela violência que nele se encontra instalada.

Os outros personagens tentam também nos mostrar que a violência atribuída a esse lugar não é sua prerrogativa. A violência “também está na cidade”, “também está no mundo”. E “também está em outras coisas que não no assalto, no assassinato”. Em suas palavras, resumidamente, “também está na privação de direitos”. Em consonância com suas falas, trouxemos reflexões sobre a marginalidade e a violência, que vão ao encontro de suas percepções, ao nos mostrarem que a estrutura social é constituída historicamente de forma hierárquica e subjugadora, produzindo em seu próprio funcionamento interno elementos “marginais” (Quijano, 1966). Ou seja, sujeitos e grupos que participam da sociedade de maneiras “inconsistentes”, sendo uma das formas possíveis a privação de direitos (apontadas mais explicitamente por Laura e Daniel, por exemplo). Tal estrutura – violenta em si mesma – geraria dessa forma, sujeitos e grupos que reagem a ela – também de forma violenta. Assim, podemos identificar as ocorrências da violência enquanto “criminalidade” (o assalto, o assassinato) e enquanto retirada de direitos, ambas frutos do mesmo processo e inter-relacionadas – e, por isso, misturadas no discurso de nossos personagens.

É possível refletir, ainda, sobre a delimitação geográfica do território referente a este bairro (afastado do resto da cidade e apenas com uma entrada / saída), a relativa independência em relação à cidade (no que diz respeito aos seus serviços), e o isolamento simbólico gerado pela estigmatização dos moradores deste “lugar violento”, a qual se mostra refletida no modo como se gerencia a questão da violência neste lugar. Foram estas características que nos levaram a trazer para a discussão a questão do “gueto” judeu em Chicago, estudado por Louis Wirth (1928). Conforme visto anteriormente, o “gueto” de Wirth apresentava as características de isolamento físico e simbólico, que teria uma função dentro do processo de assimilação ou americanização (integração dos grupos étnicos e culturais recém chegados aos Estados Unidos).

A partir das reflexões de Wacquant (2008), aprofundamos este tema, discutindo que tal isolamento partiu, em um primeiro momento, de seus próprios habitantes e, em um segundo momento, daqueles que estavam do lado de fora de seus muros, gerando assim o efeito estigmatizador das identidades de seus moradores. Trouxemos também a questão a exploração político-econômica de grupos com essas características, o que também podemos

observar no bairro estudado (por exemplo, nos acontecimentos narrados por Alexandre em relação ao panorama político do bairro).

Entretanto, o isolamento encontrado no bairro de nossos personagens não corresponde inteiramente ao que ocorria no “gueto” tal como Wirth o descreveu. A população residente neste bairro não corresponde, à primeira vista, a nenhum grupo étnico ou cultural que encontre resistência da população em geral para se adaptar ao seu funcionamento. Podemos afirmar que corresponde a um estrato da sociedade com recursos financeiros limitados, mas não poderia, a rigor, ser classificada como uma população de favela (lugar em geral periférico e pobre), especialmente pela sua organização espacial, tipos de construções residenciais e comerciais e pela variedade de serviços disponíveis no bairro – apontados tantas vezes nos relatos. Nesse caso, já seria um grupo integrado e participante da sociedade, embora de maneira inconsistente (no sentido apontado por Quijano, 1966), por ser composto por pessoas cujas inserções sociais recebem diferentes atribuições simbólicas de valor e status.

Além disso, embora haja apenas uma entrada / saída neste bairro, e que ocorra aí um policiamento esporádico (ou “só por formalidade”, como nos disse Gabriela) com o intuito de coibir a violência, há também grupos de pessoas (inclusive de maior poder aquisitivo) que frequentam o bairro assiduamente justamente devido aos seus atrativos (para tais pessoas,). Esses atrativos seriam o uso das praças no fim de semana, onde os jovens buscam diversão. Assim, ao mesmo tempo em que há uma parcela da população da cidade que evita o contato com os moradores desse lugar ou a passagem por esse lugar por medo do que possa acontecer (como ocorria no “gueto” de Wirth e no de Wacquant), outra parcela o procura e o frequenta em busca de algo que esse lugar tem para oferecer, que é melhor que em outros. Ou seja, o isolamento não é total, e sim, parcial.

Em relação à exploração político-econômica deste bairro, podemos observá-la nas afirmações de Alexandre a respeito dos vereadores da região do bairro, que buscam apoio da comunidade para se eleger (apoando-se em suas carências), mas depois não atuam em prol dos interesses da população. Segundo Alexandre, as atividades realizadas por essas pessoas apenas visariam algum tipo de lucro e não o auxílio à comunidade em suas reais necessidades. Outra questão é a da emancipação do bairro que, não muito bem esclarecida, parece ter sido uma tentativa de autonomia oficial em relação à administração da cidade, mas que foi barrada devido à presença de indústrias no território, o que geraria impostos que a cidade não tinha interesse em perder. Assim, o bairro foi transformado em distrito, acoplando vários bairros menores localizados nas proximidades.

Outro tema recorrente em relação ao bairro é o *funk*. O *funk* é associado, nos relatos de nossos personagens, à juventude e à violência. Embora o *funk* tenha sido o estilo musical mais mencionado, no relato de Alexandre podemos ver que isso também ocorre com o estilo musical do rap / *hip hop*. Isso se evidenciou no momento em que Alexandre afirma que as autoridades denominam o conteúdo desse tipo de música de “apologia ao crime” e nas diversas tentativas da prefeitura e da polícia de impedir os shows de rap organizados pelo grupo de amigos de Alexandre. Vemos, então, que a diversão dos jovens, como uso que fazem da praça, com a sua reunião de carros com som alto (*funk*) e os shows, são vistos por uma parcela dos moradores do bairro (e até pela mãe, irmã e sobrinha de Alexandre) e pelo restante da cidade como “bagunça”, como algo ruim e que está relacionado com aquilo que é identificado como violência. Lembramos, no entanto, que existe uma parcela do restante da cidade que frequenta o bairro exatamente por esse tipo de atividade.

Alexandre nos fala de uma perspectiva interna a esse mundo, em especial o do rap / *hip hop*, mas também do *funk*, pois ele transita entre as atividades do bairro direcionadas aos jovens. Os jovens, por sua vez, foram muitas vezes mencionados em todos os relatos, como aqueles que mais necessitariam de atenção, por estarem mais expostos a esse cenário que alguns julgam como “perigoso”. Alexandre nos fala “de dentro” deste cenário, então, e podemos ver de forma clara o contexto de onde surgem as letras do *funk* (em especial o “*funk* ostentação”) e do rap / *hip hop*, ou seja, o contexto de bairros como o dele, com a dinâmica social que ali está presente e que viemos discutindo até aqui. A realidade exposta nas músicas é aquela sobre as privações e as dificuldades vividas nesses lugares, e o que é feito por esses grupos para superá-las.

E, como pudemos ver, essa era também a opinião de todos os nossos personagens, ou seja, a de que, quando uma criança cresce em uma situação onde tem poucos recursos e poucas atividades disponíveis para se ocupar e dar a ela um objetivo na vida, terá maiores chances de “se perder”, ou seja, ir para um mau caminho, como o das drogas por exemplo (nas palavras de Alexandre, ser uma pessoa “sem futuro”). Ressaltamos que não se trata aqui de determinismos. O que emerge de suas falas são constatações baseadas em suas próprias observações (no caso de Dona Maria, por exemplo, ao longo de 50 anos de vida nesse lugar) do que ocorre com a maioria das crianças e jovens expostos a uma realidade como aquela de seu bairro e, também, do caso específico ocorrido no seio dessa família.

Dona Maria nos conta sobre a experiência de seu próprio filho, Alexandre, e explicita o seu anseio de que essa situação não ocorra com outras famílias, e o seu desejo de que algo seja feito pelos jovens do bairro, para que o seu futuro seja diferente (aposta que também faz

em seus netos). Este também parece ser o desejo de Alexandre, que em seu próprio relato, conta ter se envolvido com as drogas quando era mais novo e que, devido a essa “participação”, acabou se envolvendo em uma situação de risco que o levou a ficar paraplégico.⁶²

Sobre o incômodo gerado pelas letras de músicas como o *funk*, o rap e o *hip hop* (sendo estas duas últimas originadas, de acordo com Alexandre, no intuito de uma “liberdade da periferia”) uma interessante contribuição é encontrada em um texto escrito por um rapper brasileiro, chamado Emicida. O cantor fala sobre esse tema, refletindo sobre as origens e inspirações para tais composições. Seguem dois trechos do texto do cantor para a revista Piauí.

No auge dos conflitos raciais na América do Norte um preto cantar I feel good ("Eu tô bem") é subversão demais, porque sim, nossa felicidade ofende, infelizmente. As pessoas se acostumaram a ver os pretos cabisbaixos, sempre tristes nos cantos do mundão. Ao esbarrar com o contrário disso, criminalizam nosso sorriso em vez de desprezar aquilo que gera nossas lágrimas. James Brown foi na contramão. Isso é funk. O funk carioca foi na contramão, e isso também é James Brown.

(...)

Rap e funk são irmãos, crias de Afrika Bambataa, frutos da mesma árvore, vítimas das mesmas perseguições (principalmente em terras brasileiras). Com todas as variações que possuem, toda sua diversidade, possuem a alma do I feel good do nosso tempo. Embora seja alvo de muitas críticas recentemente, o funk ostentação é também um fruto orgulhoso desta mesma árvore, pois em uma era consumista como a nossa o "ter" virou "ser", e isso não é culpa da favela. Logo, quando jogam o cordão pra fora e dizem que tão "de nave no rasante", meus irmãos do funk estão falando "eu tô bem" como James Brown. Repito: subversão nem sempre é entendida instantaneamente. Vou além para dizer que no funk ostentação também leio que a luta por liberdade vem nesse canto. E quem transformou dinheiro em sinônimo de liberdade não foi a favela. (Emicida, 2013, Revista Piauí)⁶³

Podemos ver, nessas afirmações, as raízes do desconforto gerado por esses estilos musicais e o que eles representam: a reação a uma sociedade que hierarquiza e subjuga identidades, e deseja “mantê-las em seu lugar”, sem que denunciem os seus defeitos e equívocos.⁶⁴ Assim, o “ter”, que consiste em uma inclusão material, objetiva (enaltecida

⁶² Um fato interessante foi ter conhecimento de uma música de rap feita por um grupo do próprio bairro (inclusive levando o seu nome), relatando a realidade do lugar. Devido à decisão de anonimato, não podemos expor aqui a letra da música, mas podemos afirmar que a realidade mostrada na música era muito semelhante à realidade relatada por nossos personagens.

⁶³ Recuperado em 05/d12/13, de: <http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-musicais/geral/felicidade-ostentacao>.

⁶⁴ Em tempo, cabe relatar que enquanto esta dissertação é escrita, estamos presenciando um movimento, iniciado em dezembro de 2013, em que jovens da periferia organizam passeios coletivos (contando com grande número de participantes) a shoppings de médio e alto nível em algumas cidades brasileiras. Tais passeios são organizados através de redes sociais e estão sendo intitulados de “rolezinhos”. A reação da classe média e alta, frequentadores “padrão” destes estabelecimentos, e dos comerciantes, está sendo de espanto e contrariedade,

nessas músicas), é aqui utilizado e buscado para fins de uma inclusão simbólica (o “ser”, para si e para outros) – muito mais difícil e complexa de se atingir do que a material, como se pode concluir das discussões realizadas até aqui.⁶⁵

4.2 Dona Maria, Laura e Gabriela

Nossos primeiros personagens são as três gerações de mulheres da família de Dona Maria. Como já mencionado, Dona Maria mora nesse bairro há mais de 50 anos, e podemos ver claramente em seu relato o seu profundo apego a esse lugar. Ao falar do que vê no percurso que fazemos quando me conta sobre sua vida no bairro, usa expressões como “nossa igreja”, “nossa praça”, sempre mostrando um vínculo afetivo com o que constitui aquele território, além da constatação da variedade de serviços que ali se encontra. Sempre morou ali, praticamente toda sua família (irmãos, marido e filhos) moram no mesmo bairro, e os locais onde trabalhou também sempre se localizaram ali. E quando questionada se gosta do bairro e se mudaria para outro, afirma que não trocaria seu bairro por nenhum outro, exceto pelo centro da cidade.

No entanto, podemos perceber também a ambivalência de seu sentimento, quando apresenta sua preocupação com a violência que assombra o bairro. Ou seja, sua vinculação com esse lugar – aumentada pelo tempo de moradia e pela família toda que também está ao redor, sofre a interferência do sentimento de medo e anseio pelo que pode acontecer devido à violência. No caso de sua família, teme que os netos sigam um mau caminho (das drogas, criminalidade, violência), e acabem não estudando, assim como, no passado, aconteceu com seu filho, Alexandre. Dona Maria também teme que esse seja o destino da maioria dos jovens do bairro, pela falta de atividades sociais, culturais, educativas e de lazer direcionadas a esta faixa etária. Embora reclame que não há também atividades para o lazer de pessoas em sua própria faixa etária, Dona Maria parece se preocupar mais com essa situação no que diz respeito aos jovens, já que, no caso deles, o que há disponível e de fácil acesso são atividades que levariam ao “mau caminho”.

com o argumento de que os participantes destes “rolezinhos” oferecem perigo aos lojistas e seus clientes, pois estariam lá para bagunçar, depredar e roubar. Os organizadores destes eventos contra-argumentam que a ideia seria apenas de ocupar esses espaços e desfrutar das mesmas atividades disponíveis para as classes mais abastadas, já que a periferia não é atendida em suas necessidades de lazer.

⁶⁵ Ressaltamos que não se trata aqui da defesa deste ou daquele estilo musical, mas da compreensão das origens e objetivos de sua criação e desenvolvimento, relacionados com a realidade estudada nesta investigação.

Em seus relatos, é possível notar também uma grande preocupação por sua filha e neta (Laura e Gabriela) e, também, de Laura por Gabriela, no sentido de não repetir a história de casar e ter filhos cedo e, por esse motivo, abandonar os estudos. No relato de Dona Maria, vemos um arrependimento por não ter estudado, e uma certa tristeza por sua filha também ter seguido este mesmo caminho e desistido da formação que havia começado, no que na época se chamava de Magistério. Gabriela, por sua vez, recupera as esperanças da mãe e da avó (de que “alguém tem que se formar nessa casa”), ao parecer escolher o caminho dos estudos, apesar das adversidades apresentadas pelas condições precárias das escolas do bairro onde moram.⁶⁶

No caso dos homens, vemos que a questão do abandono dos estudos também está presente, mas o maior medo ainda é o do envolvimento com as drogas e com a criminalidade. Entretanto, o eixo que perpassa essas questões é o mesmo, ou seja, quais são os futuros possíveis dos jovens moradores desse bairro? Se não têm condições, ou têm poucas, que caminho seguirão? O dos estudos? O do trabalho? – Superando e contradizendo aquilo que o estigma determina que se espere deles? – Ou o das drogas? O da criminalidade? – Confirmando a expectativa e o julgamento daqueles que os estigmatizam?

Dona Maria nos diz que a violência (e seus representantes) está dominando o bairro e que ela assombra esse lugar roubando a vida dos jovens. Afirmar que a solução para isso seriam atividades educativas, culturais e educacionais para eles, para que pudessem se ocupar e construir um futuro melhor. Neste sentido, Gabriela participa de aulas de teatro, de pintura e busca estudar, apesar das más condições dos colégios onde estudou no bairro. Algumas de suas pinturas, inspiradas no bairro, mostram sua vinculação afetiva a esse lugar, incluindo também a ambivalência, pois aí também estão presentes o lado bom e o lado ruim do local. Ela afirma não participar das atividades do bairro identificadas como “bagunça”, mostra não concordar com o uso de drogas e também participa do grupo de jovens da igreja católica, o que é apontado por Dona Maria como um dos aspectos bons do bairro. Ou seja, ela contradiz o que “se espera” de uma jovem moradora daquele bairro – a partir da lógica do estigma do lugar.

Laura, por sua vez, participa de cursos de formação de lideranças e de outras atividades promovidas pela prefeitura por ocasião da realização de projetos sociais no bairro. Mostra-se atuante em questões relativas às necessidades da população (em suas palavras,

⁶⁶ Este tema poderia ser mais explorado pela via psicanalítica, no sentido de uma repetição familiar no caso das mulheres, mas foge ao escopo da proposta deste trabalho.

“veste a camisa do bairro”), embora reclame da pouca participação e engajamento dos demais moradores e da contribuição desses para a propagação do estigma do bairro. Ela afirma que os próprios moradores falam mal do bairro, caracterizando-o como violento e como um lugar que se deve evitar. Para Laura, essa atitude apenas reforça a visão externa que se tem do bairro (o estigma), a qual ela e seus parceiros de projeto tentam desfazer.

Em relatos de experiências próprias e de seus filhos também, demonstra não reconhecer a insegurança atribuída à vida no bairro – como nas ocasiões em que deixa o carro na rua durante a noite, a casa fechada quando vai viajar, ou quando andam com fones de ouvido na rua, sem que tenha havido tentativas de assalto até o momento. Mas reconhece que a violência existe ali, não dando a ela, no entanto, o status de predominância que em geral é dado. Afirma que, ao mesmo tempo em que existe a violência, as drogas, os assaltos, existem também pessoas boas fazendo coisas boas, como seu filho que escreveu um livro, por exemplo – afirmando que este fato sim poderia ser considerado uma exclusividade do bairro, mas que não é notado nem valorizado (outras pessoas seriam o professor de capoeira, a senhora que faz o almoço comunitário no dia de São Benedito, o grupo de jovens da igreja...).

Gabriela também afirma gostar muito do bairro e querer continuar morando ali, mas mostra, por sua vez, que existe um clima de insegurança presente no bairro, como podemos ver nos casos do patrulhamento realizado periodicamente na entrada do bairro e do “toque de recolher” que ela conta já terem ocorrido, inclusive no transcorrer do período em que esta pesquisa estava sendo realizada. Para Gabriela, um dos fatores que contribuem para a manutenção da violência no bairro é o grande número de bares e o alto nível do consumo de drogas e bebidas alcoólicas, resultando em brigas e até atropelamentos frequentes. Vemos, então, mais uma vez, a ambivalência e contradição do sentimento em relação ao bairro: o bairro é bom, não se quer sair dele, mas a violência está instalada neste território, mostrando-se para cada um de formas diferentes (ou sendo identificada por alguns e por outros não).

4.3 Daniel

Daniel, por sua vez, já começa o seu relato mencionando o estigma do bairro e falando sobre as suas “riquezas”. Parece dar continuidade ao discurso da avó, da mãe e da irmã, tendo ciência de como o bairro é visto, mas afirmando também a sua vinculação afetiva com aquele lugar. Seu relato é curto, mas já havíamos obtido algumas informações sobre ele ainda nos relatos anteriores. O que se pôde constatar de sua vida no bairro é uma constante

superação e contraposição às expectativas que o estigma do bairro impõe aos seus moradores, em especial aos jovens.

O primeiro fato relevante para nossa discussão relativo a Daniel é ter escrito um livro, ainda aos 10 anos de idade, enquanto estudava em uma escola da rede pública localizada no bairro onde mora. Este fato foi relatado já nos primeiros contatos com esta família, sendo claramente motivo de orgulho para seus membros e para as pessoas que os conhecem. Vemos, no mosaico dos relatos que montam a história de Daniel, que a criação da história do livro foi pessoal e de interesse espontâneo (a partir, é claro, do estímulo dado pela professora: a tarefa de casa de criar uma redação de uma página, que começava com uma frase determinada por ela) e bastante inspirada em sua vivência no bairro. O que nos aponta para uma vinculação afetiva com este território, uma vez que despertou o ímpeto criativo de Daniel no sentido de continuar a história para além dos limites pré-estabelecidos, colocando ali suas próprias experiências com aquele lugar.

No relato de sua mãe, vemos que, a princípio, nem ela e nem a professora acreditavam que um livro seria de fato produzido e publicado a partir do texto que Daniel escreveu como tarefa de casa. A surpresa da mãe e da professora de Daniel se deu por sua pouca idade, configurando-se em uma ocasião incomum e rara para sua faixa etária, onde uma criança cria sozinha uma história completa – com enredo, personagens e narrativa – passível de se tornar uma história infantil de interesse para alguma editora.

Porém, no transcorrer da busca pela publicação, iniciada na própria cidade, as reações passaram da surpresa para o rechaço, dadas as inúmeras respostas negativas recebidas ao longo do caminho. Os “nãos” foram tantos que Daniel e Laura chamaram essa busca de “guerra para a publicação”. Como pudemos ver, para Dona Maria, Laura, Daniel e Gabriela, essa recusa para publicar, vinda de sua própria cidade, estaria vinculada à “visão” que se tem do bairro, ou seja, do estigma imputado a este território, que teria sido atribuído também a Daniel, por associação. Assim, a descrença em sua capacidade de escrever um livro se daria pelo pré-conceito de que essa característica não poderia estar presente em um morador daquele bairro.

Levando em consideração tal hipótese, levantada por nossos personagens, e também as discussões teóricas realizadas até aqui, podemos presumir sua veracidade, uma vez que a identidade de Daniel foi categorizada *a priori*, a partir de seu papel de “morador de um bairro onde só existe violência” – papel este tomado, então, como sua totalidade como pessoa – e recebendo, assim, todos os atributos negativos relacionados a tal papel. Pensando a partir destes elementos, podemos afirmar também que não foi por acaso que a publicação acabou

sendo viabilizada por uma cidade vizinha, que não tinha tanto contato com o estigma do bairro (como no caso de sua cidade) e, portanto, não atribuiu de antemão nenhuma característica negativa ao menino e sua obra.

E Daniel continuou surpreendendo, ao tomar a iniciativa de ir atrás de uma escola que atendesse às suas expectativas. Tendo ele próprio experienciado as más condições das escolas da rede pública existentes em seu bairro (com exceção da escola onde ele escreveu o livro), e somando também as experiências da irmã (de inúmeras vezes voltar para casa por não ter professor para dar aula), Daniel mandou um e-mail para uma escola particular do centro da cidade, pedindo vaga (com bolsa, devido às condições financeiras da família) para ele e para a irmã. Como relatado por ele e pela mãe, a direção da escola foi surpreendida pela atitude e ousadia do menino, mas avaliou como positivo o interesse dele de estudar em sua escola e, ainda, pedir que a oportunidade fosse estendida à sua irmã também.

Tal atitude nos mostra que Daniel aposta nos estudos e na busca de uma educação de qualidade para seu crescimento. Em suas palavras, “a gente tem que ter a mesma chance na vida... cada um faz o que quiser da sua, mas a chance, os dois têm que ter igual”. É o que ele responde quando questionado pelas diretoras sobre o motivo de pedir a bolsa também para a irmã. Encontramos então, em Daniel e Gabriela, a denúncia do mau funcionamento das escolas do bairro, fato que ambos lamentam. Daniel, por exemplo, quando questionado se preferiria estudar no bairro, caso houvesse uma boa escola, responde que sim. Ou seja, ele sentiu que deveria procurar fora do bairro as condições necessárias para o crescimento almejado, tanto em termos pessoais e, talvez, profissionais, como em termos de movimentação na estratificação social, a qual não seria viabilizada caso permanecesse estudando nas escolas do bairro, desprovidas dos recursos mínimos para cumprir sua função (com exceção da escola onde ele escreveu o livro).

Em outras palavras, Daniel procurou fora do bairro algo que o bairro não lhe oferecia, reconhecendo assim, um aspecto negativo desse lugar ao qual ele se sente vinculado afetivamente. Tal aspecto corresponde ao ensino das escolas do bairro, o qual ele julga ser insuficiente. Sendo os estudos o caminho escolhido por Daniel para atingir seus objetivos na vida, e não encontrando isso ali, ele vai buscar as condições necessárias em uma escola particular, pois julga ter os requisitos para entrar em tal escola e julga essa escola capacitada para oferecer um ensino de qualidade.

Ao fazer isso, ele leva, através de sua figura, a prova de que há também aspectos bons em seu bairro – sendo a sua própria história um testemunho de superação das dificuldades ali existentes. Assim, mostrando o seu valor para a comunidade exterior ao

bairro, busca uma atribuição de valor positiva do bairro onde mora, por uma associação reversa ao que geralmente ocorre com aquele território: em geral, os aspectos negativos do bairro passam por associação para as pessoas e, no caso de Daniel, o aspecto bom representado por uma pessoa passaria, por associação, para o bairro. Ao menos, esta se mostra a sua estratégia para lidar com a estigmatização de seu bairro e de sua identidade (ou seja, com a dinâmica de estratificação das identidades existente nesse local).

4.4 Alexandre

A história de Alexandre, por sua vez, segue outro caminho. Sua infância, segundo ele, foi a de brincar na rua e jogar futebol, em uma época em que não havia violência (o mesmo ocorreu com Tânia). Entretanto, ao chegar à adolescência, ele se envolveu com o que ele chama de “*vida louca*” – ou seja, as drogas e a violência. Por conta desse envolvimento, levou um tiro e ficou paraplégico. Atualmente, Alexandre é cadeirante, porém, não se sente nem se apresenta ressentido ou limitado em suas interações sociais pela sua situação (tal constatação esteve presente nos relatos de sua mãe e irmã, mas também pôde ser observada em nossa conversa para fins da coleta de seu depoimento).

Em seu relato, Alexandre conta sobre sua vida atual no bairro, como, por exemplo, sobre o time de futebol do qual é técnico e sobre os eventos culturais que organiza, tais como o natal solidário. O time de futebol, registrado e administrado com verbas de patrocínios, organiza e participa de campeonatos beneficentes, para arrecadar dinheiro para a compra de presentes para as crianças carentes do bairro. Apesar de atividades como essa, Alexandre ainda é visto pelos moradores do bairro apenas pelo seu papel de “ex-presidiário cadeirante”, obtendo, por esse motivo, menos atenção e até sendo alvo de dúvida e suspeita quando interpretando seus papéis de “treinador de time de futebol”, de “articulador de festas beneficentes” e de “articulador de atividades sociais e artísticas”.

Tal desconfiança se mostra reforçada quando Alexandre assume o papel de “organizador de show de rap”, outra atividade com a qual ele e seu grupo de amigos se envolvem. Isso porque, como já mencionado anteriormente, o rap e o *hip hop*, juntamente com o *funk*, são vinculados pelo imaginário social à violência. Embora não desempenhe papel central nos eventos de fim de semana que reúnem os jovens em torno de seus carros com som alto (em geral, funk, mas também outros estilos musicais), Alexandre participa destes eventos. Assim, sua imagem acaba por ser vinculada a este tipo de atividade também.

No entanto, ainda que os papéis desempenhados por Alexandre sejam variados (e, por vezes, contraditórios – por oscilar entre características avaliadas pelos demais como positivas e negativas), o que prevalece ainda é o estigma atribuído ao papel “morador daquele bairro violento”. Portanto, o seu envolvimento passado com o mundo da violência estaria dentro das expectativas *cabíveis a este estigma*, sendo reforçado pelas suas atividades que, atualmente, são vinculadas à violência. Dessa forma, ainda que se envolva com outros tipos de atividades (avaliadas como positivas), elas não têm força suficiente para transpor aquele estigma.

Ainda cabe ressaltar o estigma físico, a marca material, de sua situação de cadeirante, a qual, apesar de não afetá-lo em sua auto-imagem, mostra-se influente na imagem que os outros fazem de Alexandre, contribuindo para a permanência e atualização da vinculação (para outras pessoas) de sua imagem com o seu envolvimento no mundo da violência.

4.5 A violência

Assim como fizemos no caso do bairro no primeiro item deste capítulo, consideremos por um momento que a violência também se constitui em um personagem dessa história. Também não tendo lugar de “fala” propriamente dita, nosso “fantasma polimorfo” se apresentou de diversas maneiras para cada um de nossos personagens. Atribuída por muitos ao bairro, foi vinculada ao uso de drogas, ao abuso de bebidas alcoólicas, ao *funk*, ao rap e o *hip hop*, ao uso da praça, ao assalto, ao assassinato, ao toque de recolher, à retirada de direitos, etc... Embora percebida e experienciada de formas e em intensidades diferentes, ela foi um elemento sempre presente em todos os relatos e em todas as incursões neste território, desde o início da pesquisa.

Entretanto, como pudemos refletir a partir das contribuições teóricas trazidas anteriormente, e em consonância com o panorama / contexto encontrado neste bairro, a violência aqui é considerada um efeito e não uma causa. A constituição deste território em termos de configuração geográfica e ocupação, da característica de recursos financeiros limitados para a média de seus habitantes, da escassez de atividades sociais, culturais e educativas para jovens e demais faixas etárias – fatores que nos levaram a discutir os conceitos de “gueto” e de populações marginalizadas – vão revelando uma estrutura social (da qual este bairro faz parte) que pode ser identificada com aquela descrita por Quijano. Qual

seja, uma estrutura que vai impor, através de seu próprio funcionamento, a estratificação identitária de seus elementos, por seu caráter intrínseca e historicamente hierárquico.

Como foi possível observar em nossa discussão teórica em relação à violência, sua ocorrência em termos de criminalidade (a violência “objetiva”), pode ser interpretada, então, como uma reação a esta estrutura subjugadora que procura – também por meios violentos – sustentar-se e propagar-se, mantendo “cada um em seu lugar” e muitas vezes sendo conivente com situações como a do bairro de nossos personagens, por sua utilidade política àqueles que ambicionam poder. Analisando os relatos de nossos personagens, podemos observar esta dinâmica na vida de todos eles. Afinal, suas identidades e seus projetos de vida se encontraram, em graus e de maneiras diferentes, afetados ou barrados pelo estigma do bairro. Neste sentido, a estratificação das identidades (em um sistema hierárquico) acaba por *originar e, subsequentemente, justificar a violência*, como é o caso do bairro aqui estudado.

PARTE III

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS METODOLÓGICOS

Somos todos curiosos em relação à sociedade em que vivemos.”
(Howard Becker)⁶⁷

“O pesquisador qualitativo pode assumir imagens múltiplas e marcadas pelo gênero: cientista, naturalista, pesquisador de campo, jornalista, crítico social, artista, atuador, músico de jazz, produtor de filmes, confeccionador de colchas, ensaísta.”
(Norman Denzin e Yvona Lincoln)⁶⁸

“Um relato sobre a sociedade, portanto, é um dispositivo que consiste em declarações de fato, baseadas em evidências aceitáveis para algum público, e interpretações desses fatos, igualmente aceitáveis para algum público.”
(Howard Becker)⁶⁹

As afirmações em epígrafe convidam à reflexão sobre as peculiaridades da pesquisa qualitativa no campo das ciências sociais e humanas. Considerando que alguns dos procedimentos incluídos nesta perspectiva metodológica foram utilizados na presente investigação, apresentamos a seguir uma retrospectiva do seu desenvolvimento, em diversas áreas do conhecimento.

Neste sentido, Bogdan e Biklen (1994) nos falam dos métodos da pesquisa de cunho qualitativo e da questão do sujeito estudado através desses métodos, mostrando o contexto do desenvolvimento deste tipo de investigação, na área da educação. Dentre os aspectos abordados por eles, encontra-se o pioneirismo do antropólogo social Bronislaw Malinowski (1976; 1967), com sua descrição e discussão a respeito do modo como obteve seus dados de pesquisa – através do diário de campo. Seus trabalhos se tornaram referência no campo da etnografia, auxiliando futuros pesquisadores a entenderem melhor o processo de coleta de dados em um estudo etnográfico.⁷⁰

Neste período, o “outro” estudado ainda era alguém totalmente diferente e exótico, encarado com estranheza, pelos contrastes de seus hábitos e costumes com aqueles do pesquisador. Neste sentido, a utilização do método etnográfico se torna uma contribuição de

⁶⁷ BECKER, H (1999). Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. S. P. Hucitec, 1999, 4ª Ed. Caps. 1 Metodologia.

⁶⁸ DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. G. (2006). Introdução. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. in DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. G. (2006). Planejamento da Pesquisa Qualitativa. Teorias e Abordagens. P. A. Artmed.

⁶⁹ Cf. Nota 67.

⁷⁰ Ver também Geertz (1973).

grande importância na evolução da pesquisa qualitativa, considerando que, através do olhar para o “outro”, proporcionado pelas investigações de cunho etnográfico, encontrou-se ordem onde outras disciplinas só viam anormalidade e desvio (Rockwell, 2009).

A respeito do trabalho etnográfico, Magnani (2002), autor contemporâneo de estudos em antropologia urbana, afirma que

a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o “concreto vivido”. (s/p)

Em outro estudo (Magnani, 1991), este autor também descreve o olhar do pesquisador a partir de uma perspectiva antropológica, advertindo que

não se trata, contudo, de substituir uma forma de olhar por outra, a do observador estrangeiro pela do nativo, supostamente mais autêntica, mas de uma postura que procura incorporar os diferentes olhares, as muitas versões, os vários comentários, nem sempre consensuais. (s/p)

Outro período que também se tornou frutífero para os estudos qualitativos foi a Grande Depressão – fenômeno ocorrido nos Estados Unidos – uma vez que seus autores (mesmo não sendo cientistas sociais, mas sim escritores que precisavam de emprego) colocaram uma *lupa* na natureza e extensão dos problemas causados pelo desemprego em massa existente nesta época, utilizando o método sociológico. Este processo deflagrou a mudança de perspectiva dos estudos qualitativos para as “*sociedades de origem*” dos pesquisadores sociais.

É no clima desta transição que ganham força os estudos nas áreas urbanas, tais como aqueles realizados pelos pesquisadores da Escola de Chicago, já mencionados anteriormente. Gilberto Velho, no prefácio para o livro “Espelhos e máscaras” (1997), faz uma retrospectiva dos autores deste grupo e fala sobre os métodos utilizados por eles.

Certamente, a principal liderança da Escola de Chicago foi Robert E. Park (1864-1944), cuja anterior experiência jornalística e vivência política na assessoria de Booker T. Washington, o importante líder afro-americano, adicionaram a sua formação acadêmica, propriamente dita, uma forte dimensão de ação social. Influenciado diretamente por Georg Simmel, durante viagem de estudos à Alemanha, Park estabeleceu importante vínculo pessoal e profissional com [William] Thomas, constituindo-se, juntamente com Ernest Burgess (1886-1966) nas figuras seminais no desenvolvimento dos estudos urbanos nos Estados Unidos. Thomas e Park, da primeira geração, foram particularmente importantes na valorização do trabalho de campo, das histórias de vida, das entrevistas e da observação participante. (p. 14)

De acordo com Wiley (1979 citada por Bogdan & Biklen, 1994), “do ponto de vista metodológico, todos [os pesquisadores da Escola de Chicago] se baseavam no estudo de caso, quer se tratasse de um indivíduo, de um grupo, de um bairro ou de uma comunidade” (p. 27). Entretanto, de acordo com Yin (2002), é uma prática comum confundir o estudo de caso com os estudos etnográficos e com a observação participante, o que seria equivocado na visão do autor.

A explicação desse equívoco estaria, segundo Jennifer Platt (1992a citada por YIN, 2002), justamente na origem desses trabalhos, onde se “realizavam estudos de caso na condução de histórias de vida” (p. 31), deixando-se em suspenso definições adicionais a respeito da estratégia de estudo de caso. No sentido de uma especificação desta estratégia, então, Yin define o estudo de caso como uma investigação empírica que

- investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando
- os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. (p. 32)

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa na área da Sociologia da Educação, inaugurada em 1915 (com a criação do 1º curso de Sociologia da Educação), também contribuiu para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa, embora tenha ocorrido uma desqualificação dos métodos desta abordagem por ocasião do segundo Volume do “Journal of Educational Sociology” (criado em 1926), onde foi exposta a visão das Ciências Naturais, no sentido da avaliação quantitativa, a qual alegava que “para se tornar ciência (...), a investigação em sociologia da educação tinha de ser experimental” (p. 29). Neste cenário, o método de histórias de vida (Queiroz, 1988) e os diários de campo foram considerados adequados para o trabalho social, mas não para a sociologia (não suficientemente científicos).

De acordo com Queiroz (1988), o grande avanço das técnicas estatísticas, no fim dos anos 40, também contribuiu para a desvalorização acadêmica dos relatos orais e histórias de vida. Entretanto, ainda segundo a autora, o desenvolvimento tecnológico que permitiu o uso de gravadores na coleta de relatos orais logrou recuperar a credibilidade desses métodos, pois tornou possível uma conservação mais precisa da linguagem do narrador, com os detalhes que lhe caracterizavam.

Ainda segundo Queiroz (1988), história de vida deve ser diferenciada de entrevista e de depoimento. Os três procedimentos podem ser enquadrados sob a denominação “história oral”, e suas especificidades residem no âmbito da postura do pesquisador, no que diz respeito à condução do relato. No caso da entrevista e do depoimento, quem detém o fio condutor da

conversa entre narrador e pesquisador, é este último, ou seja, o tema e o rumo da conversa são direcionados para a finalidade da pesquisa. Na história de vida, por sua vez, “quem decide o que vai relatar é o narrador, diante do qual o pesquisador deve se conservar tanto quanto possível, silencioso” (p. 21). Neste sentido, o pesquisador deve reduzir suas interferências no relato, pois todas as informações oferecidas contribuem para a explicação do narrador sobre sua existência. De acordo com Queiroz, a história de vida se define como um

relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence. Porém, o relato em si mesmo contém o que o informante houve por bem oferecer, para dar ideia do que foi sua vida e o que ele mesmo é. (p. 20)

A relevância destas colocações para o presente estudo reside no contexto da mudança do olhar etnográfico que, em um primeiro movimento, encontra *ordem* onde outras disciplinas só viam anormalidade e desvio e, em um segundo movimento, em vez de estudar um “outro diferente e exótico”, busca entender processos psicológicos e sociais de sujeitos inseridos na mesma cultura / sociedade do pesquisador. Esses processos são relevantes para a reflexão aqui desenvolvida, tanto pelo tema, como pelos métodos / procedimentos metodológicos que emergiram deste contexto, e que se tornaram úteis para abordar a problemática aqui em questão, tais como o estudo de caso, a história de vida, observações da pesquisadora sobre as impressões do campo (inspirando-se na prática do diário de campo) e o olhar e a postura etnográficos.

A respeito da etnografia, ressaltamos que o estudo aqui desenvolvido suscita reflexões a respeito do trabalho etnográfico, no sentido de que é necessário repensá-lo considerando o contexto contemporâneo que é pano de fundo desta investigação. Dessa forma, relembramos as afirmações a seguir de Levi-Strauss, em entrevista a Boris Wiserman (Levi-Strauss, 2005),

A tarefa da antropologia foi totalmente em razão de uma conjuntura histórica: o momento em que a cultura ocidental tomou consciência de que viria dominar a terra inteira. Era preciso, pois, se apressar para recolher todas as experiências humanas que não lhe deviam nada e cujo conhecimento é indispensável à idéia que podemos ter de uma humanidade não reduzida a uma reflexão pessoal ou mesmo à civilização ocidental propriamente dita. Penso que a antropologia cumpriu muito bem sua função durante, digamos, os dois últimos séculos, mas chegamos ao momento em que nenhuma das experiências humanas que será possível conhecer estará isenta da contaminação ocidental – e, portanto, essas experiências não podem mais nos instruir sobre o que fãmos buscar antes. (...) Vai surgir uma disciplina dedicada ao estudo dessas novas diferenças que serão criadas a direita e a esquerda, e está bem assim (...) A antropologia se transformará em filologia, em história das idéias (...).

Neste sentido, Schmidt (2006), contribui com esta problematização, afirmando que a etnografia pode servir para o estudo das identidades, caso utilize uma postura contra-hegemônica, contrariando, dessa forma, o caráter de sua origem.

A chave para a crítica modernista é a procura de possibilidades da identidade e suas complexas expressões, confrontando a hegemonia de certas representações simplificadoras ou esquemáticas construídas, inclusive, no seio das teorias sociais dominantes. Nesse sentido, o experimentalismo etnográfico presta-se à construção de discursos contra-hegemônicos, baseados na polissemia e na polifonia das simultâneas representações de um mesmo fenômeno, grupo ou coletividade. (p. 27)

Considerando tal panorama, a autora também traz a contribuição de Marc Augé⁷¹ para esta reflexão, mencionando a importância da Antropologia, através do trabalho etnográfico, para a crise de alteridade / identidade / sentido, deflagrada por tal contexto. São palavras da autora,

Augé (1997) demarca o problema dos processos de formação identitária enlaçando identidade, alteridade e sentido numa mesma crise à qual a Antropologia é convocada a revidar. Para ele, o encurtamento das distâncias entre próximo e longínquo é acompanhado de reações como xenofobia, racismo, crise de identidade que tendem a cristalizar ou tornar não simbolizável o outro. Se a identidade é construída por oposição ou comparação com o outro, toda a crise de identidade é, também, uma crise de alteridade. E, toda crise de alteridade é uma crise de sentido, crise que a Antropologia é invitada a estudar. (p. 25)

Ressalta-se ainda, de acordo com Howard Becker (1999) – também um autor da Escola de Chicago – que é através da riqueza de opções disponíveis no que diz respeito a abordagens, métodos, técnicas e instrumentos que o pesquisador pode captar, apresentar e interpretar os dados brutos das pesquisas, elaborando o que o autor vai chamar de “confeção de uma colcha de retalhos”. Considerando que o pesquisador seja, de acordo com Denzin e Lincoln (2006), um “sujeito situado biograficamente” (e, também, socialmente) (p. 33), as escolhas feitas durante esta pesquisa foram transformadas em ‘um’ relato de fatos e interpretações (Becker, 1999), de acordo com a abordagem aqui adotada, e direcionado para uma comunidade interpretativa. Este relato é, então, ‘um’ relato possível dentre outras formas de abordar e interpretar a experiência humana estudada.

⁷¹ Cf. também Augé (1994) e (1999)

1.1 Sobre o método

1.1.1 Método de coleta de dados

Dois estudos realizados dentro da temática socioambiental estiveram na origem da escolha do método de coleta de dados utilizado na presente investigação. Um deles é o de Cíntia Okamura, intitulado “*Arouche 2004: Uma incursão no território urbano da cidade de São Paulo através de seus personagens. Estudo psicossocial sobre encontros e desencontros entre olhares, imagens e paisagens – Diagnóstico para uma intervenção ambiental*” (Okamura, 2004), e o outro, de Eda Tassara e colaboradores⁷², intitulado “*Barra funda: nós entre margens. Um estudo psicossocial da relação pessoa-meio urbano*”⁷³ (Tassara & Rabinovich, 2001; Rabinovich, Okamura & Tassara, 2002; Tassara, Rabinovich & Goubert, 2004).

O trabalho de Cíntia Okamura serviu como inspiração no âmbito da escolha dos procedimentos de coleta de dados, bem como para a adoção de uma determinada postura de pesquisador, o qual, segundo a autora, “sente, pressente, observa e é observado, estranha e é estranhado, reconhece e se faz reconhecer, partilhando com o campo e a comunidade que pesquisa um universo infinito de experiências” (Okamura, 2004, p. 3). Assim, o encontro / interação entre o pesquisador e o pesquisado, aqui, caracterizou-se como o caminho para se ter acesso às construções mentais dos sujeitos a respeito do território descrito por eles em suas narrativas.

Tal postura remete àquela tomada nos estudos da *fenomenologia social*, a qual vai atentar para o tema da atitude natural no mundo da vida (Schutz, 1970; Dartigues, 1973; Berger & Luckmann, 1966). Neste sentido, a fenomenologia consistiria em três aspectos principais, de acordo com Korosec-Serfaty (1985): 1) descrição fenomenológica; 2) intenção ou abordagem eidética e 3) hermenêutica. A autora afirma que

A descrição fenomenológica visa à recuperação através do pensamento do solo original da experiência, o mundo da vida que é adotado pelas nossas representações e pelo conhecimento científico. Pegue a experiência do fogo. Antes de eu mesma ter ouvido qualquer explicação sobre o fenômeno da combustão, eu já experienciei o seu calor, seu brilho, e seu caráter destrutivo, ou purificador. A descrição fenomenológica, assim, busca discernir intuitivamente as várias aparições das coisas para o sujeito. Por exemplo, a descrição do fogo necessariamente visa compreender os vários estados afetivos ou orientações significativas que, em várias situações, representam meus encontros com o fogo.

⁷² Co-autores deste trabalho: Elaine Pedreira Rabinovich, Maria Cecília S. O. Coelho, Cíntia Okamura e Vera Lúcia Sanchez Cezaretto. Colaboradores: Maria do Carmo Guedes e Gabriel Moser.

⁷³ Projeto de pesquisa subvencionado pela FAPESP (processo nº 98/09969-2).

É através dessas várias modalidades de aparição que o significado essencial (ou “ideal”) do fogo é constituído para mim. Isso significa que qualquer descrição deriva da intenção (chamada *abordagem eidética*) de descobrir o que é intrínseco ao fenômeno e, portanto, eliminar o que é contingente e accidental. Além disso, na tentativa de revelar os elementos essenciais de um fenômeno, também se busca descrever as relações e suas articulações.

Assim, o método eidético, ao perguntar o que faz de um fenômeno o que ele é, levanta a questão de seu significado ou, melhor, do que faz sentido no fenômeno. É precisamente a revelação do significado que é o propósito da *hermenêutica*, que visa encontrar o significado singular ou os múltiplos significados escondidos além do que é imediatamente dado. (p. 68-69) [Tradução N. N. O.]⁷⁴

A partir desta perspectiva e em busca das construções mentais do(s) sujeito(s) da pesquisa, emergidas nas narrativas resultantes do encontro entre pesquisador e pesquisado, a *coleta dos dados* desta pesquisa se deu através de um procedimento inspirado naqueles utilizados por Lynch (1960), Petiteau (2006, 2001) e Thibaud (2000), autores que fundamentaram o estudo de Cíntia Okamura, referido anteriormente. Tal procedimento consiste em se fazer um “itinerário” ou “percurso comentado”, com o(s) sujeito(s) da pesquisa, utilizando-se, eventualmente, do auxílio de fotografias (estas tiradas pelo entrevistado). De acordo com Jolé (2005), autora que tece considerações a respeito desse procedimento,

O “itinerário” se apóia sobre o que o autor [Petitau] chama de “dupla cognitiva”, a exemplo do que foram Sócrates e seu discípulo, e Dom Quixote e Sancho Pança, além de outros. O pensamento se constrói no movimento, e a troca se torna um percurso iniciático. A relação hierárquica inverte-se, e [o pesquisador] deixa-se surpreender pelo caminho tomado “daquele que o faz andar”. Ele lhe revela seu espaço e, ao fazer isso, eles se recriam conjuntamente, advindo dessa troca algo passível de ser objetivado.

O “percurso comentado” se baseia sobre o mesmo princípio da caminhada comentada. Sua ambição é qualificar os ambientes de um lugar a partir das percepções que os usuários têm dele e de suas práticas. As caminhadas sobre um mesmo espaço são multiplicadas; o “percurso poliglota”, que resulta desses múltiplos pontos de vista, é confrontado com a observação etnográfica dos comportamentos e interações, nesses espaços. O objetivo é reunir, conjuntamente, a organização material, os fenômenos perceptíveis e as formas de agir e de interagir. (p. 426)

⁷⁴ Trecho original: “Phenomenological *description* aims at retrieving through thought the original soil of experience, the life world that is assumed by our representations and by scientific knowledge. Take the experience of fire. Before I ever heard any explanation about the phenomenon of combustion, I had already experienced fire in different situations in my own life. I had experienced its heat, its brightness, and its destructive, or purifying, character. Phenomenological description of fire necessarily aims at grasping the various affective states or significant orientations that, in various situations, represent my encounters with fire. It is through these various modalities of appearance that the essential (or ‘ideal’) meaning of fire is constituted for me. This means that any description derives from the intention (called *eidetic approach*) to find out what is intrinsic to the phenomenon and therefore to eliminate what is contingent and incidental. Besides, in attempting to uncover the essential elements of a phenomenon, it also seeks to describe the relations and their articulations. Thus, the eidetic method, by asking what makes a phenomenon what it is, raises the question of its meaning or rather, of what makes sense in the phenomenon. It is precisely the uncovering of meaning that is the purpose of *hermeneutics*, which aims to reach the single or multiple meanings hidden beyond what is immediately given.” (Korošec-Serfaty, 1985, p. 68-69) [Itálicos K. S].

A partir deste procedimento, buscou-se ter acesso à história de vida dos sujeitos e aos indícios de suas relações com o território percorrido, uma vez que, ao lhes pedir para que falassem de suas vidas, os sujeitos poderiam fazer referências a elementos do caminho que estivessem percorrendo. Petiteau (2001), a respeito deste método, entende que

o método dos itinerários busca reencontrar uma narrativa que interroge a realidade do entrevistado e que traduza sua concentração emocional. Uma narrativa que, emergindo, interroge a lógica do sentido e que proponha uma nova interpretação e construção da mesma. Uma narrativa que dê uma nova visibilidade ao território. (p. 9) [Tradução N. N. O.]⁷⁵

No que diz respeito ao estudo realizado no bairro da Barra Funda, tal investigação (Tassara, Rabinovich & Goubert, 2004) contribuiu para a decisão de se entrevistar três gerações de sujeitos residentes em um mesmo território. No caso da Barra Funda, as três gerações estudadas não provinham da mesma família. Naquele caso, o intuito desta escolha para o referido bairro era o de

apreender as modificações intergeracionais das percepções e os comportamentos dos seus habitantes em suas inter-relações com as transformações do bairro, com vistas a delimitar os processos identitários relativos aos seus diferentes aspectos. (p. 335)

Assim, os pesquisadores buscavam estudar as relações existentes entre o território, entendido como espaço e tempo, e os sujeitos ali residentes. No caso do presente estudo, ao encontrar um sujeito que atendia às especificações desejáveis para a investigação, descobriu-se que os demais membros do seu núcleo familiar também poderiam contribuir. Dessa forma, foi possível desenvolver o estudo com sujeitos de três gerações diferentes, mas da mesma família.

1.1.2 Método de análise dos dados

No que diz respeito ao método de análise dos dados, inspiramo-nos, mais uma vez, no trabalho de Ciampa (1987), no sentido de uma interpretação das narrativas dos personagens, de acordo com o que elas próprias levantavam, ou seja, buscando em teorias subsídios para

⁷⁵ Texto original retirado do artigo de Petiteau (2006): “La méthode des itinéraires cherche à retrouver une parole qui interroge la réalité de l'interviewé et qui fait lieu par sa concentration émotionnelle. Une parole qui en surgissant interroge la logique du sens et en propose une nouvelle interprétation et construction. Une parole qui donne une nouvelle visibilité au territoire”.

clarear as problemáticas emergidas das falas. Do mesmo modo que no trabalho de Ciampa (1987), foi necessário “cortar tecido” daquilo que foi dito nas conversas sobre as histórias de nossos personagens. O objetivo desta dissertação foi o de criar uma “vestimenta” com pedaços de suas falas, e algo ficou de fora, bem como o que foi selecionado responde a um “design” daquilo que se pretendia confeccionar.

Procuramos, com o resultado dessa “costura”, evidenciar uma linha argumentativa, um eixo que pudesse ser traçado entre todos os relatos e, assim, pudesse nos oferecer uma direção para a reflexão teórica a seu respeito, passível de ser realizada no tempo disponível para uma dissertação de mestrado. Pudemos, assim, verificar como essas teorias nos auxiliam a entender o que ocorre neste bairro e nesta família e, também, o que este caso específico acrescenta às discussões teóricas desenvolvidas até o momento a respeito destes temas.

Assim, contribuições sobre a escrita etnográfica podem dar sustentação ao que foi feito em termos de “relatório de dados” desta pesquisa. Schmidt (2006), a esse respeito, afirma que

O texto ou a escrita etnográfica, como já foi sugerido anteriormente, é o meio privilegiado de elaboração e transmissão deste conhecimento e desta crítica, unindo ou estabelecendo as pontes entre os dois momentos essenciais da Etnografia: o “estando lá” ou *being there* que corresponde à situação da pesquisa de campo e o “estando aqui” ou *being here* que corresponde ao ambiente de “gabinete” em que o pesquisador retoma o contato com seus colegas universitários e escreve o texto que tornará público seu trabalho (Geertz, 1989a; Oliveira, 2000).

A escrita “estando aqui” difere daquela de diários e anotações de campo, pois trata-se da construção propriamente dita de uma interpretação do diálogo, da interlocução que houve “estando lá”. Para este momento, concorrem tanto a presença da “comunidade” de argumentação” da qual faz parte o pesquisador, com seu idioma acadêmico e disciplinar, quanto o compromisso ético, político e epistemológico delicado com a colocação de “vidas alheias” em texto. (Oliveira, 2000). (p. 28) ⁷⁶

Neste sentido, podemos aproximar a análise dos dados aqui apresentada de uma análise literária, dado que reflete sobre narrativas de personagens que nos contam uma história – a história de suas vidas, a história dessa família, a história desse bairro. Ainda de acordo com Schmidt, tal prática encontra resistência no meio científico.

Há de fato, um incômodo em tentar produzir textos científicos a partir de experiências biográficas. Se os textos literários dependem de quem escreve, quando, onde e para quê, enquanto os científicos não, na Etnografia, a necessidade de localização do autor faz com que ela se aproxime da literatura. (p. 28-29)

O teor do texto etnográfico tem por intuito, então, um “trabalho de pensamento”, ou seja, a reflexão sobre os temas emergidos das falas, permitindo que estes sejam o guia da

⁷⁶ Cf. também Geertz (1988).

argumentação. Além de ter um caráter de registro, comprovação da estada no lugar onde se deu a pesquisa. Schmidt, a esse respeito, afirma que

O texto é, até certo ponto, a certificação, por escrito, de algo presenciado e vivido, uma espécie de testemunho único, uma vez que os trabalhos de campo não podem, simplesmente, ser replicados. Mas é, ainda, o próprio trabalho do pensamento, muito mais do que o relatório de dados e conclusões já acondicionadas em algum lugar da mente. (p. 28)

Sendo assim, descreve-se, no item a seguir, o encontro (ou talvez, o confronto), entre os objetivos iniciais da pesquisa e o que foi encontrado no campo escolhido. Este seria o confronto, então, entre o antes o depois da estada no campo.

1.2 Sobre o encontro entre os objetivos iniciais do estudo e as narrativas

O objetivo geral deste estudo, *em seu princípio*, foi o de investigar quais eram e como se davam as relações entre a participação e a espacialização identitária no território em questão. Buscava-se compreender como os sujeitos estudados, sendo sujeitos contemporâneos, se relacionavam com o ambiente no qual se encontravam inseridos, no caso, o bairro em que residem. Além disso, buscava-se verificar o lugar da *ambiência* nestas relações, levando em consideração que esta ainda é uma noção em vias de definição científica. Assim, o estudo também buscava descrever e delimitar um conceito de *ambiência*, aplicado ao território em questão.

A noção de *ambiência* é desenvolvida por pesquisadores franceses, tais como Thibaud (2004), a partir de uma perspectiva fenomenológica. O autor descreve a noção de *ambiência* tal como segue:

a *ambiência* não é definida como tal, é apenas um meio para identificar um corpus de trabalho sobre o espaço urbano perceptível. Essa abordagem pode também se concentrar em caracterizar fisicamente o ambiente construído (*ambiência medida*), uma simulação computadorizada do fenômeno perceptível (*ambiência simulada*), o projeto arquitetônico consciente sobre a qualidade ambiental (*ambiência projetada*) ou mesmo a experiência cotidiana dos habitantes da cidade (*ambiência experienciada / vivenciada*), sem necessariamente, tentar esclarecer completamente a noção de *ambiência*. (p. 347)

No início da investigação, entendíamos que, das quatro *ambiências* propostas por Thibaud, a *ambiência experienciada* estaria mais próxima do contexto estudado, por ser descrita pelo autor como a experiência cotidiana dos habitantes da cidade. Entretanto, no decorrer da investigação e com um olhar posterior a ela, pensamos que o seguinte

questionamento emerge das discussões realizadas: seria a violência presente neste território a sua própria ambiência?

No que diz respeito à participação e sua expressão em organizações do tipo “associações civis”, o nosso ponto de partida está representado pelos apontamentos a seguir de Tassara (2009), apoiada em Scherer-Warren (2002), ou seja, que

associações civis são “formas organizadas de ações coletivas, empiricamente localizáveis e delimitadas, criadas pelos sujeitos sociais em torno de identificações e propostas comuns” (SCHERER-WARREN, 2002: 42). Trata-se, na forma como estão aqui definidas, de organizações formais, originadas, muitas vezes, de interesses específicos de seus integrantes. (...) Entre os tipos de associações civis existentes no Brasil, a autora destaca os seguintes: 1) Associações comunitárias; 2) Mútua-ajuda; 3) Associações de classe; 4) Organizações não-governamentais; 5) Organizações de defesa da cidadania; 6) Associativismo de base religiosa. (p. 7)

Entretanto, não foi possível identificar organizações delimitadas como pressuposto em tais postulações. A participação apareceu em certos momentos, como, por exemplo, no caso de Laura e os projetos sociais dos quais participava, mas muito mais com um caráter de esforço individual do que coletivo, dado que não encontrava ressonância na população para a qual os projetos eram direcionados. Ou seja, não partia de uma demanda coletiva, representada por um grupo de pessoas que faria reivindicações a tal respeito, mas sim um reconhecimento – por um determinado grupo – de uma problemática daquela população (a partir da ótica deste grupo, e nem sempre correspondente a do restante dos moradores), sobre a qual foram realizadas ações para sua eventual resolução. Esse seria o caso do projeto “Juntos pela transformação”, que pretendia atuar na “visão” que se tinha do bairro, sendo que mesmo alguns moradores se identificavam com tal visão, atribuindo ao bairro os mesmos aspectos negativos atribuídos pelos demais moradores da cidade.

No caso de Alexandre, suas ações também não se encaixariam na definição da qual partimos, já que sua movimentação (juntamente com o seu grupo de amigos) vai muito mais no sentido de uma contestação do que ocorre no âmbito do bairro do que uma representatividade de seus desejos. Ainda que atue em prol de necessidades muito claras, tais como o projeto de montar uma sala de computação para as crianças e adolescente e, também, o natal solidário e os campeonatos beneficentes feitos para arrecadar dinheiro, brinquedos e alimentos para as famílias e crianças mais carentes do bairro, a população em geral não enxerga em Alexandre um representante seu, deixando que o estigma de sua “participação” no mundo da violência afete o modo como vêem suas ações.

A contestação de Alexandre não estaria dirigida à população em geral, mas sim, aos representantes “legítimos” – vereadores eleitos pelos moradores do bairro – os quais

Alexandre alega não exercerem nenhuma influência com o objetivo de melhorias para este lugar. E embora ele e seu grupo tenham chegado muito perto de ganhar a eleição para a associação de moradores do bairro, o que gerou uma surpresa muito grande em Alexandre, percebe-se uma força contrária muito grande exercida contra suas movimentações. Isso pode ser claramente observado nas manipulações e mudanças ocorridas no momento do cadastramento da chapa de seu grupo e, posteriormente, nas tentativas de apropriação por parte da chapa ganhadora dos projetos e da mão-de-obra que Alexandre conseguiria para realizá-los, caso tivessem ganhado.

Dessa forma, a participação aparece, porém, restringida por forças conservadoras deste campo de interações, as quais têm o objetivo de manter as coisas como estão, inclusive as forças de poder e suas hierarquias previamente instaladas. Assim, ainda que existam estes movimentos isolados de pessoas com o intuito de transformar algo dentro do bairro, existe uma força contrária de conservação, a qual deflagra a necessidade de outros recursos e condições para o seu devido enfrentamento – tal como explicitado nas discussões e reflexões apresentadas anteriormente neste trabalho.

Neste sentido, as narrativas de nossos personagens serviram para lançarmos luz nesse cenário obscurecido pelo clima de violência e subjugação identitária, o qual se mostrou impeditivo de ações coletivas organizadas, tal como se pressupunha ocorrer no início deste projeto. Pautados, então, por todos os relatos e todas as teorias tratadas aqui, constatamos que existe a necessidade do preenchimento de algumas condições prévias à viabilização de uma participação verdadeiramente política e ética em organizações civis representativas de desejos coletivos. Tais condições dizem respeito ao esclarecimento e reconhecimento do campo de interações em que se esteja inserido, e de seu caráter conservador e subjugador. Assim, de acordo com Tassara (2009),

A narrativa, como afirmou Walter Benjamin (1936/1975), admite inúmeras interpretações e, por isso, distancia-se enormemente do fechamento produzido pela informação. Se a Psicologia Social desejar contribuir para a produção de um mundo democrático, ela necessita aceitar como sua a tarefa de imprimir nos indivíduos e nos grupos as características psicossociais ligadas à tolerância e à reflexividade, condições fundamentais para a participação. (p. 6)

Tais constatações apontam para o fato de que a realidade nos mostra outras direções, que ultrapassam aquelas vislumbradas quando elaboramos um projeto de pesquisa. Dessa forma, torna-se necessário que o pesquisador adapte seu olhar ao novo objeto que emerge em sua frente, reavaliando os métodos e procedimentos propostos. É preciso que a pesquisa siga o objeto, e não que o objeto seja moldado à pesquisa.

Neste sentido, percebe-se a relevância das considerações formuladas por Canevacci⁷⁷, baseado em autores como Bateson e Benjamim, no qual “o objeto e o método construir-se-iam reciprocamente, sendo que, na sua construção, é imanente a destruição” (Tassara, Rabinovich & Goubert, 2004, p. 333). Esta dissertação se propôs, dessa forma, a apresentar o resultado deste encontro entre os objetivos iniciais do estudo e a realidade acessada através dos relatos coletados.

Considerando tal contexto, a partir do qual o tema da violência emergiu com muita força, e a partir da reflexão a respeito da ética nesta pesquisa, foi tomada a decisão a respeito da forma de apresentação dos dados, que confere à primeira parte desta dissertação seu teor literário. Tal reflexão consta no item a seguir.

1.3 Sobre a ética da pesquisa

Pesquisas com seres humanos requerem alguns procedimentos padrão. Aqueles previstos e recomendados pelos Comitês de Ética foram aqui adotados e realizados, tal como segue.

Todos os procedimentos previstos neste projeto foram objeto de revisão ética e seguiram os preceitos da Resolução 196/96 (Brasil, 2000). Dessa forma, os primeiros passos desta pesquisa consistiram na inscrição desta pesquisadora no sistema de cadastro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), na submissão deste projeto a um Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos (através da Plataforma Brasil) e na subsequente aprovação do mesmo, pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da USP.

Para cada sujeito participante do presente estudo, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)⁷⁸, o qual foi elaborado em linguagem clara e de fácil compreensão, contendo o objetivo do estudo, bem como os dados do pesquisador para contato do participante sempre que este julgasse necessário. Foi garantida a liberdade dos participantes de desistirem de participar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo e, também, o direito de utilização dos dados e do material coletado somente para fins de pesquisa.

⁷⁷ Cf. Canevacci (1993).

⁷⁸ Os modelos dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – de participantes e responsável (no caso dos sujeitos menores de idade) – constam nos Apêndices A e B, p. 154 e 155.

Somente após a aprovação do presente projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética; esclarecimento detalhado do estudo para o participante; leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; e a entrega de uma cópia do mesmo para os sujeitos participantes (e para a pesquisadora), deu-se início às entrevistas para fins da coleta de dados.

As entrevistas para coleta das histórias de vida foram gravadas através de um gravador de áudio digital. Os entrevistados tiveram acesso às transcrições das gravações de seus depoimentos, para que fizessem as alterações que julgassem conveniente no registro escrito de sua fala. A análise dos dados foi realizada somente após a revisão dos depoimentos pelos entrevistados, sendo baseada na versão revisada e aprovada pelos mesmos.

Os sujeitos participantes desta pesquisa tiveram total direito de tirar eventuais dúvidas sobre o andamento da pesquisa, a qualquer momento, tendo a garantia de que todas as suas perguntas seriam respondidas. Os participantes também não tiveram despesas pessoais no transcorrer da realização da pesquisa, bem como não tiveram nenhuma recompensa financeira em função de sua participação. Foi assegurado aos participantes que, caso viessem a sentir, por ventura, algum desconforto psicológico em razão da pesquisa, obteriam encaminhamento para atendimento psicológico gratuito.

É no que se refere ao *anonimato* dos sujeitos desta pesquisa que a questão da ética tornou-se algo a ser pensado com ainda maior cautela. Inicialmente, os termos de consentimento asseguravam a não identificação dos sujeitos. Entretanto, no transcorrer da investigação, tomamos conhecimento de que um dos membros da família já era uma figura pública (o neto de Dona Maria que havia escrito um livro). Por esse motivo, cogitamos a utilização dos nomes verdadeiros de todos os sujeitos. A justificativa era a de que este fato tornaria frágil qualquer tentativa de omissão de sua identidade, pois sua história, ocorrida em um bairro pequeno, já era conhecida. Dessa forma, a informação de que ele era daquele bairro já seria suficiente para a sua identificação, mesmo utilizando-se de um nome fictício.

Por ocasião da entrega das transcrições das entrevistas, o procedimento adotado, então, foi o de perguntar aos participantes sobre a possibilidade de que seus nomes verdadeiros aparecessem na pesquisa. Assim, à medida que lessem seus depoimentos, poderiam alterar informações que julgassem inconvenientes, tendo ciência de que sua identidade seria revelada. No encontro seguinte, seriam devolvidos os depoimentos com as correções, seria entregue um novo termo de consentimento livre e esclarecido, onde constaria o novo acordo referente a essa questão. Considerando esta decisão, todas as fotos feitas por eles teriam a indicação de seus nomes completos.

Entretanto, por ocasião do exame de qualificação deste projeto, sugeriu-se a realização de mais uma entrevista – com Alexandre, o filho de Dona Maria – e, analisando a totalidade das declarações da família, concluiu-se que o contexto no qual eles estão inseridos poderia vir a apresentar riscos para eles, caso suas identidades fossem reveladas. Tal constatação está diretamente relacionada ao tema que emergiu de todas as narrativas coletadas, tema este referente à “violência”. Assim, a problemática do anonimato / não anonimato voltou à pauta, tornando necessário repensar o procedimento a adotar, considerando todos os elementos que compunham o panorama dos dados.

Dessa forma, a primeira decisão foi a de retirar o máximo possível de informações que permitissem a identificação dos sujeitos, implicando na retirada de informações como os nomes do bairro e da cidade em que eles residem, e de dados que pudessem levar à sua fácil identificação⁷⁹. Embora tal escolha acarrete em uma perda significativa no que diz respeito à discussão sobre a relação sujeitos-bairro-cidade, que poderia vir a resultar em impacto positivo sobre tal relação, e, apesar de os participantes da pesquisa terem demonstrado total aceitação do não anonimato, optou-se por priorizar a proteção de suas identidades.

As decisões seguintes foram as de não utilizar as fotos feitas pelos sujeitos, as quais faziam parte do procedimento percurso comentado / itinerário; a de não incluir em anexo os depoimentos na íntegra, por apresentarem descrições do território permitindo sua identificação; e uma mudança na apresentação dos dados, a qual deveria dar conta de um desafio – o de *discutir o tema identidade, preservando as identidades* dos sujeitos em questão.

Concluimos do percurso da pesquisa que a questão ética no que concerne à avaliação da extensão dos riscos da participação em uma pesquisa *ultrapassa a simples assinatura de um termo de consentimento assegurando o anonimato*. Devemos estar atentos para a questão ética em todos os passos da pesquisa, do contato com os sujeitos até o relato final da investigação. Ficam aqui algumas questões:

A decisão de revelar ou não a identidade do sujeito da pesquisa cabe a quem? Ou seja, quem tem as melhores condições de avaliar o verdadeiro risco que alguém corre ao participar de uma pesquisa? Alguém, de fato, pode assegurar tal proteção?

Em estudos que envolvem a questão da violência, o que deve ser priorizado? A proteção dos entrevistados, “assegurada” pelos pesquisadores através do anonimato, ou a

⁷⁹ Também por essa razão, a aprovação do Comitê de Ética relativo a este projeto não será anexado ao fim do trabalho, por conter informações sobre o local da pesquisa.

revelação da identidade, uma vez que biografias tendem a ser únicas e pode não haver desejo por parte do sujeito de que seja omitida?

E quanto ao território, este deveria ser revelado ou não, uma vez que, a partir da discussão elaborada através da investigação, podem ser abertas possibilidades de ressignificação das relações ali existentes?

As respostas para tais perguntas fogem ao escopo deste trabalho. Ficam, porém, como indagações a serem feitas para além de procedimentos mecânicos constantes em manuais de ética. A ética na pesquisa deve ser a prática do *cuidado*, acima de tudo e em todos os momentos.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Nós enxergamos tudo num espelho, obscuramente. Às vezes conseguimos espiar através do espelho e ter uma visão de como são as coisas do outro lado. Se conseguíssemos polir mais esse espelho, veríamos muito mais coisas. Porém não enxergaríamos mais a nós mesmos".

[Através do espelho,
Jostein Gaarder, 1995, p. 125]

Atravessamos o espelho ou melhor dizendo – no caso deste estudo – atravessamos o estigma.

Partimos daquilo que nos foi apresentado sobre o bairro em questão, desde as primeiras incursões no território, pelos sujeitos entrevistados e pelas observações, e procuramos avançar na compreensão da vida destes personagens e deste cenário, tão permeado pela violência e pela estigmatização gerada por ela.

O intuito das reflexões aqui apresentadas foi o de lançar luz sobre o panorama formado pelo mosaico dos relatos, para que pudéssemos chegar a um melhor entendimento da origem e das consequências daquilo que os sujeitos chamaram de violência (em todos os seus aspectos).

Relembramos que a violência e a estigmatização das identidades foram temas que emergiram da coleta de dados, sobressaindo-se em todos os relatos e tornando necessário o estudo de suas circunstâncias de aparição para o caso estudado, em detrimento de alguns temas propostos no princípio da investigação.

Entretanto, ressaltamos aqui que as discussões e reflexões realizadas mostraram-se de extrema relevância, configurando-se, em nossa opinião, em subsídios para estudos posteriores dos temas propostos inicialmente nesse trabalho. Isso quer dizer que o estudo realizado não supõe a impossibilidade do estudo antes pensado – a respeito da participação e da ambiência – mas, ao contrário, “prepara o terreno” para eventuais investigações futuras.

Cabe ressaltar que o presente trabalho se pretendeu uma tentativa de compreensão de tais fenômenos – estigma e violência, principalmente – dentro da estrutura social, e de suas implicações para a vida e a identidade das pessoas entrevistadas. Ao mesmo tempo, foi possível perceber que a situação do bairro estudado pode ser considerada emblemática da atualidade não só daquela cidade, mas do Brasil e, de acordo com Wacquant (2007), também do mundo.

A partir dos relatos e da articulação teórica oferecida neste trabalho espera-se que seja possível, então, visualizar de forma mais clara o possível caminho através do qual emerge isso que chamamos de “violência”. A título de conclusão, poderia se entender, assim, que a questão da violência não pode ser atribuída somente a características individuais, nem apenas à sociedade em que o indivíduo se encontra inserido. Esperamos ter mostrado, através das discussões, que a problemática existente no território estudado – a questão da violência – pode ser identificada como resultado ou até como um elemento intrínseco a determinadas interações humanas (estereotipadas, hierarquizadas e subjugadoras) e que a sua maior contraposição é representada pela possibilidade de metamorfose (nos âmbitos individual e coletivo).

Considerando a interação humana o meio através do qual sujeitos se constituem (em termos de identidade), seria, então, a partir de tais interações, que emerge uma determinada estrutura social, a qual contribui, por sua vez, com a constituição dos sujeitos (um caminho de mão dupla). E, como pudemos ver, a estrutura social atual mostra-se historicamente organizada de forma hierárquica e subjugadora, originando, alimentando e justificando a disseminação da violência.

O intuito desta investigação foi, então, o de lançar luz sobre a realidade encontrada, de forma conhecer os caminhos percorridos pelo estigma e pela violência e, dessa forma, identificar possibilidades de superação e transcendência da situação de subjugação na qual se encontram famílias e bairros como o do caso estudado.

Este trabalho termina, assim, em termos institucionais, mas almeja ter deixado portas abertas para o aprofundamento dos temas que trouxe para a discussão e de outros previstos, mas não explorados nesta oportunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ab'Saber, A. (2001) Refletindo sobre questões ambientais. In Tassara, E.T.O. (Org.) *Psicologia e ambiente*. Psicologia USP, v. 16, n. ½, p. 19-34.

Appiah, K. A. (2010) *The Honor Code. How moral revolution happen*. New York: W. W. Norton & Company.

Ardans Bonifacino, H. O. (2001) *Apontamentos sobre a metamorfose humana: um ensaio de psicologia social*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo.

_____. (2009) *Clínica psicossocial da identidade: subsídios para uma teoria da intervenção psicossocial em problemáticas socioambientais com base na análise das relações do pensamento de J. Habermas com a teodicéia*. São Paulo, 2009. Tese (Livre-Docência), 215 p.. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

_____. (2013). *Workshop "Reflexividade, self e política ambiental: a intervenção como construção compartilhada do futuro socioambiental planetário."* Grupo de Política Ambiental do Instituto de Estudos Avançados (Coord. Eda Tassara). São Paulo: Instituto de Estudos Avançados – Universidade de São Paulo. Disponível em: http://iptv.usp.br/portal/home.jsp?tipo=0&_InstanceId=0&_EntityIdentifier=uspoYKtt44drJCQ_MzYT9K9pHCPClqE01uMGuPUXcYgqsE.&idRepositorio=0&modelo=0 . Acesso em: 10 de julho de 2013.

Asch, S. E. (1952) *Psicologia Social*. Trad. Dante M. Leite e Miriam M. Leite. 4ª Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

Augé, M. (1999) *O sentido dos outros: atualidade da antropologia*. (Francisco da Rocha Filho trad.) Petrópolis: Vozes.

_____. (1994/1997) *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. (Clarisse Meireles e Leneide Duarte trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Baldwin, J. M. (1897) *Social and ethical interpretations*. New York: Macmillan.

Bateson, G. (1972), *Steps to an ecology of mind*. Chicago, The University of Chicago Press.

Bazilli. C. Et. Al. (1998) *Interacionismo simbólico e teoria dos papéis: uma aproximação para a psicologia social*. São Paulo: EDUC.

Becker, H. (1999). *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. (Marco Estevão e Renato Aguiar trans., Márcia Arieira rev. Tec.) 4ª Ed. São Paulo: Hucitec.

_____. (1963/1973) *Outsiders. Studies in the sociology of deviance*. New York: Free Press Paperback.

Berger, P. L. & Luckmann, T. (1996/2008) *A construção social da realidade: tratado da sociologia do conhecimento*. 28ª Ed. Trad. Floriano de S. Fernandes. Petrópolis: Vozes.

Blumer, H. (1969) *Symbolic Interactionism: perspective and method*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação*. (Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos, Telmo Mourinho Baptista trans.) Porto: Porto Editora.

Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. *Resolução CNS 196/96 e outras Normas para pesquisas envolvendo seres humanos*. (Série Cadernos Técnicos). Brasília, Brasil: Ministério da Saúde, 2000.

Canevacci, M. A (1993) *Cidade Polifônica. Ensaio sobre a Antropologia da Comunicação Urbana*. São Paulo: Studio Nobel.

Carroll, L. (1871/2009) *Alice no país do espelho*. (William Lagos trad., André Luís de Godoy Vieira e Renato Deitos revs.) Coleção L&PM Pocket. Ilustrações de John Tenniel. Porto Alegre: L&PM.

Ciampa, A. C. (1987) *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense.

Ciampa, A. da C. (1984) Identidade. In LANE, S. T. (Org.) (1984) *Psicologia Social – O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, p. 58-75.

Cooley, C. H. (1902) *Human nature and the social order*. New York: Charles Scribner's Sons.

Cooper, D. E. (1989) *Psiquiatria e antipsiquiatria*. São Paulo: Perspectiva.

Dartigues A. (1973) *O que é a fenomenologia?* (Maria José J. G. de Almeida trad.) Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca LTDA.

Denzin, N. K. & Lincoln, Y. G. (2006). Introdução. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In Denzin, N. K. & Lincoln, Y. G. (2006). *Planejamento da Pesquisa Qualitativa. Teorias e Abordagens*. (Sandra Regina Netz trad., Marília Levacov cons., sup., e rev. tec.) Porto Alegre: Artmed.

Dewey, J. (1939) “Democracia criativa: a tarefa diante de nós.” In de Franco, Augusto e Pogrebinski, Thamy (Orgs.) *Democracia cooperativa: escritos políticos de John Dewey: (1927-1939)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 135-152.

Emicida (2013). Felicidade Ostentação. *Revista Piauí*. Estadão. 19/11/13. Recuperado em 10/12/13, em <http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-musicais/geral/felicidade-ostentacao> .

Erikson, E. (1968) *Identidade, juventude e crise*. (Álvaro Cabral trad.) Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1972.

_____. (1950) *Infância e Sociedade*. (Gildásio Amado trad.) Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1971.

Farr, R. M. (1996) *As raízes da Psicologia Social Moderna (1872-1954)*. (Pedrinho Guareschi e Paulo V. Maya trads.) Petrópolis: Editora Vozes Ltda.

Fernandes, F. (Org.) (1973) *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo.

Freud, S. (1921/1969) Psicologia de grupo e análise do ego (e dois verbetes de enciclopédia). Pequena coleção das obras de Freud extraída da Edição Standard das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. (Christiano Monteiro Oiticica trad.) Rio de Janeiro: Imago Editora.

Gaarder, J. (1995/1998) *Através do espelho*. (Isa Mara Lando trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Gastaldo, E. (2008) Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 23 n.º 68. Recuperado em 10/12/13, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000300013 .

Geertz, C. (1988/2002) “Estar lá”. A antropologia e o cenário da escrita. In GEERTZ, C. (1988/2002) *Obras e vidas: o antropólogo como autor, por Clifford Geertz*. (Vera Ribeiro trad.) Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

_____. (1973/1989) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC-Livros técnicos científicos Editora.

GOFFMAN, E. (1974) *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Nova York, Harper Colophon Books.

_____. (1963/1980) *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes trad.; Gilberto Velho rev. tec.) 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____. (1959/2003) *A representação do Eu na vida cotidiana*. 11ª Ed. (Maria Célia Santos Raposo trad). Petrópolis: Editora Vozes.

Habermas, J. (1983/1989) *Consciência moral e agir comunicativo*. (Guido de Almeida trad.) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Hellpach, W. (1967) *Geopsique. O homem, o tempo e o clima, o solo e a paisagem*. 6ª Edição. Tradução de Miguel Zauppa. São Paulo: Edições Paulinas.

Ichheiser, G. (1949), “Misunderstandings in human relations: a study in false social perception”. *The American Journal of Sociology*. LV: 1-69, july 1949-may 1950, Chicago, The University of Chicago Press. Recuperado em 10/12/13, em <http://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=coo.31924014096121;view=1up;seq=1>

James, W. (1907) *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking / Four Related Essays Selected from "The Meaning of Truth"*. New York/London/Toronto: Longmans, Gren and Co.

_____. (1890/1931) *The Principles of Psychology*. New York: Henry Holt and Company.

Jolé, M. (2005) Reconsiderações sobre o “andar” na observação e compreensão do espaço urbano. *Caderno CRH, Salvador*, 18(45), págs. 423-429, Set/Dez 2005.

Koffka, K. (1935). *Principles of gestalt psychology*. New York: Harcourt Brace.

Korosec-Serfaty, P. (1985) Experience and use of the dwelling. In ALTMAN, I. and WENER, C. M. (1985) (Eds.) *Home Environments. Human behavior and Environment. Advances in theory and research*. Vol. 8. New York: Plenum Press, p. 65-86.

Kruse, L. (2004) Globalização e desenvolvimento sustentável como questões da psicologia ambiental. In Tassara, E. T. de O., Rabinovich, E. P., Guedes, M. C. (Orgs.). (2004) *Psicologia e ambiente*. São Paulo: EDUC. p. 133-167.

_____. (1987) Environmental Psychology in Germany. In Stokols, D. E Altman, I. (1987) *Handbook of Environmental Psychology*. Malabar: Krieger Publishing Company. p. 1195-1225.

Levi-Strauss, C. (2005) “O remorso da ficção”. Entrevista a Boris Wiserman. (Luiz R. M. Gonçalves trad.) *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais!, 22/05/05

Lewin, K. (1973) *Princípios de psicologia topológica*. (Alvaro Cabral trad.) São Paulo: Cultrix.

_____. (1948) *Problemas de dinâmicas de grupo*. São Paulo: Cultrix, 1983.

Lynch, K. (1960/1999) *A imagem da cidade*. (J. L. Camargo trad.) São Paulo: Martins Fonte.

Magaldi, S. (1999) Princípios estéticos desentranhados das peças de Pirandello sobre o teatro. In Guinsburg, J. (Org.) *Pirandello. Do teatro no teatro*. São Paulo: Perspectiva, p. 15-34.

Magnani, J. G. C. (2002) De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49). São Paulo, jun/2002. Recuperado em 10/12/13, de http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/de_perto_de_dentro.pdf

_____. (1991) *A rua quinze, de praça a praça – um exercício antropológico*. Recuperado em 10/12/13, de http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2011/11/rua_quinze.pdf

Malinowsky, B. (1967/1997) *Um Diário no sentido estrito do termo*. (Celina Falck trad.) Rio de Janeiro: Record.

_____. (1976). *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Abril.

Marcondes Filho, C. (2001) *Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira*. São Paulo Perspectiva, 15 (2), p. 20-27, abr/jun.

Melo Neto, J. C. (1955) *Morte e vida severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Milgram, S. (1970). A experiência de viver na cidade: Adaptações à sobrecarga urbana criam qualidades características à vida nas cidades que podem ser mensuradas (André de Almeida Lara trad.) *Série: Textos de Psicologia Ambiental*, No 07. Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. (original 1970).

Morris, C. W. (1934/2010) (Org.) *Mente, Self e Sociedade. Coleção Subjetividade Contemporânea*. (Maria Silvia Mourão trad.). São Paulo: Idéias & Letras.

Nöthen, N. De O. (2010) *Os Questionamentos “Quem eu sou?” e “Quem eu quero ser?” na adolescência: Um estudo sobre a identidade psicossocial de adolescentes de uma cidade do Rio Grande do Sul, Brasil*. Trabalho de Conclusão de curso. Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, 2010, 84 págs.

Okamura, C. (2004) *Arouche 2004: Uma incursão no território urbano da cidade de São Paulo através de seus personagens. Estudo psicossocial sobre encontros e desencontros entre olhares, imagens e paisagens - diagnóstico para uma intervenção ambiental*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 300 págs.

Park, R. (1928) *Prólogo*. In Wirth, L. (1928) *The Ghetto*. Chicago: The University of Chicago Press.

Park, R. E., Burgess, E. W. & McKenzie R. D. (1925). *The city: Suggestions for the investigation of human behavior in the urban environment*. Chicago and London: The University of Chicago Press.

Peirce, C. S. (/1977) *O que é Pragmatismo*. In Peirce, C. S. (1905/1977) *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva.

Pereira, L. (Org.) (1978) *Populações “marginais”*. São Paulo: Duas Cidades

Petiteau, J-Y. (2006). La méthode des itinéraires ou la mémoire involontaire. In Berque A., Bonin, P. De Biase A., Loubes J-P., & Petiteau J-Y. *Colloque Habiter dans sa poétique*

première, 1-8 septembre 2006. Cerisy-La-Salle. Conférence donnée le 3 septembre. 16 p. Actes à paraître.

Petiteau, J-Y & Pasquier, E. (2001) La méthode des itinéraires: récits et parcours. In Grosjean, M. & Thibaud, J-P (Orgs.). (2001) *L'espace urbain en méthodes*. Marseille: Éditions Parenthèses. Págs. 63-77.

Pol, E. (2007) Blueprints for a History of Environmental Psychology (II): From Architectural Psychology to the challenge of sustainability. Medio Ambiente y Comportamiento Humano: *Revista Internacional de Psicología Ambiental*. Vol. 8, nº. 1-2. Págs 1-28. Disponível em: http://webpages.ull.es/users/mach/PDFS/Vol8_1y2/Vol8_1y2_a.pdf. Acesso em: 10/06/12.

_____. (2006) Blueprints for a History of Environmental Psychology (I): From First Birth to American Transition. Medio Ambiente y Comportamiento Humano: *Revista Internacional de Psicología Ambiental*. Vol. 7, nº. 2. Págs. 95-113. Recuperado em 10/06/12, de: http://webpages.ull.es/users/mach/PDFS/Vol7_2/Vol7_2_e.pdf.

Queiroz, M. I. P. de. (1998). Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In VON SIMSON, O. De M. (Org.) *Experimentos com Histórias de vida: Itália – Brasil*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais - Enciclopédia aberta de Ciências Sociais, Vol. 5, p. 14-43.

Quijano, A. (1966) Notas sobre o conceito de marginalidade social. In Pereira, L. (Org.) (1978) *Populações “marginais”*. São Paulo: Duas Cidades, p. 11-71.

_____. Estrutura urbana e marginalidade social. In Pereira, L. (Org.) (1978) *Populações “marginais”*. São Paulo: Duas Cidades, p. 167-196.

Rabinovich, E. P.; Okamura, C.; Tassara, E. T. De O. (2002) Poética e história de um bairro paulistano segundo o relato de um morador afro-brasileiro. In Martínez, J. G.; Doménech, S. M. (2002) *Temas selectos de Psicología Ambiental*. Mexico: UNAM, Greco, Fundación Unilibre, 2002.

Rockwell, E. (2009) *La experiencia etnográfica: historia y cultura em los procesos educativos*. Buenos Aires: Paidós.

Rosenfeld, A. (1973) *Texto / contexto*. São Paulo: Perspectiva.

Rufato, M. A. (2010) *Imigração e relações raciais na cidade moderna: a teoria social de Louis Wirth*. (Dissertação de mestrado). Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Mário Antônio Eufrásio. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Santos, M. (1996) *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC.

Sawaia, B. (2004) Uma análise da violência pela filosofia da alegria: paradoxo, alienação ou otimismo ontológico crítico? In SOUZA, L. E TRINDADE, Z. A. (Orgs.) (2004) *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 21-42.

Scheibe, K. E. (1995) Historical Perspective on the presented self. In Scheibe, K. E. (1995) *Self Studies: the psychology of self and identity*. Westport, Conn: Praeger Publishers, p. 23-54.

Scherer-Warren, I. (2002). Movimentos sociais e participação. In: Sorrentino, M. (Ed.). *Ambientalismo e participação na contemporaneidade*. São Paulo: EDUC/ FAPESP, p. 41-56.

Schmidt, M. L. S. (2006) Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. *Revista Psicologia USP*, 17(2), p. 11-41.

Schutz, A. (1970) *Fenomenologia e Relações Sociais*. Textos escolhidos de Alfred Schutz. Organização e introdução de Helmut R. Wagner. (Ângela Melin trad.) Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Simmel, G. (1903 [1970]) The metropolis and mental life. In: Gutman, R.; Popeone, D. (Eds.), *Neighborhood, city and metropolis: An integrated reader in urban sociology* (pp. 777-787). New York: Random House.

_____. (1971), *On individuality and social forms*. Coletânea organizada por Donald Levine, Chicago, The University of Chicago Press.

_____. (1964), *Conflict*. (Kurt H. Wolff Trad.) Nova York, The Free Press.

Sombart, W. (1907) Der Begriff der Stadt und das Wesen der Städtebildung. *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, 25, 1-9.

Souza, L. E Trindade, Z. A. (Orgs.) (2004) *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 21-42.

Stonequist, E. (1937) *The marginal man*. New York: Charles Scribner's Son.

Strauss, A. L. (1997 [1999]) *Espelhos e Máscaras. A busca de identidade*. (Geraldo Gerson de Souza trad.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Tassara, E. T. De O. (2009) *Formas organizativas de coletivos sociais e políticos em cidades latino-americanas: um estudo psicossocial do enraizamento em fronteiras urbanas-periurbanas no território de São Paulo-SP*. São Paulo, 2009, 49 p. Projeto de pesquisa para Bolsa de Produtividade CNPq. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Tassara, E. T. De O. (2007) Urbanidade e Periurbanidade(s). Reflexões sobre dimensões psicossociais das dinâmicas históricas. *Revista Eletrônica Série Documenta*, nº 17, "Comunidade - Meio Ambiente - Desenvolvimento". Programa de Mestrado e Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS – Cátedra UNESCO de Desenvolvimento Durável, ISSN 1982-4297, 2007. Recuperado em 10/12/2011, de <http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/arqanexos/documenta/documenta17_artigo7.pdf >

Tassara E. T. De O. (2006) O Pensamento Contemporâneo e o Enfrentamento da Crise Ambiental: uma análise desde a psicologia social. (Posfácio). In Carvalho, I. C. De M., Grün, M. & Trajber, R. (Orgs.) (2006) *Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, p. 221-233.

Tassara, E. T. De O. (2002) Avaliação de projetos sociais. Uma alternativa política de inclusão? In Souza, L. & Trindade, Z. A. (Orgs.) (2004) *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 21-42.

Tassara, E. T. De O. & Ardans, O. (2012) *Proposta de criação do Centro Articulador de Estudos e Investigações em Política Ambiental integrando atividades do Laboratório de Psicologia Socioambiental e Intervenção (LAPSI-IPUSP), do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC-UNESCO-SP) e do Grupo de Estudos em Psicologia Socioambiental (IEA-USP)*. Texto apresentado ao Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP).

Tassara, E. T. De O. & Ardans, O. (2007) A relação entre ideologia e crítica nas políticas: reflexões a partir da psicologia social. *Revista de Psicologia Política* [online]., vol.7, n.14, pp. 0-0. ISSN 1519-549X. Recuperado em 15/11/13, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2007000200008&script=sci_arttext

Tassara E. T. De O., Ardans-Bonifacino, O. A. & Oliveira, N. N. (2013) Psicologia Socioambiental: Uma Psicologia Social articulando psicologia, educação e ambiente. *Revista Latinoamericana de Psicologia*. 45(3), p. 423-433. Recuperado em 20/12/13, de <http://publicaciones.konradlorenz.edu.co/index.php/rlpsi/article/view/1484>

Tassara, E. T. De O. & Rabinovich, E. P. (2001) A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda. In Tassara, E. T. De O. (Org). (2001) *Panoramas Interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano*. São Paulo: EDUC, p. 211-367.

Tassara, E. T. De O., Rabinovich, E.P. & Goubert, J-P. (2004). O lugar da poética nas relações pessoa-ambiente. O caso da Barra Funda: uma arqueologia de um elo social em vias de desaparecimento. In Tassara, E. T. de O., Rabinovich, E. P., Guedes, M. C. (Orgs.) (2004) *Psicologia e ambiente*. São Paulo: EDUC, p. 331-345.

Thomas, W. (1966) *On social organization and social personality*. Selected papers. Chicago, The University of Chicago Press.

Thurnwald, R. (1904) Stadt und Land im Lebensprozeß der Rasse. *Archiv für Rassen: und Gesellschaftsbiologie*. 1, p. 718-735.

Todorov, T. (1973) *Poética*. Lisboa: Teorema.

Valladares, L. P. (2010). A visita do Robert Park ao Brasil, “homem marginal”, e a Bahia como laboratório. *Caderno CRH, Salvador*, v. 23, n. 58, p. 35-49, Jan./Abr. 2010. Recuperado em 10/12/13, em <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=738>.

Velho, G. (2008). Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23(68), p. 145-147. Recuperado em 15/11/13, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092008000300012&script=sci_arttext

_____. (1997/1999) Prefácio. In Strauss, A. L. (1997/1999) *Espelhos e Máscaras. A busca de identidade*. (Geraldo Gerson de Souza trad.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

_____. (1974/1981) *Desvio e divergência. Uma crítica da patologia Social*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1967) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Villacañas, J. L. (1998) “El derecho a la identidad cultural”. In *Revista valenciana d’estudis autonòmics*. 24, p. 17-48.

Von Uexküll, J. (1957) A stroll through the worlds of animals and man (With G. Kriszat). In C. H. Schiller (Ed.) *Instinctive behavior* (p. 5-80). New York: International Universities Press.

_____. (1921) *Umwelt und Innenwelt der Tiere* (2ª ed.). Berlin: Springer.

Wacquant, L. (2008). *As duas faces do Gueto*. (Paulo Cezar Castanheira trad.). São Paulo: Boitempo.

_____. (2007) *Los condenados de La ciudad. Gueto, periferias e Estado*. (Marcos Mayer trad.) Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina.

Weil, S. (1996). O desenraizamento. In: Bosi, E. (Ed.). *Simone Weil: A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. (Theresinha. G. Langlada trad.) 2ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 407-440.

_____. (1949) *O enraizamento*. (Maria Leonor Loureiro trad.) Bauru: EDUSC, 2001.

Wirth, L. (1944) Os desafios da cidade e da metrópole. In Fernandes, F. (Org.) (1973) *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, p. 501-514.

_____. (1938/1970) Urbanism as a way of life. In Gutman, R.; Popeone, D. (Eds.), *Neighborhood, city and metropolis: An integrated reader in urban sociology* (p. 54-69). New York: Random House.

_____. (1928) *The Ghetto*. Chicago: The University of Chicago Press.

Yin, R. K. (2005) *Estudo de caso: planejamento e métodos*. (Daniel Grassi trad.) 3ª Ed. Porto Alegre: Bookman.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Participante

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dirigido ao participante da pesquisa

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “Movimentos sociais e participação. Um estudo para a compreensão do lugar da ambiência nas vinculações identitárias”, que tem por objetivo investigar possíveis relações entre a participação em associações civis (ou movimentos sociais), o enraizamento no território e a espacialização da identidade.

Para tanto, serão realizadas entrevistas com pessoas que participem de uma associação ou movimento social em Jacareí-SP, as quais serão realizadas no território ao qual o sujeito e a associação pertençam. Nessas entrevistas, buscaremos compreender, através da história da vida e da participação de cada pessoa entrevistada, as relações entre os temas referidos anteriormente. As entrevistas serão gravadas, mediante autorização dos entrevistados e integralmente transcritas. Cópias da transcrição serão oferecidas aos entrevistados. Será, também, disponibilizada uma câmera fotográfica para que o entrevistado registre visualmente as paisagens do território às quais ele se refira durante a entrevista, se assim o desejar.

O acompanhamento do estudo será permitido aos participantes, abrindo a eles perspectivas para que possam se interessar pelos conhecimentos produzidos ao longo de seu desenvolvimento. O registro dos depoimentos será utilizado somente para fins de pesquisa, sem a identificação dos sujeitos entrevistados – serão utilizados nomes fictícios, sendo possível a escolha, por cada entrevistado, de seu respectivo nome fictício.

Você tem o direito de não participar desta pesquisa. Caso aceite participar, poderá interromper o processo em qualquer momento que considerar adequado. Além disso, está assegurado o seu direito de não relatar aspectos considerados inoportunos. Asseguramos que esse estudo não apresenta nenhum tipo de risco, as informações fornecidas por você serão sigilosas e confidenciais, sendo utilizadas exclusivamente para os fins desta pesquisa e seu nome não será divulgado em nenhum dos relatórios ou publicações realizadas.

Qualquer dúvida ou esclarecimento relativo à pesquisa, você pode entrar em contato com a mestrande Nicole Nöthen de Oliveira ou com a orientadora do estudo, Professora Eda Terezinha de Oliveira Tassara ou através do endereço Av. Prof. Mello Moraes, nº 1721, Bloco A, sala 145 - CEP 05508-030 - Cidade Universitária – São Paulo – SP; ou dos e-mails: nicolenothern@usp.br ou lapsi@usp.br ou ainda pelos telefones (11) 8450-0656 ou (11) 3091-5024 ou (11) 3091-4184.

Eu, _____, RG _____, concordo em participar desta pesquisa e informo que estou ciente dos objetivos do estudo, assim como da confidencialidade acerca da minha identidade. Estou ciente que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a esta pesquisa. Entendo, também, que posso deixar de participar a qualquer momento do trabalho sem que isso acarrete prejuízo de qualquer ordem e sem necessidade de explicação alguma. Em caso de eventuais desconfortos trazidos pela minha participação nessa pesquisa, se caracterizada a necessidade de atendimento psicológico, tenho clareza de que o pesquisador responsabilizar-se-á pelo meu encaminhamento a um serviço de atendimento psicológico gratuito. Concordo em participar, bem como autorizo, para fins de pesquisa e de divulgação científica, a utilização do registro de meu depoimento e das imagens geradas por mim durante este estudo (desde que sejam respeitados os direitos de uso de imagem).

Declaro que recebi cópia do Termo de Consentimento.

Assinatura do sujeito participante _____

Assinatura da mestrande Psicóloga Nicole Nöthen de Oliveira _____

Assinatura da orientadora Professora Eda Terezinha de Oliveira Tassara _____

Data: ____ / ____ / ____

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – IPUSP

Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, sala 27

CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP

Telefone: (11) 3091-4182

Homepage: http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=312&Itemid=283&lang=pt

APÊNDICE B – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Responsável

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dirigido ao responsável do participante da pesquisa (menor de 18 anos)

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “Movimentos sociais e participação. Um estudo para a compreensão do lugar da ambiência nas vinculações identitárias”, que tem por objetivo investigar possíveis relações entre a participação em associações civis (ou movimentos sociais), o enraizamento no território e a espacialização da identidade.

Para tanto, serão realizadas entrevistas com pessoas que participem de uma associação ou movimento social em Jacareí-SP, as quais serão realizadas no território ao qual o sujeito e a associação pertençam. Nessas entrevistas, buscaremos compreender, através da história da vida e da participação de cada pessoa entrevistada, as relações entre os temas referidos anteriormente. As entrevistas serão gravadas, mediante autorização dos entrevistados e integralmente transcritas. Cópias da transcrição serão oferecidas aos entrevistados. Será, também, disponibilizada uma câmera fotográfica para que o entrevistado registre visualmente as paisagens do território às quais ele se refira durante a entrevista, se assim o desejar.

O acompanhamento do estudo será permitido aos participantes, abrindo a eles perspectivas para que possam se interessar pelos conhecimentos produzidos ao longo de seu desenvolvimento. O registro dos depoimentos será utilizado somente para fins de pesquisa, sem a identificação dos sujeitos entrevistados – serão utilizados nomes fictícios, sendo possível a escolha, por cada entrevistado, de seu respectivo nome fictício.

O seu filho / filha tem o direito de não aceitar participar desta pesquisa. Caso aceite participar, poderá interromper o processo em qualquer momento que considerar adequado. Além disso, está assegurado o seu direito de não relatar aspectos considerados inoportunos. Asseguramos que esse estudo não apresenta nenhum tipo de risco, as informações fornecidas por você serão sigilosas e confidenciais, sendo utilizadas exclusivamente para os fins desta pesquisa e seu nome não será divulgado em nenhum dos relatórios ou publicações realizadas.

Qualquer dúvida ou esclarecimento relativo à pesquisa, você pode entrar em contato com a mestrande Nicole Nöthen de Oliveira ou com a orientadora do estudo, Professora Eda Terezinha de Oliveira Tassara ou através do endereço Av. Prof. Mello Moraes, nº 1721, Bloco A, sala 145 - CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo - SP; ou dos e-mails: nicolennothen@usp.br ou lapsi@usp.br ou ainda pelos telefones (11) 8450-0656 ou (11) 3091-5024 ou (11) 3091-4184.

Eu, _____, RG _____, responsável por _____, dou autorização ao mesmo / mesma para que participe desta pesquisa e informo que estou ciente dos objetivos do estudo, assim como da confidencialidade acerca de sua identidade. Estou ciente que ele / ela receberá resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a esta pesquisa. Entendo, também, que ele / ela poderá deixar de participar a qualquer momento do trabalho sem que isso acarrete prejuízo de qualquer ordem e sem necessidade de explicação alguma. Em caso de eventuais desconfortos trazidos pela sua participação nessa pesquisa, se caracterizada a necessidade de atendimento psicológico, tenho clareza de que o pesquisador responsabilizar-se-á pelo seu encaminhamento a um serviço de atendimento psicológico gratuito. Autorizo também, para fins de pesquisa e de divulgação científica, a utilização do registro de seu depoimento e das imagens geradas por ele/ ela durante este estudo (desde que sejam respeitados os direitos de uso de imagem).

Declaro que recebi cópia do Termo de Consentimento.

Assinatura do responsável _____

Assinatura do sujeito participante _____

Assinatura da mestrande Psicóloga Nicole Nöthen de Oliveira _____

Assinatura da orientadora Professora Eda Terezinha de Oliveira Tassara _____

Data: ____ / ____ / ____

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – IPUSP

Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, sala 27

CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP

Telefone: (11) 3091-4182

Homepage: http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=312&Itemid=283&lang=pt

APÊNDICE C – NOTAS SOBRE O PERCURSO DA PESQUISADORA E DA PESQUISA

O interesse nos temas tratados neste estudo surgiu no transcorrer de minha graduação em Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria-RS, a partir de minha participação como pesquisadora integrante do Laboratório de Psicologia Socioambiental e Intervenção (LAPSI-UFSM)⁸⁰, desde 2007.

Já nos primeiros semestres do curso de Psicologia, em 2006, foi possível identificar uma afinidade com temas da Psicologia Social e, mais tarde, especificamente com a Psicologia Socioambiental, perspectiva adotada pelo LAPSI. A participação neste laboratório me possibilitou o contato e a inserção em projetos de pesquisa e extensão, de tal forma que pude dar início a minha busca científica.

O primeiro projeto do qual participei como membro deste laboratório desenvolveu-se nos anos de 2008 e 2009, intitulava-se “*Coletivos Educadores para Territórios Sustentáveis (CETS-Vacacaí)*”⁸¹ e tinha como objetivo buscar subsídios para a implantação de programa homônimo do Governo Federal, tendo como instituição proponente a UFSM. De acordo com o site oficial do Ministério do Meio Ambiente (MMA), os CETS são conjuntos de instituições que promovem “processos formativos permanentes, participativos, continuados e voltados à totalidade e diversidade de habitantes de um determinado território”⁸². Ainda segundo o site do MMA, os CETS têm como papel promover a articulação institucional e de políticas públicas, a reflexão crítica e criar condições para o desenvolvimento de ações e formação em Educação Ambiental com a população do contexto, em busca da construção de territórios sustentáveis. O objetivo é a formação de atores sociais/ educadores ambientais populares que sejam críticos e atuantes a respeito dos assuntos relativos à problemática socioambiental.

O segundo projeto do qual participei através do LAPSI, realizado no ano de 2010, intitulava-se “*Oficinas sobre identidade na adolescência*”⁸³, sendo este um projeto de extensão destinado a jovens de ensino médio, com o intuito de fomentar discussões a respeito

⁸⁰ Grupo de pesquisa coordenado pelo Professor Héctor Omar Ardans-Bonifacino, Professor Adjunto do Curso de Psicologia da UFSM, que também exerceu o papel de co-orientador deste trabalho de mestrado, de modo extra-oficial.

⁸¹ Para o desenvolvimento deste projeto, foram concedidas a mim bolsas de iniciação científica FIPE (Fundo de Incentivo à Pesquisa da UFSM), durante dois anos consecutivos (2008 e 2009).

⁸² Site do Ministério do Meio Ambiente, definição de “Coletivos Educadores”: <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/formacao-de-educadores/item/363>.

⁸³ Para o desenvolvimento deste projeto, foi concedida a mim uma bolsa de extensão FIEIX (Fundo de Incentivo à Extensão da UFSM) (2010).

de suas escolhas profissionais e as relações destas com a construção de suas identidades. Este trabalho estava inserido na linha de pesquisa intitulada “Clínica Psicossocial da Identidade: política, socioambiente e saúde”. Tal trajetória culminou, ainda no curso de graduação, em minha monografia, intitulada “*Os questionamentos ‘Quem eu sou?’ e ‘Quem eu quero ser?’ na adolescência: Um estudo sobre a identidade psicossocial de adolescentes de uma cidade do Rio Grande do Sul, Brasil*”⁸⁴ (NÖTHEN, 2010), defendida no ano de 2010.

Estes trabalhos realizados sob a perspectiva psicossocial foram fomentando minha busca científica no âmbito da Psicologia Socioambiental, no sentido de compreender as relações pessoa-ambiente, considerando as consequências do modo de vida contemporâneo para a constituição de identidades individuais e coletivas. A fim de continuar e aprofundar meus estudos neste campo da Psicologia Social, prestei seleção para realizar o curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Desta forma, pude integrar também o Laboratório de Psicologia Socioambiental e Intervenção desta mesma universidade (LAPSI-USP), que tem como coordenadora a Professora Eda Terezinha de Oliveira Tassara⁸⁵, orientadora deste trabalho.

Em 2011, já como pesquisadora integrante do LAPSI-USP, iniciei minha participação no projeto de pesquisa intitulado “*Formas organizativas de coletivos sociais e políticos em cidades latinoamericanas: um estudo psicossocial do enraizamento em fronteiras urbanas-periurbanas no território de São Paulo*”⁸⁶, também coordenado pela Professora Tassara⁸⁷. Tal projeto tinha por objetivo contribuir para a compreensão do processo de formação e da dinâmica psicossocial de grupos territorializados, bem como da maneira como estes grupos evoluem e se relacionam com seu entorno.

Como problema geral, o projeto da professora Tassara ocupava-se da participação popular nas fronteiras urbanas-periurbanas de São Paulo e buscava situar as causas e consequências psicossociais do associativismo civil, à luz do conceito teórico de enraizamento.⁸⁸ Neste sentido, o estudo buscava apreender aspectos referentes à formação de uma identidade, quer individual, quer coletiva, como fator de emergência e manutenção de

⁸⁴ Trabalho realizado sob orientação do Professor Ardans.

⁸⁵ Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

⁸⁶ A partir de minha inserção neste projeto, recebi bolsista de Treinamento Técnico (nível TT3) da FAPESP. Tal bolsa teve vigência, inicialmente, de 01/08/2011 a 31/07/2012, com alteração para o período de 01/08/2011 a 31/03/2012, devido à concessão de uma bolsa de mestrado da CAPES, com início de vigência em 1º/04/2012.

⁸⁷ Este projeto é executado contando com o apoio financeiro da FAPESP (processo nº 10/51221-9) e CNPq (bolsa produtividade concedida a Eda Tassara).

⁸⁸ Cf. Tassara (2007) e Weil (1949) e (1966).

uma força de coesão entre indivíduos e grupos, constituindo formas organizativas permanentes ou efêmeras de coletivos sociais e políticos.

No que diz respeito a esta investigação de mestrado, o seu tema foi pensado a partir do *background* acima referido, buscando-se um lócus para um estudo mais aprofundado (no sentido de um estudo de caso) das relações pessoa-ambiente. A busca dos sujeitos da pesquisa se pautou pela habitação dos mesmos em um determinado território por um período longo, bem como por sua participação ativa em ações coletivas vinculadas ao local de moradia. Neste sentido, foi contatada uma família residente em um bairro de uma cidade da região do Vale do Paraíba (SP), através de contatos e indicações de colegas e pessoas que conheciam o tema proposto pelo estudo.